

JANIARA DE LIMA MEDEIROS  
(ORGANIZADORA)

# FÁBULAS PARA SE LER ALÉM DA ESCOLA



Maria  
Safra

Marcia Pinheiro.

EDITORA  
SCHREIBEN

JANIARA DE LIMA MEDEIROS  
(ORGANIZADORA)

**FÁBULAS  
PARA SE LER  
ALÉM DA ESCOLA**



  
EDITORA  
SCHREIBEN  
2024

© Da Organizadora - 2024  
Editoração e capa: Schreiber

Revisão:

Janiara de Lima Medeiros (jlmedeiros@id.uff.br)  
Silvio Marcos Dias Santos (silviosantos@id.uff.br)

Ilustrações:

Gabrielle Bacelar Nogueira (gabriellebacelar@id.uff.br)  
Pedro Henrique Araújo do Carmo (filho da graduanda Aline Araújo da Silva)  
Maria Sofia Moreira Pinheiro (capa)  
Maria Manuella Moreira Pinheiro (contracapa)

Livro publicado em: 12/03/2024  
Termo de Publicação: TP0082024

**Conselho Editorial (Editora Schreiber):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)  
Dr. Airton Spies (EPAGRI)  
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)  
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)  
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)  
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)  
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)  
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)  
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)  
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)  
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)  
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)  
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)  
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)  
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)  
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)  
Dra. Marciane Kessler (URI)  
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)  
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)  
Dr. Odair Neitzel (UFFS)  
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiber  
Linha Cordilheira - SC-163  
89896-000 Itapiranga/SC  
Tel: (49) 3678 7254  
editoraschreiber@gmail.com  
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F134 Fábulas para se ler além da escola. / Organizadora : Janiara de Lima Medeiros. – Itapiranga : Schreiber, 2024.  
124 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.  
EISBN: 978-65-5440-227-9  
DOI: 10.29327/5384231

1. Educação. 2. Fábulas – educação. I. Título. II. Medeiros, Janiara de Lima.

CDU 37:82

## AUTORES

Aline Araújo da Silva (araujo\_aline@id.uff.br)  
Aline Fernandes belchior (alinefb@id.uff.br)  
Ana Paula da Silva Lima (anapaulasl@id.uff.br)  
Ana Paula Silva Marques (anamarques@id.uff.br)  
Ana Rayla Figueiredo Dias (anarayla@id.uff.br)  
Ana Vitoria Araujo Ramos (anavitoriaar@id.uff.br)  
Anddy Silva do Nascimento (anddy.angra@hotmail.com)  
Ariel Clementino Silva (arielsilva@id.uff.br)  
Asafh Ruben Pereira Rocha (arprocha@id.uff.br)  
Ayla Saiury Aguiar Tonaki (aylasaiury@id.uff.br)  
Beatriz de Oliveira Santos (beatrizos@id.uff.br)  
Beatriz Duarte de Souza (beatrizds@id.uff.br)  
Beatriz Mangia Borges (beatrizmb@id.uff.br)  
Bruna Sarah Cardoso (brunasarahcardoso@id.uff.br)  
Caio Cesar Aragão da Silva Ferreira (caioaragao@id.uff.br)  
Camila de Souza Coelho (camilacoelho@id.uff.br)  
Celma Fernandes Silvestre (celma\_fernandes@id.uff.br)  
Gabrielle Bacelar Nogueira (gabriellebacelar@id.uff.br)  
Geovanna Emele Sá da Costa (geovannasa@id.uff.br)  
Glauciane Ribeiro de Freiras (glaucianerf@id.uff.br)  
Ingrid da Conceição Barroso (ingrid\_barroso@id.uff.br)  
Isabel Vitoria Barbosa da Silva (isabelvitoria@id.uff.br)  
Janiara de Lima Medeiros (jlmedeiros@id.uff.br)  
Jeniffer Kauna Rosa de Lima (jenifferrosa@id.uff.br)  
Jhoanna Luiza Sá da Costa (jhoanna@id.uff.br)  
Joice Souza Trindade (joicest@id.uff.br)  
Kayanne Cristinne Marinho de Souza (kayanne@id.uff.br)  
Larissa Maria da Silva Santana Mariano (larissams@id.uff.br)  
Letícia de Araújo Rodrigues (leticiaar@id.uff.br)  
Letícia Gabrielle Sá da Costa (leticiasa@id.uff.br)  
Letícia Soares Souza Lopes (lesoareslopes@id.uff.br)  
Lisa Alessandra Barros Lopes (lisalopes@id.uff.br)  
Lorena dos Santos Alencar de Souza (lorenasas@id.uff.br)  
Lucas Corrêa Nascimento (lucascn@id.uff.br)  
Lucas Dos Santos Macedo (macedolucas@id.uff.br)

Luiza Barbosa Sartine (luizabarbosa008@gmail.com)  
Manuelli da Silva Vitor (manuellisilva@id.uff.br)  
Maria Alzeli Pereira da Silva (duda.56leandro@gmail.com)  
Maria Beatriz Henrique Moreira Geraldo (mariageraldo@id.uff.br)  
Maria Clara de Souza Barboza (mariaclar.1610@gmail.com)  
Maria Eduarda Venancio Santos (mvenancios@id.uff.br)  
Maria Onete Lopes Ferreira (molferreira@id.uff.br)  
Mário Sérgio Soares (marios@id.uff.br)  
Melani Gonçalves de Araújo (melanigoncalves@id.uff.br)  
Nicolle do Couto Jordão Ferreira (nicollej@id.uff.br)  
Paula Enaely de Marins Oliveira (anaely@id.uff.br)  
Pedro Quintanilha de Assis (quintanilhapedro@id.uff.br)  
Perla Souza da Conceição (perlasc@id.uff.br)  
Phamella Andressa da Silva Oliveira (phamellasoliveira@id.uff.br)  
Rafaela Cavalcante (rafacavalcante@id.uff.br)  
Sandra Melice Silva dos Santos (melicesandra@id.uff.br)  
Silvio Marcos Dias Santos (silviosantos@id.uff.br)  
Suelem de Paula Raimundo (suelemp@id.uff.br)  
Verônica Lopes Dutra da Rocha (veronicaldr@id.uff.br)  
Vitória Eduarda da Silva Santos (vitoriae@id.uff.br)  
Vivian dos Santos de Assis (viviansa@id.uff.br)  
William de Goes Ribeiro (wgribeiro@id.uff.br)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de vida concedida no Instituto de Educação de Angra dos Reis - Universidade Federal Fluminense (IEAR-UFF),  
lugar de ricos saberes.

Oportuno agradecer aos mestres: Ronaldo Rosas Reis, meu grande orientador; Zuleide Simas da Silveira, coordenadora do grupo de pesquisas GPETED/UFF<sup>1</sup> e Giovanni Semeraro quem me inspira nos estudos gramscianos.

Em especial agradeço aos graduandos do IEAR que me proporcionaram esta experiência singular de aprendizado. Todos, sem exceção, fazem parte da minha trajetória acadêmica, profissional e, sobretudo, da minha história.

---

1 Grupo Pesquisa Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: pensamento crítico latino-americano e tradutibilidade de Antonio Gramsci (GPETED) / Universidade Federal Fluminense (UFF).

## SUMÁRIO



PREFÁCIO.....	8
<i>William de Goes Ribeiro</i>	
RESUMO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
Síntese das fábulas.....	17
Fábulas para se ler além da escola – justificativa do título.....	21
As fábulas.....	22
A COBRA E A CENTOPEIA.....	23
A COELHA E A ESQUILA.....	25
A CORUJA E O MORCEGO.....	27
A ESCOLA DAS EMOÇÕES.....	29
A FESTINHA SURPRESA.....	32
A PATA LILICA E O MARRECO LELECO.....	34
A PROCURA DO TESOURO DO ARCO-ÍRIS.....	37
A VIAGEM DO ORNITORRINCO.....	39
A VOZ DA MONTANHA.....	42
AMIZADE ENTRE O SR RATO E A DONA BARATA.....	44
BRAQUI, O MUSICISTA, E SEU MARACA.....	46
CALEB E A CAIXA MISTERIOSA.....	48
CHIARA, A CACHORRA INTELIGENTE.....	50
FORMAS EM PERIGO.....	52
JOANINHA E O GATO.....	54
MANHOSO E A MANIA DE GERSON, O CÃO ESPERTALHÃO.....	56
MANU EM UM PAÍS QUE É UMA MARAVILHA.....	60
O CASTELO DE PALAVRAS.....	62
O BODE E O LOBO.....	64
O ANIVERSÁRIO DE ESMERALDA.....	66
O AFETO.....	68

O PAPAGAIO E O SAPO.....	71
O LEÃO DANÇARINO.....	73
O OGRO DO BOSQUE ENCANTADO.....	75
O PÁSSARO-PALITO E O CROCODILO.....	77
O VELHO CASTOR.....	79
OS TESOUROS DE FELÍCIO E TOBIAS.....	81
PIATÃ: FORTE E REALIZADOR.....	83
SAPO CACAU.....	86
UMA GRANDE IMAGINAÇÃO E SUA SOLIDÃO.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
POSFÁCIO.....	91
<i>Silvio Marcos Dias Santos</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXOS - PARA COLORIR.....	95



## PREFÁCIO

Se está correto o poeta quando diz que a coisa vale não por aquilo que possamos medir, mas pelo efeito que ela produz em nós, o livro “Fábulas: para se ler além da escola” cumpre um valoroso papel na afirmação da relevância de uma formação de leitores, gerando conhecimentos de cunho crítico e emancipatório. As fábulas que a obra apresenta, elaboradas por discentes e orientada pela docente, podem ser lidas como linhas de conexão de cada participante e do todo ao mesmo tempo, trabalhando a partir da escrita os espaços-tempos da relação que os mesmos nutrem com as suas vidas e com as vidas dos outros. Os referidos textos, como uma composição artística, remetem à experiência social e proposições para se viver. Sobre isso, temos acompanhado questões delicadas com as quais estamos tentando lidar, como o preconceito e a discriminação (política, de línguas, religiosa, econômica, de gênero, entre outras). As fábulas geram o atravessamento de tais problemas e convocam, à sua maneira, como se deve lidar com a convivência, incluindo aspirações, valores e expectativas. Aqueles (as) tidos (as) como “os outros” escrevem (de muitas formas) e são os grandes adversários de projetos de homogeneidade, do capital; projetos impossíveis, mas almejados, os quais deixam marcas e efeitos indesejáveis e inaceitáveis.

Evoquemos Manoel de Barros, o escritor das miudezas, para lidar com os sentimentos que o material deste livro provoca. A obra é resultado de esforços de diversos (as) estudantes e da professora, representando um encontro de experiências, de memórias; uma espécie de entrecruzamento inspirador, mobilizado por trabalhos que se articulam na contramão. Uma iniciativa que revela a emergência de uma rede criativa e corajosa, a qual já está gerando deliciosos frutos, para além dos textos, enfrentando desafios relacionados com as desigualdades. Em vez da culpabilidade, o trabalho é com a potência; em vez da crítica imobilizante, visualiza a configuração inteligente e sensível. Desobedece aos produtos curriculares enlatados e às normativas engabetadas, cujos interesses se revelam tão cruéis quanto ineficazes, os quais se voltam a projeções de disciplinados e adequados a padrões pré-estabelecidos. Os efeitos às vezes geram o sentimento de que há algo de errado, não nas pessoas, mas nesses modelos. Haja vista tais problemas, as fábulas convocam o envolvimento pedagógico e político, mobilizado por uma linguagem tão expressiva e poderosa quanto a escrita. Assim, podem coincidir em alguns aspectos com documentos oficiais, mas geram opções que questionam, ainda que nas entrelinhas, uma

dura realidade que é parte do ensino no país, em tempos da globalização multidimensional. Realidade desigual, explicitada por todos os interlocutores mencionados na obra.

Em diálogo com o exposto, ainda que não tenhamos acordos gerais sobre os valores em jogo na educação, nem a respeito de como por em prática tais ações anunciadas como oficialmente curriculares, temos debatido e caminhado, pelo menos parte de estudiosos e educadores, para uma resistência às opressões e às discriminações. Infelizmente, temos sido afrontados por tentativas assustadoras de revisionismo histórico, negacionismos, ultraconservadorismo e ameaças às ciências e ao conhecimento. Não podíamos deixar de lembrar que a situação pandêmica e perturbadora atravessada recentemente, apresenta muitas relações com tais discursos, assim como outros que geram desigualdades de diversas ordens, as quais saltam aos olhos e tocam os corações minimamente sensíveis, explicitando a falência de sociedades capitalistas, fincadas em individualismo, meritocracia e competitividade.

Mas, podemos receber acalentos no “miudinho” que são poderosos e grandiosos. O livro de fábulas é nesse sentido um belo regalo. Podemos incluir este livro no contexto de tais iniciativas que privilegiam temáticas problematizadoras, críticas e libertadoras, sobre como a universidade se faz potência e não um pretexto para a arrogância egocêntrica. Sim, temos problemas, mas não apenas! O colonialismo – articulado a efeitos do capitalismo e do racismo - não gosta de alegria. Em “O nome da rosa”, lembremos dessa bela produção cinematográfica, o riso era considerado perigoso. Ora, perigoso para quem? Termino este prefácio sorrindo, inspirado pelos sonhos, pelo encantamento, pelas narrativas, pelas fábulas as quais tive contato, a partir de leituras agradáveis e acalentadoras. De muitas formas, esta obra convida docentes - que trabalham com a língua portuguesa, de ofício ou não, acadêmicos e profissionais da educação, a valorizar o ensino. Ademais, convida a sorrir mais, criando um mundo mais acolhedor e justo. Nenhuma crítica precisa necessariamente ser amarga e antilúdica, já que pode se dar em um emaranhado de experiências outras nas quais o riso é constitutivo (até mesmo como sobrevivência). Assim, a proposta é a de um compromisso com as trajetórias de vida dos sujeitos e com uma educação que tenha como um dos seus principais alicerces a garantia de uma sociedade e de uma escola, onde cada um (a) tenha mais oportunidades de acolhida e de experiências positivas na escolarização. Espero então que leia o livro e me conte: o que pensa a respeito, caro (a) leitor (a)? Aceita o convite?

*William de Goes Ribeiro*

*Prof. Adjunto da Universidade Federal Fluminense - UFF*

## RESUMO

Este trabalho contextualiza a busca pela formação leitora com a prática docente do pedagogo. Num primeiro momento há a preocupação com a formação leitora e com a produção escrita do graduando em Pedagogia e, em seguida, busca-se inquieta-lo acerca da responsabilidade e do desafio para formar leitores nos anos iniciais do ensino fundamental. Como resultado do trabalho realizado no curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis - Universidade Federal Fluminense (IEAR-UFF), no ano de 2023, esta produção busca apresentar a síntese de como foi despertada a formação do leitor a partir da consciência da necessidade da leitura após o reconhecimento de diversas obras literárias e dos gêneros textuais em seus diversos tipos de textos. Além da prática da leitura, enquanto educadores, enfatizou-se a importância da elaboração de diferentes textos seguindo a norma padrão da Língua Portuguesa. A oportunidade com a teoria e com a prática da leitura e da produção textual na expectativa da técnica, repercutiu em reflexões a respeito da cultura, da linguagem e da formação humana integral e emancipatória. Os multiletramentos direcionaram à multiplicidade cultural de diferentes públicos e multiplicidade de significações, com reflexos dos seus diferentes signos linguísticos, objetos e interpretações. Como referencial intelectual, buscou-se articular os pensamentos de Antônio Gramsci (2019, 2001, 2000), Mikhail Bakhtin (2006, 1997), Paulo Freire (2002, 1989) e Magda Soares (2018, 2009) em que, cada um no seu tempo e espaço, contribuiu com reflexões e ações objetivando transformações sociais. Este trabalho resulta da práxis pedagógica a partir do processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa em que as fábulas se tornaram centrais enquanto produção textual pelos graduandos cuja intenção ultrapassou a essência da técnica da escrita.

**Palavras-chave:** Formação docente. Cultura. Fábulas. Formação de leitores.

## INTRODUÇÃO

A conscientização da relevância do hábito da leitura se estabelece com a prática. Desta forma, os educadores constituem papel fundamental na formação do leitor a partir do estímulo à leitura. Assim, corrobora-se com Freire quando afirmara que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (1989, p.9).

Neste sentido é que, vislumbrando a formação de graduandos em Pedagogia, entre seus conteúdos de estudos relacionados aos fundamentos e às metodologias do ensino na educação básica que, em se tratando da Língua Portuguesa, no que se refere a leitura e a produção textual, encontrou-se o desafio à formação de leitores que se transformou em um dos maiores objetivos disciplinares aos futuros educadores.

Nesta direção, diante da disciplina “Leitura e Produção de Textos” enquanto componente curricular obrigatório da graduação em Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense (IEAR-UFF), buscou-se despertar o interesse dos graduandos pela leitura por meio da reflexão à conscientização necessária para a formação de novos leitores por meio da atuação pedagógica. Assim, para que os futuros educadores possam despertar em seus educandos a motivação para diversas leituras, torna-se fundamental que os mesmos sejam atentos, interessados e praticantes do ato de ler. Do exposto, tratam-se aqui de três dimensões: a primeira prima pela formação leitora do pedagogo, como objetivo principal da disciplina “leitura e produção de textos” oferecida no primeiro período da graduação; a segunda dimensão visa a necessidade leitora do pedagogo à sua prática enquanto educador (no aspecto geral) e, especificamente, como docente; a terceira dimensão aponta a necessidade da formação de leitores dos anos iniciais do ensino fundamental por estes graduandos.

A partir da compreensão da leitura como essencial ao processo ensino-aprendizagem, no trabalho realizado ao longo dos dois semestres do ano, a docente da graduação buscou inquietar os alunos com diferentes leituras e experimentar diferentes métodos e recursos propiciadores à motivação dos mesmos para o hábito de ler, destacando conforme preconiza as Diretrizes Curriculares da Educação Básica:

[...] a leitura é vista como um ato dialógico, interlocutivo. O leitor, nesse contexto, tem um papel ativo no processo da leitura, e para se efetivar como co-produtor, procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, nas suas experiências e na sua vivência sócio-cultural (PARANÁ, 2008, p. 45).

Compreendendo a leitura e a produção textual como atividades inerentes ao desenvolvimento humano, os ingressantes na graduação em Pedagogia no primeiro semestre de 2023, vivenciaram a experiência dos objetivos da disciplina “Leitura e Produção de Textos” percorrendo desde a formação de leitores, ao entendimento quanto a importância da leitura para a vida contemporânea; a leitura literária; as práticas de leitura, compreensão, interpretação e redação de textos pertencentes a vários gêneros (literários e não literários; verbais, não verbais e verbo-visuais; acadêmicos e não acadêmicos); a reflexão crítica sobre as produções oral e escrita; o desenvolvimento da prática textual (considerando desde a estruturação de textos, a coesão e a coerência textuais, parágrafo, tópico frasal e desenvolvimento); o reforço aos aspectos da língua em uso a fim de favorecer a ampliação da competência comunicativa dos graduandos.

A trajetória da leitura percorreu os tipos diferentes de texto (narrativo, descritivo, expositivo, dissertativo e argumentativo), buscando-se compreender suas respectivas funções. No entanto, o trabalho aprofundou-se na expectativa dos multiletramentos, trazendo à tona a identificação, a interpretação, a criação e comunicação de significados e sentidos por meio de inúmeras formas de comunicação despertadas pelos cinco sentidos. A escolha por tratar dentro da visão do multiletramento corrobora com Rojo (2012) quando trata da valorização das diversas culturas sociais, sobretudo, as existentes no meio escolar. Assim é possível aceitar e aferir grande valor às diferentes leituras sejam inclusive as marginalizadas socialmente e, portanto, muitas vezes desconhecidas na escola. Pensando inclusivamente é que foi possível abordar o multiletramento também na perspectiva semiótica, por meio da qual foi possível articular usos de diferentes linguagens desde a linguagem escrita, a linguagem imagética (estáticas ou em movimento) e a imagem corporal atribuindo o brilho da arte e da estética na identificação do graduando a sua subjetividade. Por esta razão justificou-se ousar por experimentar os olfato, paladar, visão, audição e tato - e suas relações com as diversas percepções que agiram como indutores - em favorecimento deste trajeto marcado pela emoção, pela aventura e pelo prazer de ler e de oportunizar a liberdade para a seleção de leituras.

É possível observar, desta forma, que os objetivos da leitura e da formação leitora ultrapassam ao interesse na perspectiva do letramento, visto que se buscou a diversidade literária à diversidade de estilos de produção textual em que, a partir das relações e das interações com diferentes gêneros do texto, foram construídas finalidades diversas. Por meio desta prática foi possível apresentar aos graduandos a diferença do que se espera da alfabetização (aquisição do sistema da escrita) e o que se espera do letramento (imersão na escrita, ou melhor, é o que se produz a partir da aquisição deste sistema). (SOARES, 2018).

O estímulo à leitura e à produção escrita percorreu a perspectiva dos multiletramentos, sendo apresentados aos graduandos textos e veículos de comunicação tais como vídeos, memes, imagens, notícias, músicas, jogos e brincadeiras, animações, entre outros, buscando integrar linguagem, conhecimento tecnologias e internet. A adoção desta metodologia buscou explorar os diferentes modos de expressão, considerando a diversidade cultural e linguística. Logo, buscou-se por um trabalho pedagógico na perspectiva da inclusão.

Para início das atividades, foi realizado um levantamento quanto a prática e o gosto pela leitura pelos dos graduandos e, em seguida, buscou-se inquietá-los quanto a literatura científica e dos diferentes gêneros textuais, buscando o reconhecimento da sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Aos que afirmaram não ter gosto pela leitura, foi oferecida a possibilidade de apresentar filmes, séries, jogos ou formas de comunicação que mais apreciassem. O resultado do trabalho acerca dos resultados da qualidade leitora e de produção textual foram avaliados por meio de atividades selecionadas para este fim, como por exemplo, questionários de avaliações da disciplina, das atividades, da docente e auto avaliação discente (sem identificação do aluno) que serão objeto de análise e produção científica noutro trabalho.

Para fins desta experiência será dado foco à produção de textos “fábulas” sugeridos e criados pelos alunos. O gênero textual Fábula foi destacado em razão de ter sido o gênero unanimemente descontraído, agraciado, inicialmente por sua leveza e, em seguida, revelando seu forte teor de criticidade, fundamental ao processo da formação humana (MEDEIROS, 2019).

A metodologia adotada para esta prática com os graduandos deu-se por meio de pesquisas dos gêneros textuais e da aplicação teórica na construção de novos conteúdos pelos próprios graduandos. Neste sentido foi realizado diagnóstico sobre a leitura do gênero, foram realizadas dinâmicas para motivação da escrita a partir do processo criativo entre outras atividades dentro e fora de sala de aula que oportunizassem a leitura, a compreensão, a interpretação, a organização de pensamentos, a produção oral e a produção escrita pelos graduandos.

Entre os resultados observados (os quais serão objetos de análise e produção em futura oportunidade), está a motivação e dedicação na produção de materiais próprios dos alunos sendo confeccionados individualmente, em duplas ou grupos, cujo objetivo fosse a aplicação nas salas de aula pelos graduandos para seus futuros educandos.

Desta forma, os graduandos tiveram a oportunidade de desenvolver material próprio para trabalho futuro na prática em sala de aula com seus alunos

da Educação básica, sobretudo, do Ensino Fundamental 1, correspondente entre 1º e 5º anos, conforme regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. (BRASIL, Lei nº 9.394/1996).

O envolvimento na atividade pelos alunos iniciantes na graduação despertou o interesse dos alunos de outros períodos do mesmo curso de Pedagogia que, cursando a disciplina Língua Portuguesa – Conteúdo Método, puderam desenvolver fábulas a partir da análise do gênero constante na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Na testagem do método com os alunos de Pedagogia de períodos mais avançados, foi possível além de identificar as habilidades desenvolvidas nos educandos ao utilizar este gênero como ferramenta para motivação do ensino à leitura e à compreensão autônomas, por meio das narrativas ficcionais em que personagens e cenários estruturam-se no tempo, espaço, enredo distintos e na construção dos discursos direto e indireto, também foi possível reconhecer oportunidades como a ampliação lexical e análise das comunicações de uso coloquial e de estruturas em conformidade com a norma padrão da Língua Portuguesa, entre outros elementos textuais e intertextuais.

Além das questões da Língua e da linguagem, por meio das fábulas é possível difundir valores fundamentais à formação humana libertadora relacionados às relações sociais, ética, respeito às diferenças, entre outros aspectos (FREIRE, 2002. p.32) que refletem o cotidiano e conflitos inerentes à vida em sociedade de maneira lúdica.

No que diz respeito a BNCC como política pública educacional, discutiu-se com os alunos quanto as questões de caráter didático-pedagógico que, conforme Medeiros (2021, p.15), necessita de uma análise crítica. Desta forma, buscou-se refletir quanto ao estabelecimento, por meio da BNCC, de uma nova “pedagogia” fundamentada no desenvolvimento de competências e habilidades, em que

foi possível analisar a estruturação didático-curricular que, na implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em seu tecnicismo reforçado pelo pragmatismo, não apenas contribuiu para a disciplinarização intelectual por meio dos cinco itinerários formativos, mas também negou a autonomia da práxis pedagógica na relação ensino-aprendizagem, ao estabelecer um currículo formal único em meio à pluralidade nacional. (MEDEIROS, 2021, p. 8)

A institucionalização da pedagogia das competências como base da BNCC, é motivada pela perspectiva capitalista em que “busca exercer preponderância no âmbito da educação escolar e, em seguida, direciona-se ao âmbito do capital (MEDEIROS, 2021, p. 53). Assim, as políticas públicas educacionais orientadas pela razão do capital dirige o fazer escolar à instrumentalização das práticas

educativas. Neste sentido é que, embora haja a crítica quanto a prática do ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito a intencionalidade da confecção dos materiais didáticos e o direcionamento do discurso hegemônico utilizando-se dos gêneros textuais, por exemplo. Questionou-se na sala de aula que, seguindo a perspectiva bakhtiniana (2006), ser possível apropriar-se do discurso como “ferramenta linguística/filosófica” a fim de compreender a realidade social.

Neste sentido, as representações de Bakhtin (1997) quanto ao “signo ideológico” e “formação da consciência” são métodos que podemos nos apropriar a fim de, pedagogicamente seguir a “cartilha” neoliberal preestabelecida na teoria e na prática, fomentar a construção do pensamento a partir da leitura, do letramento, para os quais os “Gêneros do discurso” são utilizados à reflexão, interpretação da realidade atual e construção de uma nova proposta de mundo.

Neste sentido, as fábulas instrumentalizadas por educadores críticos e comprometidos com a formação humana para a emancipação social do sujeito (GRAMSCI, 2000, p. 19) e, desta forma, “configura-se numa ação de contra-hegemonia por meio da qual se busca que, além da escola, sejam produzidos outros espaços de luta e reivindicação para que sejam concretizadas as transformações almejadas pela sociedade.”. (MEDEIROS, 2021, p. 136)

Neste contexto, ainda que Gramsci (2001, p. 20) tenha considerado que “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis.”, defendeu a perspectiva de formação integral (GRAMSCI 1991), cuja proposta insere “valores da autodisciplina, do humanismo e da autonomia moral, como pontos fundamentais e básicos para uma especialização a ser decidida pelo estudante posteriormente.” (MEDEIROS, 2021, p. 71).

Assim, apropriando-se da característica das fábulas Gramsci contribuiu significativamente apresentando reflexões e suas inquietações por meio das cartas que escrevera do cárcere. Destaca-se aqui uma destas cartas em que o autor italiano escreveu, em 1931, à sua mulher, solicitando que contasse aos filhos. Expressando-se carinhosa e didaticamente, o autor sardo utilizando-se da fábula para narrar assuntos da realidade local como a coletividade, a economia local, a exploração ambiental e dos bens comuns. Em “O rato e a montanha”, Gramsci (2019) discorre a saga de um rato que, após beber o copo de leite de um menino deixando-o com fome, arrependeu-se e por esta razão aventurou-se em busca leite disponível.

Esta surpreendente narrativa reforça as características da fábula enquanto texto contado há cerca 2800 anos, despertada pela necessidade espontânea humana para expressar pensamentos utilizando-se de imagens, emblemas ou símbolos (GÓES, 1984, p. 144). Assim como em “O Rato e a Montanha” as ilustrações originais cumprem o papel da linguagem não-verbal em harmonia



com o lazer e a sociabilidade cultural, no desenvolver das atividades de elaboração das fábulas pelos graduandos da Pedagogia, inseriu-se ao grupo uma graduanda de Geografia com habilidades de ilustração. Segundo sua declaração, a leitura das fábulas para a criação das imagens possibilitou desenvolver um olhar didático, despertando interesse pedagógico que favorecerá sua atuação profissional no futuro. Os textos produzidos oferecem olhares diferentes acerca do fazer pedagógico conforme segue:

## SÍNTESE DAS FÁBULAS

Na fábula A COBRA E A CENTOUPEIA, a moral apresentada articula o enredo contado informando que nem sempre força e esperteza são suficientes para ser um vencedor. A autora reforça que é essencial ter calma para analisar situações difíceis e adaptar soluções para superar os obstáculos e enfatiza que esta é a grande chave para que possamos alcançar nossos objetivos, mesmo quando não nos achamos capazes.

Nem sempre você ter um conhecimento a mais não te torna melhor que o outro. Todos temos nossas qualidades e habilidades. Por isso em A COELHA E A ESQUILA há uma mensagem especial sobre não podermos nos deixar abalar por qualquer coisa que as pessoas ao nosso redor falam: acredite no seu potencial.

A história é uma metáfora que incentiva os graduandos para a persistência e afirma que se você chegou até aqui, neste seu nível de conhecimento, já passou por vários processos difíceis em cada fase de aprendizado (que você aprendeu a falar, a ler, a escrever e a produzir escrita!) Então, acredite em você: o que te define são as suas qualidades e habilidades, não são as críticas de pessoas que desconhecem os bastidores da sua vida.

Você se torna uma pessoa melhor e mais feliz quando doa um pouco de si para ajudar o próximo. Esta é a conclusão da narrativa de A CORUJA E O MORCEGO.

Na fábula A ESCOLA DAS EMOÇÕES nos enriquece com um aprendizado que deve ser aplicado em todas as áreas e em momentos da nossa vida. Trata do autoconhecimento e equilíbrio emocional. Esta narrativa nos ensina que o real aprendizado se dá quando assumimos nossas emoções e a partir daí refletimos em como podemos resolver momentos difíceis da vida. Então, não tenha medo de reconhecer suas emoções. Ainda que seja desconfortável, é importante ter controle emocional para estar preparado para conhecer a verdade a fim de buscar soluções concretas.

A FESTINHA SURPRESA apresenta uma narrativa leve e sincera. Inspira-se em Oscar Wilde para finalizar “Cada um dá o que tem no coração e cada um recebe com o coração que tem!”

É preciso tratar o outro sempre bem, sendo um incentivador das pessoas e não alguém que traz desânimo. Esta mensagem da fábula A PATA LILICA E O MARRECO LELECO apresenta que o mais importante é sempre se colocar no lugar do outro e saber tratar o seu colega como você gostaria que ele te tratasse.

Desse jeito, se você com certeza não vai querer que te tratem mal, você também não tratará ninguém mal e assim vamos ter dias mais felizes!

A PROCURA DO TESOURO DO ARCO-ÍRIS é uma fábula encantadora que enfatiza que o maior tesouro do mundo são as verdadeiras amizades construídas ao longo do caminho, por entre trilhas e obstáculos.

Com um título tão criativo, A VIAGEM DO ORNITORRINCO apresenta a história cujo final nos emociona ao refletir sobre nunca estarmos sozinhos, principalmente se ousarmos conhecer pessoas diferentes e fazer novos amigos.

Em A VOZ DA MONTANHA é possível compreender que nem tudo que podemos ouvir, precisa ser dito, as vezes só precisamos olhar com mais atenção. A fábula nos incentiva a olhar com mais atenção para a natureza ao nosso redor, respeitando-a, preservando-a e assim terá momentos ímpares de felicidade sem igual.

A divertida fábula sobre A AMIZADE ENTRE O SR RATO E A DONA BARATA nos envolve quanto a reflexão sobre mágoa e rancor guardados podem impedir de ver coisas boas na floresta da vida. É preciso reconhecer as amizades antes de correr o risco de perdê-las. Independentemente de ser com amigos, é nobre e engrandecedor compartilhar o que temos com quem nada tem.

Em BRAQUI, O MUSICISTA, E SEU MARACA há uma mensagem bem motivante para que se mantenha perseverante mesmo quando surgirem obstáculos à realização dos seus sonhos.

Para os que gostam de mistérios, em CALEB E A CAIXA MISTERIOSA a mensagem enfatiza a beleza e a riqueza que estão nas nossas memórias.

Chiara! Este nome chique é de uma cachorra sem *pedigree*. CHIARA, A CACHORRA INTELIGENTE nos ensina que todos somos diferentes e, portanto, todos precisamos de inclusão.

A narrativa FORMAS EM PERIGO apresenta uma reflexão sobre as diferenças e o *bullying*, infelizmente ainda presente em vários ciclos sociais, inclusive na escola. No entanto, a narrativa expressa que a diferença evidenciada por meio do preconceito tem qualidades que só podem ser descobertas se houver permissão para conhecer e conviver.

Os que gostam dos felinos vão se deliciar desta amizade entre JOANINHA E O GATO cujo princípio da caridade é reforçado para atenção e solidariedade a partir dos seus entes mais próximos pois talvez na própria família haja alguém muito necessitado precisando do seu apoio.

Em MANHOSO E A MANIA DE GERSON, O CÃO ESPERTALHÃO é apresentada a ética como fundamental para que as relações sejam harmoniosas. Considerar o outro, é compreender que somos o outro do outro e não julgar as pessoas por algum erro que, porventura, cometam. E complementa que é

sempre bom mostrar um caminho assertivo, sobretudo para as crianças. E neste contexto recomenda não se deixar levar por conteúdos midiáticos, mas sim selecionar melhor os conteúdos para crianças, supervisionar as redes sociais, entre outras ações.

Em **MANU EM UM PAÍS QUE É UMA MARAVILHA** conhecemos uma linda criança portadora de deficiência que descobre que sonhar pode nos fazer descobrir mundos incríveis e que a vontade é a energia de que precisamos para buscar a realização dos sonhos.

O **CASTELO DE PALAVRAS** é uma narrativa que reforça a importância de dizer a verdade sobre quaisquer circunstâncias pois a mentira destrói construções e afasta as pessoas, por isso devemos apenas falar verdades.

Moral da história: é importante que não duvidemos da capacidade dos outros pois todos temos capacidade para fazer o que pretendemos. Este ensinamento de **O BODE E O LOBO** reforça para que você possa acreditar que é capaz de fazer o que quiser.

Em **O ANIVERSÁRIO DE ESMERALDA** há o apelo contra as fake News e encerra com a moral: “não poste informações falsas nas redes sociais. Você pode ser o maior prejudicado”.

O **AFETO** apresenta uma história doce e querida apontando que muitas vezes o que uma criança mais precisa não é nenhum bem material, mas sim de afeto.

Como seria a amizade entre **O PAPAGAIO E O SAPO**? Ao analisar esta surpreendente narrativa será possível compreender que somente com prática e com persistência é possível buscar a perfeição.

Já imaginou **O LEÃO DANÇARINO**? pois imagine desde já e conheça este personagem que aprendeu a não permitir ninguém colocar limites nos seus sonhos.

Quem disse que o ogro é mau? seria esta a sua aparência real? Desvele este mistério em **O OGRO DO BOSQUE ENCANTADO** em que a história se desencadeia no aconselhamento contra os julgamentos das aparências e enfatiza que o perdão é questão de decisão.

Em **O PÁSSARO-PALITO E O CROCODILO** há uma aventura de consciência socioambiental que nos mostra a partir da relação de cooperação que os dois indivíduos são beneficiados. Logo, não vivem isolados, se ajudam e assim “uma mão lava a outra”.

Às vezes, só fazer a nossa parte faz toda a diferença. Esta é a moral da história de **O VELHO CASTOR** que nos motiva a agir para o bem, independente das adversidades e das companhias.

Caçadores de tesouros, atenção! **OS TESOUROS DE FELÍCIO E**

TOBIAS podem ser muito atraentes, sobretudo o seu ensinamento acerca da leitura como um tesouro que todos nós devemos buscar. Por meio dos livros, ganhamos conhecimento, crescimento pessoal e uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor. Não importa se somos um gato curioso ou um cão brincalhão, a leitura sempre nos proporcionará um mundo de descobertas e sabedoria.

Inspirado na vida do matemático Alan Turing, a narrativa PIATÃ: FORTE E REALIZADOR apresenta que coisas inimagináveis podem ser realizadas por pessoas que menos esperamos.

Uma lição para o cotidiano aprendemos com SAPO CACAU que nos mostra a importância de sermos organizados e nos preparamos previamente, quando possível, para as atividades. Mas se não conseguiu se preparar, busque falar a verdade, corrija-se e organize-se.

A palavra solidão suscita tristeza. Para entanto, em UMA GRANDE IMAGINAÇÃO E SUA SOLIDÃO há um acalento ao recomendar que para diminuir o sentimento de solidão é preciso dedicar todo o tempo para quem amamos.

Os resultados observados com as atividades que, desenvolvidas atingiram uma proporção além do esperado para a docente das disciplinas Leitura e Produção de Texto e Língua Portuguesa – Conteúdo e Método, impactando graduandos de Pedagogia e uma graduanda de Geografia.

Cabe destacar o agradecimento formalizado por escrito pela graduanda de Geografia na entrega das ilustrações:

"Em primeiro lugar, muito obrigado!

Essa oportunidade foi extremamente necessária para meu crescimento pessoal como artista independente e estar em conjunto com colegas da universidade também. Apesar dos contratempos que são existentes em qualquer área, foi uma enorme experiência!

Como desenhista, sei a importância e o significado das ilustrações, e como muitas sensações podem ser passadas por um simples desenho. Nas fábulas não é diferente, educação através de imagens é tão mais rico que a educação tradicional, e é definitivamente mais benéfico para a compreensão de disciplinas abstratas, como a geografia em si, ou a vastidão da língua portuguesa e suas relações pedagógicas. Logo agradeço.

Com carinho,

Gabrielle Bacelar Nogueira."

O desenvolvimento das atividades envolveu também a apresentação prática em sala de aula com atividades de relacionadas a língua portuguesa na perspectiva da leitura do mundo. Desta forma os graduandos participantes que vivenciaram construções completas, concretas, significativas e satisfatórias conforme produções textuais que seguem.

## **FÁBULAS PARA SE LER ALÉM DA ESCOLA – justificativa do título**

As fábulas foram criadas pelo escravo grego Esopo (Século V a.C.) com o objetivo de comunicar de maneira mais simples com os adultos. Sua linguagem ganhava vida através dos personagens como animais, forças da natureza ou objetos, cujas características humanas apresentadas (como a fala, os costumes, etc.) finalizam com uma “moral”. Os diálogos construídos entre os animais e as situações do cotidiano buscavam transmitir alguma lição moral ao homem. (AVELEZA, 1999).

Segundo Corazzi e Melo (1986), as fábulas apareceram na literatura brasileira durante o Romantismo, em 1852, ao ser publicada a Coleção de fábulas, imitadas de Esopo e de La Fontaine de Justiniano José da Rocha. Em seguida, destaca-se na literatura fabular o autor Monteiro Lobato (1882-1948) cria as suas narrativas como a turma do Sítio do Picapau Amarelo. Segundo o autor,

as fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde resulte a “moralidade”, isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. (LOBATO, 1921, s/p)

As atividades de produção do texto se concretizaram nas fábulas que poderão ser utilizadas dentro ou fora da sala de aula para público diversos. Destaca-se, à luz de Antonio Candido (1995), sociólogo e crítico literário, que a literatura é uma experiência cultural que deve ser acessível a todos.

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 1995, p. 174).

Além de contribuir ao desenvolvimento da linguagem escrita, do cognitivo e do raciocínio, a literatura ainda é fonte de cultura humana para todas as fases da vida. Reconhece-se a responsabilidade das fábulas como ferramenta à

formação do sujeito dentro ou fora da escola. Embora amplamente trabalhada nas escolas e como componente curricular, é um método de construção à formação de valores desde a infância. No entanto, o título deste trabalho estimula a leitura em espaços além da escola, considerando, principalmente, que a formação do leitor deve ser para a vida, como prática nos diversos espaços sociais.

A abordagem das fábulas na literatura, sua inserção e a apresentação para o leitor como instrumento de construção do senso moral e do pensamento crítico, mostra-se como um auxílio no desenvolvimento de uma percepção das questões sociais, auxiliando na formação de seu caráter e trazendo implicações éticas, visto que elas apresentam elementos instigantes para provocar reflexões e discussões significativas. Sendo assim, incentiva-se a leitura de fábulas para além da escola, para a vida!

## **AS FÁBULAS**

A capacidade comunicativa que propicia ensinamentos e transmissões de ideias de forma mais atraente, motivadora e acessível contribui para o reconhecimento do valor da força das palavras e, sobretudo, das construções linguísticas capazes de educar, entreter e inspirar leitores de todas as idades dentro e fora do contexto escolar.

A popularização das fabulas incentivou a formação de leitores e de novos fabulistas, contribuindo para que o gênero enraizasse na literatura brasileira.

## A COBRA E A CENTOPEIA

Ana Paula Silva Marques ([paula\\_marques@id.uff.br](mailto:paula_marques@id.uff.br))

Certo dia em uma floresta exuberante havia uma cobra e uma centopeia. Ambas muito espertas! O dia estava ensolarado, o que as fez chamar atenção para uma árvore centenária que ali crescera. As duas ficaram surpresas com a sua grandeza e se perguntaram se conseguiriam chegar ao topo.



A Cobra, como era confiante e ótima escaladora, logo disse:

- Mas é claro, imagina só! Isso vai ser moleza!

A centopeia olhou para suas perninhas, que eram tão pequeninas, porém numerosas, e disse:

- Mas é claro que não! Eu que irei ganhar, olha só minhas centenas de pernas, isso já me faz campeã!



E a centopeia, lá no seu íntimo dizia:

- Isso não vão dar certo... vou acabar tropeçando!

E lá foram elas: ao mesmo tempo começaram a subir. A cobra, como de costume, subiu rápido, já rindo e debochando da cara centopeia, e logo disse:

- Viu só como é fácil! Olhe e aprenda comigo: sou a rainha da escalada!

Hahahaha

Mas o tronco velho soltava sua casca o que começou a fazer a cobra escorregar. Enquanto isso a centopeia subia, no seu ritmo... até que alcançou sua adversária. Ao passar pelo mesmo local que a cobra, a centopeia percebeu que poderia usar suas patinhas para se agarrar à casca e assim foi subindo até o topo.

Contudo, a centopeia tropeçava muito, o que a fez pensar em desistir. Mas, movida pelo desafio, a pequena escolopendra persistiu até o último passo até que olhou pra cima e nem acreditou: via o céu azul! Já estava no topo!

Sua opositora indagou:

- Como isso pôde acontecer? Eu sou a melhor em subidas em árvores dessa floresta!

A centopeia, mais discreta, humilde e muito inteligente, respondeu à cobra:

- A senhora cobra pode até ser a melhor em escalar, mas isso não te faz vencedora. O que nos faz vencer é a sabedoria para conseguir analisar obstáculos e se adaptar às dificuldades.

A cobra e a centopeia - moral da história:

*Nem sempre força e esperteza são suficientes para ser vencedor: é essencial ter calma para analisar situações difíceis e adaptar soluções para superar os obstáculos. Essa é a grande chave para que possamos alcançar nossos objetivos, mesmo quando não nos achamos capazes.*

## A COELHA E A ESQUILA

*Celma Fernandes Silvestre (celma\_fernandes@id.uff.br)*

Em um certo dia de aula na floresta, houve uma competição de rima: a coelha e a esquila eram famosas naquela escola, por possuírem habilidades de rimar e de cantar. Foi feita uma votação entre os alunos, e as duas foram escolhidas para o desafio da rima.



A coelha como havia feito aulas de música, já estava se sentindo campeã, e disse:

- Para que você vai quer disputar comigo, se já ganhei essa batalha?

A esquila tinha suas qualidades, mas nunca tinha feito aula de música, porém cantava muito bem desde pequena, então respondeu:

- A competição ainda não aconteceu, e eu tenho muita habilidade com rima.

Mas, a esquila sabia que a coelha era boa, tanto, quanto ela.

A professora organizou o espaço, e o restante dos alunos foi para a plateia, e as duas ficaram no meio da sala para rimar.

As duas estavam ansiosas para começar a rimar, e a professora sorteou com a moeda quem começaria. No sorteio quem começou foi a coelha. Cheia de autoconfiança e prepotência a coelha começa a rimar, mas acabou perdendo a voz, pois estava um pouco resfriada, em seguida passou o microfone para a esquila, e ela deu um show, rimou muito bem e a plateia aplaudiu de pé.

Após as duas terminarem de rimar, aconteceu a votação entre a classe, no qual a campeã foi a esquila, ela ficou tão feliz que não estava acreditando que tinha vencido e disse para turma:

- Nossa que felicidade, obrigada a todos que votaram em mim.

Enquanto isso, a coelha no canto da sala estava indignada com a derrota, mas reconheceu que não foi bem na batalha e foi dar os parabéns para a coelha. Depois disso teve uma festinha para a comemoração, no qual a floresta toda foi convidada.

A coelha e a esquila - moral da história:

*Nem sempre você ter um conhecimento a mais não te torna melhor que o outro. Todos temos nossas qualidades e habilidades. Na vida não podemos nos deixar abalar por qualquer coisa que as pessoas ao nosso redor falam: acredite no seu potencial. Se você chegou até aqui, neste seu nível de conhecimento, já passou por vários processos difíceis em cada fase de aprendizado (que você aprendeu a falar, a ler, a escrever e a produzir escrita!) Então, acredite em você: o que te define são as suas qualidades e habilidades, não são as críticas de pessoas que desconhecem os bastidores da sua vida.*

## A CORUJA E O MORCEGO

*Ayla Saiury Aguiar Tonaki (aylasaiury@id.uff.br)*

Em uma noite estrelada na floresta, a dona coruja estava lendo seu livro preferido, quando um morcego veloz batendo suas asas derrubou o livro da coruja.



- Ei, você precisa tomar cuidado! Derrubou o meu livro preferido. Disse a coruja.

- Me desculpe, eu estava com pressa, estou faminto!! Preciso achar alguma frutinha pra comer! Respondeu o morcego! Que com o olho enorme ia abocanhando uma frutinha vermelha que ali estava.

- NÃO, Não coma isso! Gritou a coruja.

- Mas estou com muita fome, preciso comer.

- Mas essa frutinha é venenosa. Eu li no meu livro que se você comer essa frutinha

você pode se dar mal.

- Caramba! Você me salvou! Obrigado coruja, eu não sabia.

- Viu como ler é importante? Assim podemos aprender muitas coisas.

- É verdade! Vou te ajudar a achar seu livro para que continue sabendo muitas coisas e ajudando mais animais!

Então, os dois desceram da árvore e foram para o chão procurar o livro perdido. Ao chegarem lá se depararam com um macaco caído. A coruja disse que sabia como ajudar, já que também tinha lido sobre primeiros socorros de animais. Socorreram o macaco e ele logo acordou, disse que o livro caiu em sua cabeça e por isso ficou tonto e desmaiou. A coruja e seu novo amigo se desculparam e se ofereceram para pegar algumas bananas para ele e para o morcego comerem pois ele ainda estava com fome. O macaco ficou agradecido e ajudou a levar o livro para o alto da árvore.

E no final da noite todos ficaram satisfeitos e fizeram belas amizades.

A coruja e o morcego - moral da história:

*Você se torna melhor e mais feliz quando doa um pouco de si para ajudar o próximo.*

## ESCOLA DAS EMOÇÕES

*Isabel Vitoria Barbosa da Silva (isabelvitoria@id.uff.br)*

*Janiara de Lima Medeiros (jlmedeiros@id.uff.br)*

A Escola das Emoções era a mais conhecido do bairro de Jacuecanga. Sua fama se deu porque todas as crianças aprendiam a fazer 'caras e bocas' para expressarem suas emoções. Elas circulavam pela escola carregando seus chapéus das emoções: o da alegria era todo colorido porque cada cor traz uma energia; o da tristeza era vazio, somente contornado por arame; o do otimismo era verde pois representava a esperança; assim como quem estivesse num dia muito afetuoso utilizada o chapéu vermelho.



O motivo dos chapéus se deu para que os colegas das crianças pudessem se contagiar por boas emoções quando precisassem e, quando avistassem um colega com o chapéu vazio, os outros poderiam ajudar.

Minha mãe chama-se Rita. Ela trabalhou nesta escola ajudando a olhar as crianças, principalmente na hora dos recreios. Os professores a chamavam de inspetora de alunos. As crianças a chamavam de D. Ritinha, a amiga dos alunos. Mamãe contou-me a história do menino Zé que muito me emocionou e quero compartilhar com vocês. O menino Zé era alegre e confiante e vivia a trocar de chapéu colorido listrado por chapéu colorido quadriculado entre tantos modelos.

Certa vez, após a semana das provas bimestrais, o menino Zé parou de sorrir e, embora com o chapéu colorido, ele andava com as feições abatidas e sem ânimo. Quando seu amigo Joãozinho aproximou-se usando um chapéu vazio e o menino Zé se afastou, quebrando uma regra fundamental da Escola das Emoções: contagiar com alegria quando vissem um amigo usando o chapéu da tristeza.

Minha mãe perguntou para o menino Zé:

- O que houve Zé? Por que você não se aproximou do amigo Joaozinho para ajuda-lo com a tristeza ao curá-lo com sua alegria?

O menino Zé respondeu:

- D. Ritinha, eu não quero que ninguém saiba que eu tirei nota baixa em matemática. Meus pais ficarão decepcionados! Se algum amigo vir, poderá contar para a minha mãe quando ela chegar para me buscar no final da aula.

D. Ritinha era tão carinhosa com as crianças como tão boa zeladora da escola. Ela observava o menino Zé falando muito entristecido e envergonhado da sua nota. Não queria que seus pais ficassem chateados ou frustrados com o seu resultado em matemática.

- Menino Zé, a verdade escondida não é resolvida e um dia seus pais vão saber. A tristeza poderá ser grande por perceberem que você não contou a verdade. – disse minha mãe para o aluno.

Menino Zé respondeu:

- Mas eu não tenho coragem de falar isso pra eles... não sei nem por onde começar...

D. Ritinha sugeriu uma forma sem que precisasse falar e disse ao menino Zé:

- meu amiguinho, coloque o chapéu que expressa seu real sentimento. Quando sua mãe chegar para busca-lo, vá ao encontro dela e leve a prova corrigida com a nota. Entregue a prova à sua mãe e abrace-a. Não precisa dizer nada. Embora em silêncio ela vai perceber o seu sentimento, o motivo e sua intenção.

Assim fez o menino Zé. Após abraçar fortemente a sua mãezinha o menino pôs-se a chorar. A mãe o olhou fixamente, levantou-lhe o rosto com uma das mãos em seu queixo e disse:

- Filho, me orgulho de você por ter dito a verdade e assumido o seu sentimento. Agora vamos entender o que aconteceu nesta prova, nos dedicar e buscar melhor resultado na próxima. A vida é assim. Nem sempre as coisas são como queremos.

Menino Zé, emocionado sorriu e disse:

- Mãezinha, obrigada por me ensinar a dizer a verdade, a expressar meus sentimentos e a enfrentar meus desafios. Vou recuperar esta nota.

E mãe do menino respondeu, carinhosamente:

- Filho, com certeza hoje você demonstrou que aprendeu mais do que qualquer conta de matemática. O seu comportamento refletiu um conhecimento que vai refletir muito mais que na nota de matemática: refletirá na sua vida. Tenho muito orgulho de você.

D. Ritinha os observava de longe, emocionada. Logo pensou: - acho que contribuí para mais um momento feliz. Não sou professora das disciplinas, mas tenho de ensinar para a vida.

Esta história contada por mamãe ficou fixada na minha memória e por isso quis compartilhar com vocês.

A escola das emoções - moral da história:

*O real aprendizado se dá quando assumimos nossas emoções e a partir daí refletimos em como podemos resolver momentos difíceis da vida. Então, não tenha medo de reconhecer suas emoções. Ainda que seja desconfortável, é importante ter controle emocional para estar preparado para conhecer a verdade a fim de buscar soluções concretas.*



## A FESTINHA SURPRESA

*Jeniffer Kauna Rosa de Lima (jenifferrosa@id.uff.br)*

*Kayanne Cristinne Marinho de Souza (kayanne@id.uff.br)*

*Nicolle do Couto Jordão Ferreira (nicollej@id.uff.br)*

*Paula Enaely de Marins Oliveira (anaely@id.uff.br)*

*Verônica Lopes Dutra da Rocha (veronicaldr@id.uff.br)*

*Vivian dos Santos de Assis (viviansa@id.uff.br)*

Querido diário,

Eu sou Aurora. Quero falar do meu dia de hoje que foi muito legal. Mesmo sendo segunda-feira, fizemos uma festa surpresa para a melhor professora do mundo: a professora Tailyne. E mesmo eu tendo apenas oito anos de idade, consegui organizar tudo sozinha!



Na sexta-feira a nossa professora contou nos contou que hoje seria o seu aniversário. Logo fiquei muito preocupada porque ninguém tinha pensado em nada para dar a ela.

Como a nossa professora favorita não ia ter uma festinha surpresa?

Por isso foi que no fim da aula eu falei com a minha mãe:

- Mamãe eu tive uma ideia genial! Segunda- feira a professora Tailyne vai fazer aniversário. Pensei em fazer uma festinha surpresa. O que a senhora acha?

Minha mãe logo respondeu:

- Nossa! Filha, que legal! O que você tem em mente?

Prontamente eu a respondi:

- Acho que seria maravilhoso se eu e meus coleguinhas levássemos comidinhas deliciosas e decorássemos a sala com as coisas que a professora gosta.

Minha mãe é sempre muito animada e já se antecipou:

- Muito legal! Vou conversar com a mãe da Júlia, do Miguel e do João.

E assim foi feito: mamãe conversou com os pais dos meus coleguinhas. No final de semana preparamos como seria a festinha: a mãe da Júlia deu os pastéis, os pais do Miguel e do João levaram os docinhos e eu e minha mãe fizemos um bolo de chocolate que é o preferido da professora Tailyne.

Hoje na hora do recreio começamos a enfeitar a sala: a Bia levou os balões, eu e meus amigos buscamos flores do jardim e colocamos desenhos que fizemos por toda sala.

Quando a tia chegou ficou tão feliz que chorou de emoção! Acredita que ela nunca tinha recebido uma festa surpresa?

A festinha surpresa - moral da história:

*Cada um dá o que tem no coração e cada um recebe com o coração que tem!*

*(Já dizia Oscar Wilde)*

## A PATA LILICA E O MARRECO LELECO.

*Aline Araújo da Silva (araujo\_aline@id.uff.br)*

Numa floresta muito bonita, cheia de árvores bem verdes, com frutos, muitas flores e muitos bichos, tinha um lago onde viviam a pata Lilica e o marreco Leleco.

A pata Lilica gostava de cantarolar e brincar, Lilica sempre cantarolava quando o marreco Leleco estava por perto, porque ela pensava que ele era um espectador dela e aí cantava o mais alto possível, quando ele estava próximo.



- Lara Lara Lili Lara Lara Lili Lili, oi marreco Leleco! Que dia lindo para cantar! Você não acha?

- Um dia péssimo! Olha só esse sol! Queimando a gente de tanto calor, assim a gente vai ficar deprimidos.

- Meu Deus você tem que ser rabugento todos os dias? Olhe as coisas pelo

lado bom e não pelo lado ruim!

- Para mim tanto faz, vai ser a mesma coisa.

Leleco tratava a Lilica de um jeito diferente porque ela cantava melhor que ele. Tinha um certo despeito no ar.

Mas mesmo assim, Lilica tinha um coração bom, procurava tratar a todos bem e ajudar.

Num outro dia, a bicharada fez um concurso de canto com um prêmio de melhor cantor da floresta e um troféu espetacular para ser dado ao ganhador.

A pata Lilica se inscreveu e também inscreveu o marreco Leleco, porque ela sabia que ele gostava de cantar e queria ver ele tentar também, pensou que ele poderia ficar um pouco mais contente e chegou no marreco e disse:

- Leleco, inscrevi nós dois no concurso de cantoria da floresta!

Ele, olhando e sorrindo com aquele sorriso de canto de bico e passando um ar de falsidade é um tanto de desdenho diz:

- Hum... legal! Não preciso muito, mas vou treinar.

O marreco Leleco ficava com raiva e muito rabugento, tinha inveja e queria cantar como a pata Lilica.

Ele tentava cantar e ganhar em vários concursos, mas sempre perdia porque cantava muito mal, era rabugento, não sabia perder, vivia de cara feia e não dava o “braço a torcer” que precisava buscar treinar e de ajuda.

O tempo passou e o grande dia do concurso chegou, estava tudo muito lindo, com luzes muito brilhantes, palco enfeitado e toda a bicharada animada.

Pouco a pouco cada participante foi fazendo sua apresentação, a pata Lilica empatou com o Sr. Rouxinol e tiveram que fazer um dueto, que foi lindo e arrancou muitos aplausos e choros de emoção. Quem levou a melhor foi o Sr. Rouxinol, mas a pata Lilica ficou muito feliz com o segundo lugar e mais feliz ainda em ver o seu colega ganhar, afinal, ela sabe que mesmo tendo concorrentes, devemos saber perder e também reconhecer quem ganhou e jamais desistir, mas ficar alegre com o que o outro conquistou.

Já o marreco Leleco, levou a pior! Ficou em 15. Lugar e saiu a reclamar e dizer que muitos ali não chegavam aos pés dele, ficou de cara amarrada e de bico fechado. E mesmo estando na pior, ainda foi rir e caçoar da pata Lilica porque ela não tirou o 1º Lugar.

- Qua qua qua qua, gargalhou ele, zombando na cara da Pata Lilica, você perdeu, está vendo!

A Pata Lilica respondeu:

- Sim, temos que saber perder para aprender a ganhar.

E o marreco continua com seu pensamento pessimista.

- Não tem jeito, vou desistir porque ninguém gosta de mim cantando, eu

nunca vou conseguir.

Aí ela tenta animá-lo e eles começam a conversar mais:

- Marreco Leleco, não pense assim, nós sempre podemos melhorar, basta querer e basta treinar!

- Se você quiser, eu posso te ajudar e podemos treinar juntos!

Ele fica espantado com o que acaba de ouvir, achando aquilo tudo muito estranho e diz:

- Mas em troca de que você me ajudaria? Eu nunca ao menos fui simpático contigo!

Ela sorri, lhe dá um abraço e diz:

- Mamãe me ensinou que devemos tratar a todos como gostaríamos de sermos tratados e mais ainda em saber se colocar no lugar do outro. Aí, eu me colocando no seu lugar, ficaria muito feliz se alguém pudesse me ajudar.

Nossa! Que impacto isso causou no marreco Leleco, ele derrama uma lágrima e ali por alguns rápidos instantes ele faz um exame de consciência e vê um filme da sua vida e de suas atitudes com os outros passando bem rápido. Aquilo faz ele refletir por muitos e muitos dias. Passando-se um tempo, o marreco Leleco vai até a pata Lilica puxar assunto e começa a puxar conversa com ela.

- Bom dia Lilica! Como você está?

- Bom dia Leleco! Eu vou muito bem e você?

- Eu estou bem e pensei muito no que você me disse, quero sua ajuda e poder treinar convive para eu poder cantar melhor!

- Nossa Leleco! Será um prazer! Podemos começar agora.

E eles começaram ali a treinar, Leleco foi conseguindo mudar um pouquinho seu jeito, porque começou a reconhecer que suas atitudes não eram legais e não eram as pessoas que eram ruins com ele e sim ele que fazia isso com as pessoas.

Como essa floresta é muito animada, veio outro evento da bicharada, agora um concurso de karaokê em duplas. E olha só a surpresa! A pata Lilica e marreco Leleco se inscrevem para cantar como dupla!

Chegou o dia e eles cantaram e arreventaram! Todos aplaudiram muito e eles ganharam o primeiro lugar em dupla!

Foi uma felicidade só!

A pata Lilica e o marreco Leleco – moral da história:

*É preciso tratar o outro sempre bem, sendo um incentivador das pessoas e não alguém que traz desânimo. O mais importante é sempre se colocar no lugar do outro e saber tratar o seu colega como você gostaria que ele te tratasse. Desse jeito, se você com certeza não vai querer que te tratem mal, você também não tratará ninguém mal e assim vamos ter dias mais felizes!*

## A PROCURA DO TESOIRO DO ARCO-ÍRIS

*Maria Clara de Souza Barboza (mariaclar.1610@gmail.com)*

Em um dia de férias várias crianças de uma rua resolveram caminhar no parque que ficava perto de suas casas. Durante a caminhada as crianças viram um arco-íris muito lindo e Pedro falou com seus amigos:

- Vamos procurar pelo final do arco-íris? Minha mãe me contou que lá tem um tesouro perdido!



Algumas crianças não quiseram ir pois tinham que voltar à casa. Desta forma, somente quatro delas continuaram com Pedro, e ele falou:

- Como vamos achar o final do arco-íris?

Então Vitória o respondeu:

- Vamos seguir por aquela trilha que certamente ela nos levará até lá!

Então as crianças começaram a subir pela trilha indicada por Vitória. De repente encontraram uma raposa no meio do caminho que falou assim:

- Por que vocês querem passar por esta trilha crianças?

Então Vinícius, uma das crianças que estava ali a respondeu:

- Nós queremos chegar ao final do arco-íris para encontrarmos o tesouro e ficarmos ricos!

A raposa então falou:

- Tomem cuidado crianças! Muitas vezes o maior tesouro não podemos comprar com dinheiro nenhum.

Depois de falar isso a raposa saiu do caminho e deixou as crianças passarem em direção à trilha. Após caminharem um pouco mais elas chegaram na linda cachoeira, encontraram o final do arco-íris e ao lado dele tinha um baú. As crianças foram correndo muito animados até o baú colorido que ali se encontrava. Chegando lá o abriram e encontraram algumas moedas de ouro e uma carta que dizia assim:

“O maior tesouro não são moedas de ouro e sim as amizades que foram construídas pelo caminho”.

As crianças entenderam o significado da carta e voltaram para suas casas muito felizes e com novos amigos que eles levaram para a vida toda.

A procura do tesouro do arco-íris – moral da história:

*O maior tesouro do mundo são as verdadeiras amizades construídas ao longo do caminho, por entre trilhas e obstáculos.*

## A VIAGEM DO ORNITORRINCO

*Beatriz Duarte de Souza (beatrizds@id.uff.br)*

*Geovanna Emele Sá da Costa (geovannasa@id.uff.br)*

*Jhoanna Luiza Sá da Costa (jhoanna@id.uff.br)*

*Joice Souza Trindade (joicest@id.uff.br)*

*Lucas Corrêa Nascimento (lucascn@id.uff.br)*

Amizades costumam surgir quando indivíduos com gostos em comum se encontram.

O que pode surgir de uma amizade inesperada entre seres de diferentes aparências e preferências?

E se esses seres forem um ornitorrinco, excluído por ser um mamífero semiaquático que põe ovos, e um menino solitário, por ser o único entre os da sua escola e da sua família a gostar de animais diferentes dos que são conhecidos popularmente?

Numa tarde de domingo, o menino João foi passear com sua família em um zoológico e observou que sua mãe e seu pai davam atenção especial ao seu irmão mais novo porque Junior (o irmão mais novo), Junior chamava-lhes a atenção para os animais famosos das histórias como: o leão, o macaco, a girafa e o elefante.

Por isso João resolveu andar sozinho pelo zoológico em busca de animais diferentes dos que todos ali admiravam. Em sua caminhada avistou uma jaula com um ornitorrinco triste e sozinho. Desta forma percebeu que entre eles havia algo em comum. Então João o questionou:

- Olá! Onde está o seu público?

- Talvez esteja com os leões, ou com os macacos ou com o grupo das aves. Por que está curioso? O que faz aqui? Não quer ver um animal mais atraente?

- Eu estava caminhando e vi que você estava sozinho assim como eu. Por isso eu resolvi vir te ver.

João ficou olhando para o ornitorrinco pensativo por alguns segundos... logo veio uma ideia para que os dois não ficassem sozinhos e fez um seguinte convite ao animal:

- Vamos dar um passeio? Talvez possamos ir à praia!

- À praia? Questionou o ornitorrinco achando muito engraçado.

- Sim, talvez possamos ir às montanhas ver aquelas árvores. Apontou o menino para a parede que o prendia.

- Oh sim! Eu posso ver. disse o ornitorrinco emocionado. Eu nunca fui à praia! Mas estou preso nesta jaula. Não posso sair.



João aproximou-se e abriu e viu que a jaula não estava trancada. Abriu-a e falou:

- Sua jaula estava aberta este tempo todo. Vamos comigo! Embarque comigo nesta aventura.

O ornitorrinco respondeu:

- João, vou me aventurar com você. Mas desejo continuar aqui para, agora que sei que sou livre, entender porque as pessoas ainda não vêm aqui. Além do mais, eu gosto deste ambiente e dos bons tratos que recebo aqui. Eu queria ter um amigo. Agora você me proporcionou isso. Estou feliz!



João ficou tão contente que descobriu que o ornitorrinco não estava preso, aceitou seu convite e estaria ali para novos encontros. João o abraçou e disse:

- Estou muito feliz por encontrar você!

- Mas, por quê? Eu sou tão estranho, ninguém nunca falou isso para mim.

- Minha família me deixava de lado e eu não percebia que poderia fazer algo importante. Mas com você eu percebi que posso fazer a diferença se for atencioso e desejar fazer o bem.

- Ah! Já estou acostumado por ser deixado de lado: não faço parte de nenhum grupo dos animais. Sou feio, esquisito, mamífero e as fêmeas são ovíparas!

- Pare! Você é lindo! As pessoas ainda não o conhecem e talvez por isso entendem a sua beleza.

Neste momento João ouviu gritos de desespero:

- Joãoooooo, Joãoooooo.

Era a mãe de João que não parava de gritar a sua procura. João voltou-se ao ornitorrinco e falou:

- Tenho que ir amigo, depois eu volto para retomarmos nossa conversa e os planos da nossa viagem.

Eles se despediram sabendo que algo especial havia acontecido.

Aproximando-se dos seus pais João os abraçou. Sua mãe, chorando de preocupação por medo de tê-lo perdido perguntou:

- Onde você estava João?

- Estava viajando com o ornitorrinco!

- Ornito...quem? Perguntou a mãe surpresa e assustada.

- É o animal mais incrível que já conheci....

João contou a história de como conheceu o ornitorrinco à sua mãe que disse:

- João, meu filho. Você nos deixou muito preocupados. Pensamos tê-lo perdido! Mas estamos orgulhosos por sua coragem e desprendimento para conhecer um animal diferente e tão especial que se tornou seu amigo.

João entendeu que havia se precipitado ao pensar que seus pais não lhe davam atenção, e viu que era oportuno acrescentar sua lição:

- Mãe, hoje aprendi que precisamos a porta pode não estar fechada: é preciso tentar abri-la para descobrir. O ornitorrinco me fez entender que o afeto pode vir de laços que estão além da família, inclusive de animais. Também aprendi que para viajar não é preciso sair do lugar: basta termos imaginação.

A viagem do ornitorrinco – moral da história:

*Nunca estamos sozinhos principalmente se ousarmos conhecer pessoas diferentes e fazer novos amigos.*

## A VOZ DA MONTANHA

*Gabrielle Bacelar Nogueira (gabriellebacelar@id.uff.br)*



Era inverno no Sul do Brasil.

Um homem que vivia em uma área congelada, gélida e quase desabitada, estava pescando em um lago tão frio quanto suas bochechas. O mesmo se sentia muito sozinho, naquela montanha que só ele, e apenas ele vivia. Mas, por que ele vivia ali solitário?

Este homem era chama-se Marco. Ele era um guarda florestal. Por isto ele tinha o dever de proteger aquela área resguardada por lei. Apesar da solidão e do frio, Marco permanecia no pé da montanha, dentre os pinheiros e a neve.

Certa noite Marco estava dentro da sua cabana, junto ao fogo, se perdendo em pensamentos quando se lembrou de algo que um colega de escola mencionou

antes dele se mudar para a montanha.

- Você vai adorar trabalhar nessa área Marco. Dizem que de lá da montanha é possível ouvi-la falar!!!

- Pff, balela! Essas montanhas não falam, tampouco sussurram! Neste lugar só existe gelo e silêncio, e agora eu!

No entanto, em seu íntimo, Marco alimentou a esperança de que pudesse conversar com a Montanha. Mas até então nada tinha escutado que não fossem seus dentes batendo. Frustrado, Marco foi se deitar e esperar por um novo dia.

Na manhã seguinte, algo o fez despertar mais cedo que o normal. Mas não foi o celular, que fazia essa função todos os dias. Foi o balançar das cortinas vermelhas de seu quarto junto ao frio cortante que o fizeram pular da cama. Surpreso pela falta de luz natural, olhou as sombras das árvores e notou certos raios de sol dentre as mesmas.

Curioso, se propôs a olhar lá fora, saindo pela porta da frente e indo ver o que chamara sua atenção. E o cenário foi de tirar o fôlego! As aves cantando, a montanha sendo agraciada pelo sol nascendo que crescia cada vez mais por trás das outras montanhas.

Como não tinha prestado atenção nisso antes? Seu foco sempre estava no celular para despertar para o trabalho; nos relatórios que precisa fazer para enviar por e-mail para seu chefe; no silêncio atormentador que as vezes o fazia pensar em desistir deste trabalho e; no frio que o lembrava que por isso precisava trabalhar ali: para ganhar dinheiro que pudesse sustentar e aquecer sua família que morava na cidade.

No entanto, a vista que Marco se encantou foi de uma beleza espalhafatosa! Seus olhos ficaram fixados e expressando emoção. Neste sentido foi que Marco sentiu as montanhas estavam falando com ele e assim pôde interpretar o são das suas vozes agradecendo pelo seu trabalho protetor daquele local singular.

A voz da montanha – moral da história:

*Nem tudo que podemos ouvir, precisa ser dito, as vezes só precisamos olhar com mais atenção. A maioria dos meios ambientes a nossa volta, sejam eles verdes ou não, mexem conosco de uma forma que, através de palavras ditas não se pode descrever. Então busque olhar com mais atenção para a natureza ao seu redor, respeitando-a, preservando-a e assim terá momentos ímpares de felicidade sem igual!*

## AMIZADE ENTRE O SR RATO E A DONA BARATA

*Maria Alzeli Pereira da Silva (duda.56leandro@gmail.com)*

Sr Rato e a Dona Barata eram grandes amigos. Mas em um dia quente e com pouca comida em casa, o Sr Rato demonstrou algo inusitado: ele pegou a comida e começou a comer sozinho. A Dona Barata, cheia de fome, perguntou:

- Sr Rato, posso comer também?

Sr Rato respondeu:

- Dona Barata, eu encontrei esta comida sozinho então ela é só minha.

Dona Barata não aceitou e eles começaram a brigar. Entre tapas o Sr Rato falou para a Dona Barata:

- Vá embora daqui! Não te quero mais morando comigo.



Dona Barata ficou muito triste. Decepcionada, pegou sua sacola, colocou nas costas e foi embora para a floresta à procura de comida.

Depois de andar muitos dias, cansada, com fome e com muita sede, Dona

Barata, chegou a floresta. Lá ela percebeu que havia um lago próximo a uma caverna e correu para beber água. No momento que terminou de beber, percebeu que estava se sentindo muito bem e descobriu que água tinha um gosto bom com sabor de beterraba, rúcula, e espinafre e logo passou sua fome.

Com mais clareza olhou ao redor e percebeu que era um lago mágico que saciava todas as suas necessidades. Assim Dona Barata ficou morando na floresta por vários anos. Porém ela nunca deixou de sentir saudade de seu amigo Sr Rato.

Até que um dia, passeando pela floresta, encontrou alguns amigos em comum, e perguntou:

- Como está meu amigo, o Sr Rato?

Os amigos responderam:

- Ele está muito doente! Quando você foi embora ele ficou triste e adoeceu de arrependimento e tanta saudade sua. Agora ele está deitado na cama e não consegue se levantar de tanta fraqueza!

Dona barata então pensou:

- Meu amigo Sr Ratinho deve estar com muita fome, pois tinha pouca comida na casa. Vou voltar pra casa e levar a porção mágica do lago para que ele beba e fique curado.

Dona barata então voltou para a casa de seu amigo. Chegando lá ela o encontrou deitado, muito doente, e falou

- Oi amigo, estava com saudades! Fiquei sabendo que você estava muito doente e trouxe uma porção mágica que vai te curar logo logo.

Sr Rato bebeu a porção mágica e na mesma hora ficou curado. Sr rato então falou à Dona Barata:

- Obrigado por ter dividido comigo. Por favor, desculpe-me por ter brigado com você. Eu me arrependi, mas não sabia por onde te procurar. Eu estava com muita saudade. Arrependimento e saudade me deixaram doentes, mas você não me abandonou.

Dona Barata sentiu-se feliz, forte e um grande ser por tamanha nobreza. Não guardou rancor e decidiu ajudar seu amigo, passando por cima do que ele havia feito de errado por entender que ele se arrependeu.

E assim, os dois amigos se abraçaram e fizeram as pazes, como dois amigos deve ser.

A amizade entre o Sr Rato e a Dona Barata – moral da história:

*Guardar mágoa e rancor pode impedir de ver coisas boas na floresta da vida. É preciso reconhecer as amizades antes de correr o risco de perde-las. Independentemente de ser com amigos, é nobre e engrandecedor compartilhar o que temos com quem nada tem.*

## BRAQUI, O MUSICISTA, E SEU MARACA

*Janiara de Lima Medeiros (jlmedeiros@id.uff.br)*  
*Maria Onete Lopes Ferreira (molferreira@id.uff.br)*

Era uma vez um jovem dinossauro que desde criança adorava tocar um chocalho que chamava de maraca. Ele estava sempre bem disposto e dizia que seu bem estar era porque alimentava-se de muitas plantas. Seu nome era Braquiossauro, mas seu pai o chamava carinhosamente por Braqui.



Sempre que o pai de Braqui o via tocando maraca chamava a sua atenção e dizia:

- Braqui, não é assim que os dinossauros devem se comportar.

Braqui parava por um tempo... mas logo em seguida voltava a tocar.

Um belo dia, Braqui ficou sabendo de um musical que ia acontecer do outro lado do parque, na área habitada por outros animais que eram chamados de seres humanos.

Braqui pediu ao seu pai para ir ao musical. Mas o pai riu dele e falou:

- Nós, dinossauros, não nos misturamos com seres humanos. Se você for, todos vão fugir assim que te avistarem.

Braqui, o musicista, ficou muito triste e chorou. No entanto, sua paixão por tocar maraca era tão forte que resolveu insistir e voltou a pedir ao seu pai:

- Pai, e se acontecer ao contrário? Se os seres humanos, não correrem e ficarem curiosos para saber o que eu quero fazer lá? Para que um dia eles não tenham medo e me aceitem eu preciso arriscar e ir: eles precisam saber que sou vegetariano! Quero compartilhar meu talento e não viver me escondendo.

O pai então disse:

- Faremos assim então: vai disfarçado. Use uma fantasia como se fosse um outro animal humano. Depois me conta como foi a reação deles ao te virem.

Assim buscou fazer o jovem Braqui. Ele procurou diversas formas para se fantasiar e se fazer passar por ser humano. Depois de tantas tentativas Braqui, inseparável da sua maraca, decidiu ir sem qualquer disfarce. Colocou seu melhor traje e partiu ao musical.

Com o sentimento de medo, ele foi chegando devagarinho, com muita atenção, e observando ao redor. Começou a escutar as batidas dos outros instrumentos e seu corpo entrou no ritmo envolvente e dançadamente ele continuou em direção aos seres humanos.

Quando avistaram o dinossauro todos correram para se esconder. Foi nesta hora que Braqui gritou:

- Amigos, não tenham medo. Eu só vim para tocar com vocês! Vejam, trouxe meu maraca!

Um homem, corajoso, foi se chegando e vendo que não tinha perigo, gritou:

- Venham todos! Vocês precisam ver como este dinossauro toca muito!

Os outros seres humanos começaram a se aproximar e, envolvidos pela música, deixaram-se contagiar e seus corpinhos a requebrar! Em segundos estavam todos tocando seus instrumentos e bailando, cada um do seu jeitinho, todos ao mesmo som!

Desta forma iniciou-se a amizade entre seres humanos e dinossauros. Muitos e muitos anos depois os seres humanos de uma tribo chamada tupi-guarani aperfeiçoaram o instrumento musical que passou a ser símbolo musical dos povos originários de um país chamado Brasil.

Braqui, o musicista, e seu maraca – moral da história:

*Mantenha-se motivado mesmo quando surgirem obstáculos à realização dos seus sonhos.*



## CALEB E A CAIXA MISTERIOSA

*Ana Vitoria Araujo Ramos (anavitoriaar@id.uff.br)*

*Beatriz Mangia Borges (beatrizmb@id.uff.br)*

*Beatriz de Oliveira Santos (beatrizos@id.uff.br)*

*Ingrid da Conceição Barroso (ingrid\_barroso@id.uff.br)*

*Larissa Maria da Silva Santana Mariano (larissams@id.uff.br)*

*Perla Souza da Conceição (perlasc@id.uff.br)*

Caleb era um menino muito esperto e gostava de procurar coisas novas ao seu redor. Numa tarde, mais uma vez se pôs a explorar o colorido quintal de sua casa, quando em meio às folhas encontrou uma caixa.



Curioso e esperto como era, logo encontrou uma forma de destravar a tranca da caixa que já estava enferrujada. Dentro da caixa Caleb encontrou uma coisa que não soube explicar exatamente o que era.

Movido pelo entusiasmo de conhecer algo novo, correu de volta para sua casa e gritou à sua mãe que estava na cozinha.

- Mamãe, mamãe! Venha ver a coisa que encontrei!

Quando a mãe viu o Caleb correndo em sua direção com a caixa, o sorriso em seus lábios foi instantâneo e perguntou:

- Coisa? Que coisa?

Caleb respondeu de forma brincalhona:

- Mãezinha, coisa é coisa! É qualquer coisa que existe e não conseguimos definir o que é. Coisa coisada de tanta coisa que tem porque coisou na ação de coisa alguma...

Caleb ria enquanto brincava com as palavras. Sua mãe respondeu:

- Que coisa!

Riam muito. A mãe deixou de lado seus afazeres, sentou-se com o filho no tapete da sala, juntos encararam a coisa estranha que ali havia.

- Mamãe, o que é isso? Perguntou Caleb, ansioso por respostas.

- O que você acha que é, querido? Questionou a mãe risonha.

- Não sei direito, é a coisa mais estranha que já vi na vida. Disse ele enrugando o nariz.

- Talvez um brinquedo? Questionou com incerteza.

- Exato meu grande explorador. Respondeu a mãe retirando o objeto da caixa.

- Mas mãe, é muito feio e molengo. Um brinquedo de criança não deveria ser bonito e colorido? E quem será que colocou lá fora?

- Eu coloquei quando tinha a sua idade. Naquela época tinha uma melhor amiga.

- Quem é essa amiga? Eu conheço? E o que tem a ver com o brinquedo?

- Calma, que ainda vou chegar lá. Riu a mãe.

- Infelizmente, ela teve que se mudar, e por isso você não a conheceu. Um dia antes de ir embora, nós decidimos enterrar o brinquedo que mais amávamos, para que pudéssemos desenterrar quando ela fosse me visitar. Claro que há alguns anos atrás essa coisa era mais bonita, porém, por mais que o tempo a tenha deixado desse jeito, o significado que ela tem é muito mais importante que qualquer beleza.

Desta forma a mãe mostrou ao Caleb a sua lembrança da infância por meio desta melhor amiga e contou-lhe várias histórias de travessuras, aventuras, momentos difíceis e suas alegrias. Toda esta vivência trouxe-lhes ricos aprendizados.

Caleb, encantado com a história de sua mãe, começou a pensar em seu melhor amigo e em como deveria aproveitar mais os dias com ele, afinal temos que criar boas memórias.

Caleb e a caixa misteriosa – moral da história:

*A beleza e a riqueza estão nas memórias.*

## CHIARA, A CACHORRA INTELIGENTE

*Lucas Dos Santos Macedo (macedolucas@id.uff.br)*

Certa vez em uma família que gostava muito de animais domésticos resolveu adotar uma cachorrinha. A pequena era muito agitada, dava saltos, rodava, latia e tentava pegar o seu rabinho que rodava igual hélice de helicóptero. Chamava-se Chiara.

Mas havia na casa uma cachorrinha mais antiga: a anfitriã chamada Melissa era uma *poodle* muito recatada, demasiadamente *lady* e não gostou nada da chegada da nova companheira.

Chiara, por sua vez chegou no espaço jogando tudo para os ares, deixando Melissa de pelos arrepiados.



Certo dia Chiara percebeu a diferença com que Melissa a tratava e ficou tristonha em seu canto sem balançar seu cotoco de rabinho.

O curioso foi que Melissa incomodou-se com a tristeza de Chiara e perguntou:

- Qual é o motivo de sua tristeza?

Chiara respondeu:

- Eu percebi o modo com que você me trata. Talvez eu não tenha o *pedigree* esperado por você.

No mesmo momento, Melissa sentiu-se mal com o incômodo da sua nova companheira de casa e refletiu sobre como a estava tratando.

- Vou acolher minha nova colega de forma amigável. – Pensou Melissa e complementou: - assim poderemos ter um bom convívio e construir um bom relacionamento.

Melissa deixou de lado as diferenças e percebeu que não chegaria a lugar nenhum tratando sua nova colega de casa com indiferença. Melissa ofereceu um brinquedo que sua tia tinha dado no seu aniversário para Chiara, dizendo:

- Tome aqui amiga, vamos brincar. Não importa a diferença das nossas raças, o importante é a nossa inclusão.

Chiara, a cachorra inteligente – moral da história:

*Todos somos diferentes, portanto, todos precisamos de inclusão.*

## FORMAS EM PERIGO

*Aline Araújo da Silva (araujo\_aline@id.uff.br)*

*Caio Cesar Aragão da Silva Ferreira (caioaragao@id.uff.br)*

*Leticia Gabrielle Sá da Costa (leticiasa@id.uff.br)*

*Maria Beatriz Henrique Moreira Geraldo (mariageraldo@id.uff.br)*

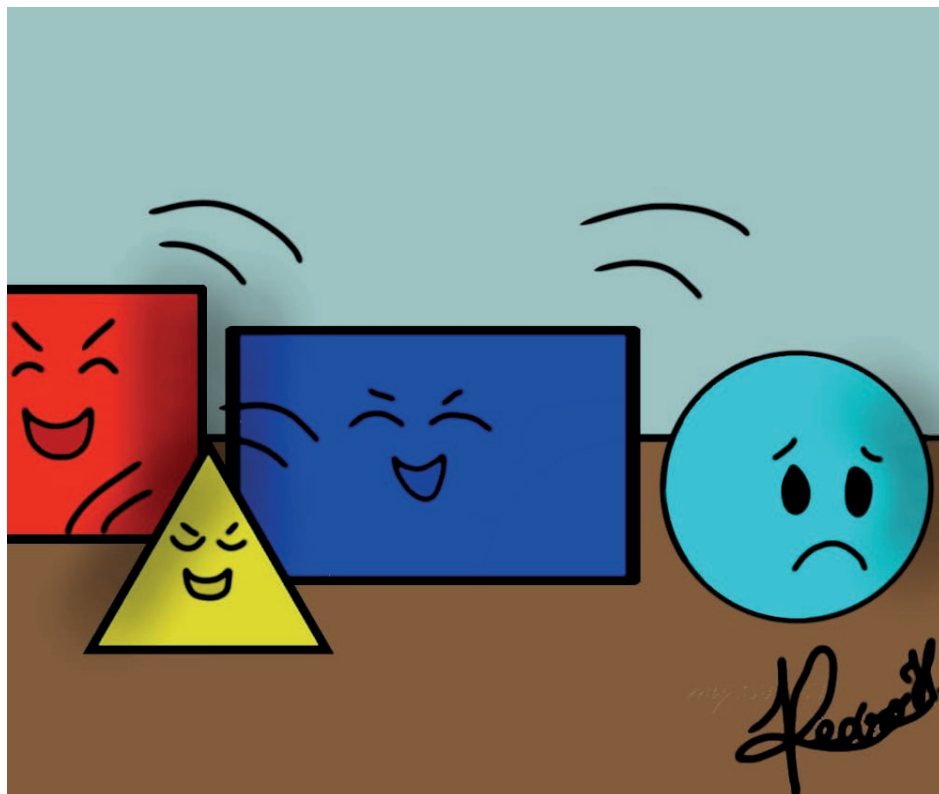
*Sandra Melice Silva dos Santos (melicesandra@id.uff.br)*

Diariamente, na hora do recreio, na Escola das Formas, o grupinho de amigos formado por Triângulo, Quadrado e Retângulo, reuniam-se para fazer piadas e brincadeiras de mau gosto com os colegas de diferentes formas geométricas. Em especial, com o Círculo. Eles diziam:

- Aquele Círculo fofucho e bobo! Não para quieto no lugar! – Zombava o Triângulo.

- Ele não para de rodar igual pneu de caminhão hahahahaha. – Complementava o Retângulo.

- Mais parece com uma bolacha e vive rodando pelo pátio! – retrucava o Quadrado.



O grupinho excluía o colega Círculo por ele ter a característica física mais diferente da dos outros.

O Círculo entristecia-se, rolava de um lado para o outro e se jogava contra a parede para tentar mudar sua forma. Nunca conseguiu!

Até que um dia chegou a Festa Junina da Escola das Formas. Embora com a orientação para que não soltasse balões devido ao risco de incêndio, um dos alunos (não identificado) soltou fogos e balões. Um dos balões bateu no fio de eletricidade, caindo sobre a barraca de pescaria onde estavam outros colegas de diversas formas geométricas.

Todos começaram a correr e a gritar para tentar apagar o fogo. Desesperados, os alunos começaram a se afastar porque não eram tão ágeis para buscar água para apagar o fogo.

- Socorro! Socorro!

- Vamos sair daqui pra não morrermos queimados

Neste momento o Círculo veio rolando rapidamente até onde estava o fogo, trazendo o extintor de incêndio. Em razão da sua facilidade para se movimentar, o Círculo conseguiu se apagar o fogo e salvar a festa.

O Triângulo, Quadrado e Retângulo reconheceram que Círculo, por ser diferente e ter outra habilidade, conseguiu rodar, movimentando-se mais rápido e a festa salvar.

Formas em perigo – moral da história:

*A sua diferença tem qualidades que só vai descobrir quem te conhece,  
ou está perto de você.*

## JOANINHA E O GATO

*Janiara de Lima Medeiros (jlmedeiros@id.uff.br)*

*Ana Rayla Figueiredo Dias (anarayla@id.uff.br)*

*Lucas Dos Santos Macedo (macedolucas@id.uff.br)*

Numa montanha carioca com vista para a praia de Copacabana, vivia uma simpática Joanhina que gostava de participar de muitas atividades para ajudar os outros animais daquele lugar.



- Joanhina, obrigada pelas sandálias que fez para as rãs da creche. Dona cegonha agradeceu pela sua ação voluntária.
  - Que deliciosas balas a Joanhina trouxe para os coelhos anciões! Agradeceu o Sr Sapo por sua generosidade.
  - Belo bolo a Joanhina fez para a festa do dia das araras! Enfatizou o Sr Chipanzé por sua dedicação gastronômica.
- Eram tantos os agradecimentos e elogios que seria impossível a Joanhina

não perceber ser reconhecida.

Numa bela manhã de domingo Joanelha estava de folga do trabalho e sem ações de caridade para fazer.

Tocaram a sua campainha e ela foi ver. Era seu amigo de infância, o gato.

- Oi Joanelha. Quanto tempo! Que saudade de você!

Joanelha assustou-se, ficou feliz ao revê-lo e logo pensou: provavelmente ele veio pedir ajudas para doação de botas. Já vou pensando em como poderei ajuda-lo! Joanelha o respondeu:

- Gato, que bom te ver! O que faz por aqui? Em que posso te ajudar?

O Gato sentiu-se envergonhado pois não a procurou para pedir nada. Apenas para avisá-la que sua irmã estava muito debilitada, doente.

- Joanelha, sua irmã está muito debilitada. Ficou doente após ter perdido o emprego. Sem dinheiro não pôde comprar comidas e alimentar-se. Sem alegria foi se isolando dos colegas e ficando sozinha. Adoeceu. Eu insistia em vê-la mas ela dizia que estava com você, trabalhando. Só descobri a verdade depois de ver você na TV ganhando o prêmio da nobreza pelas caridades à bicharada. Não vi sua irmã com você e fui até a casa dela. A encontrei em situação de abandono...

Joanelha olhava o Gato falando. Ele estava com os olhos cheios de lágrimas, chegando ao ponto de chorar. Joanelha começou a chorar, o abraçou fortemente e disse:

- Como eu pude pensar em tantas atividades para ajudar os animais desta montanha enquanto minha irmã, logo ao lado, estava precisando tanto de mim?

Joanelha buscou sua bolsa, comidas, remédios e roupas novas e foi com o Gato até sua irmã. Ao vê-la naquela situação, Joanelha caiu a chorar... levantou-se, a abraçou, começou a cuidar dela e disse:

- Minha irmã, perdoe-me por não ter pensado em você. Lembrei-me de tantas pessoas em situações de necessidade e me envolvi. Quando os reconhecimentos chegaram, enaideci-me e esqueci da falta que você me faz. Não imaginei que pudesse ter problemas e por isso não me preocupava. Eu desabei com a notícia. Mas agora estou aqui e vamos nos levantar juntas.

A irmã, pálida e ainda fraca respondeu:

- Sempre soube do seu amor infinito. Obrigada por estar aqui.

Gato, o amigo em comum, as abraçou e juntos buscaram forças para superar o momento difícil que começava a mudar de história.

Joanelha e o gato sem botas – moral da história:

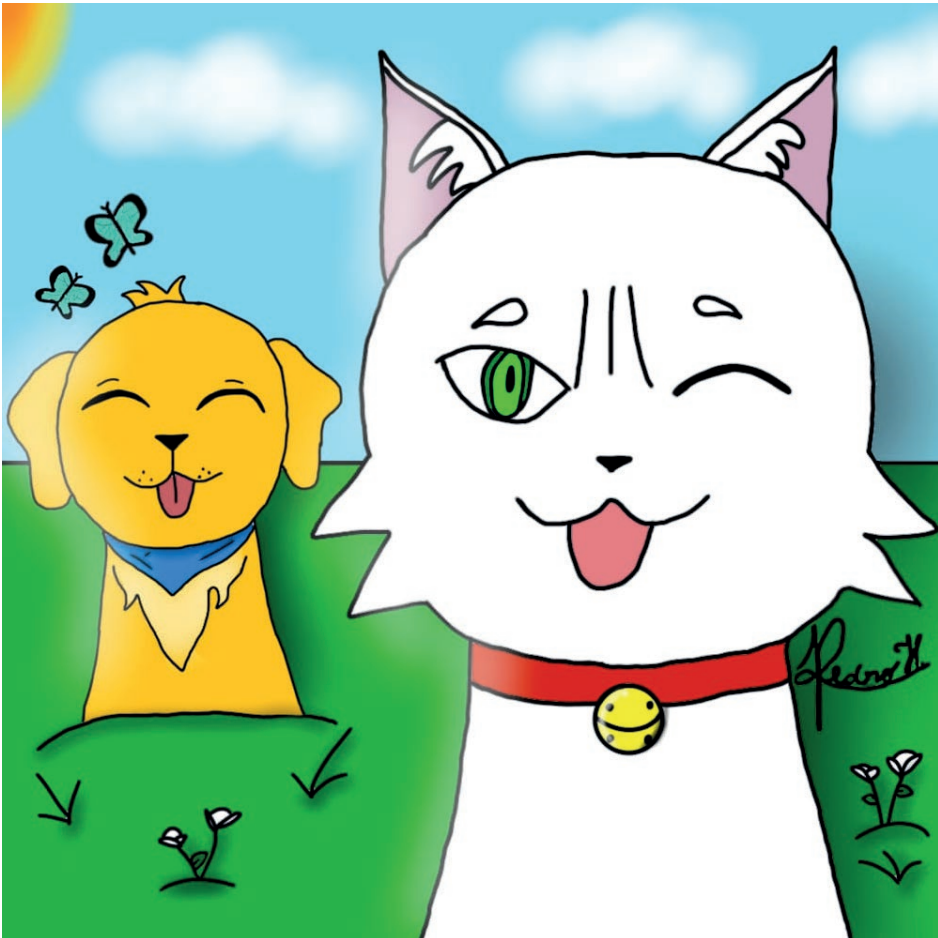
*Antes de se oferecer a obras de caridade, analise se na sua família ou entre pessoas perto de você há alguém muito necessitado.*



## MANHOSO E A MANIA DE GERSON, O CÃO ESPERTALHÃO

*Mário Sérgio Soares (marios@id.uff.br)*

Era uma vez um gato, chamado Manhoso, que vivia em um sítio, juntamente com outros animais. Manhoso, tinha mais dois irmãos, Bolota, o mais velho, Charlotte, irmã do meio. Manhoso era o caçula. Por ser o caçula, Manhoso tinha diversos privilégios que o deixava com um certo aspecto de intocável. A família de Manhoso, sua mãe, D.Zika, que estava de férias do trabalho, que era cuidadosa com educação dos filhos, pois, não queria seus filhos com seus nomes da boca do povo; Seo Astolpho, era o pai de Manhoso. Também, conviviam com eles, Candeia, seu avô, pai de Astolpho. Seo Candeia, já era bem velhinho e por vezes esquecia as coisas.



Manhoso era bem querido por todos. Se relacionava bem com os irmãos, respeitava os pais. Na vizinhança, Manhoso, era bem querido pela comunidade do sítio. Gostava de assistir ao show do astro da internet, e tv, Gerson, o cão espertalhão. No seu programa, Gerson, gostava de levar vantagem nas relações com seus amigos. Rolava no terreiro, corria atrás das borboletas, que reclamavam. Era um verdadeiro moleque brincalhão. Manhoso gostava de chocolates e sorvetes, mas nem sempre Seo Astolpho tinha dinheiro para comprar. Era trabalhador e o salário era muito pouco. Mas, sempre que podia, trazia uma lembrança para toda sua prole. Charlotte gostava de *gloss* e esmaltes com cores quentes; Bolota gostava de ler gibi, por conta disso era um ótimo contador de histórias.

Certo dia, Seo Candeia, recebeu sua aposentadoria, que também era pouca, mas, ajudava no sustento da casa, pediu que Manhoso, comprasse seu fumo de rolo na quitando do Seo Claudionor, o burro. Acontece que Manhoso, estava com preguiça, pegou o dinheiro e disse que ia depois. Ficou brincando. Estava ficando tarde. Manhoso entrou em casa e foi até a cozinha onde estava sua mãe que parecia procurar algo, Seu avô, também manhoso ficou encucado, o que será que eles estão procurando?

Perguntou: O que vocês estão procurando, pelo amor dos gatos?

- Dona Zika, respondeu: Meu sogro, está procurando o dinheiro que ele tinha separado para comprar o fumo de rolo, que ele não fica sem.

- Seo Candeia, disse: Puxa, como é que eu não sei onde deixei esse dinheiro, era meu último. Minha aposentadoria não sobra nada.

Manhoso, ouviu aquele diálogo e ficou quieto. Saiu devagar para a rua, suspicaz. Hesitante, voltou pra casa e quis saber se acharam o dinheiro e a resposta foi: não. Manhoso teve uma ideia. Ao se certificar que seu avô, não sabia de nada, quis ficar com o dinheiro para si. Já que seu avô, não se recordava que havia lhe dado o dinheiro.

-Pensou: Já que o vovô esqueceu, vou ficar com esse dinheiro pra mim. Vou esconder onde ninguém possa achar. Escondeu em sua meia listrada colorida que ele sempre usava depois do banho, para aquecer as patinhas. Era a meia que ele mais gostava e ali ninguém poderia bisbilhotar. Era a meia da sorte que Manhoso usava para dormir.

Manhoso criou uma mentira e ficou preso nela.

Seo Astolpho chegou e percebeu que havia um ar de mistério no ar. Deu forte abraço em D. Zika um beijo apaixonado. Percebeu seu estado e perguntou, o que aconteceu meu bem? -Que cara é essa?

- D. Zika respondeu: É que seu pai não sabe onde colocou o dinheiro para comprar o fumo de rolo dele.

Seo Astolpho, responde: Não esquentá, amor. Depois achamos.

Dona Zika, foi ao quarto das crianças e começou a recolher as roupas para lavar. Separou roupas brancas, escuras e coloridas, ela sempre esvaziava os bolsos e virava as roupas do avesso. Ao pegar uma das meias, sentiu um volume. Era dinheiro. Mas, que dinheiro era aquele?

Calmamente, D.Zika, pergunta para seo Astolpho, se ele tinha dado dinheiro para as crianças. ele respondeu que não.

- Com esse salário ganho, quase não sobra nada. Acrescentou, seo Astolpho.

Bolota e Charlotte chegaram da escola. Os dois pediram dinheiro para seus pais, pois, no dia seguinte, teriam um passeio na escola.

Para o passeio está separado. Respondeu seo Astolpho. Ele havia emprestado para não deixar seus filhos tristes por não poder ir ao tal passeio.

Manhoso, ainda não voltara, estava na rua brincando.

Antes do jantar, D. Zika, chama Manhoso e pergunta se está tudo bem?

Tudo bem, mamis, por que não estaria?

Não sei, me conta como foi seu? Foi tudo tranquilo?

Sim, mamis. Tudo certo. Respondeu, Manhoso. Não se recordar de ser inquirido pela mãe outras vezes. Foi tomar banho e ao chegar no quarto, não encontrou a tal meia colorida. E agora?

Seu coração disparou. Revirou as gavetas, seus pensamentos ficaram confusos, vinham um milhão de pensamentos ao mesmo tempo. Ficou apavorado. “Pelo amor dos gatos, o que vou fazer agora? Será que a mamis, achou o dinheiro? Será que foi meu pai? E, se tivesse sido o Bolota? Ou, Charlotte? Mas, como vou fazer para saber? Nossa mãe dos gatos, e agora o que eu faço?”

‘Já sei, vou dormir mais cedo, assim ganho tempo para tentar resolver esse problema. Não devia ter feito isso’, pensou resignado Manhoso. Lembrou de Gerson, o cão espertalhão, que sempre levava vantagem em tudo.

Hora do jantar, D. Zika, avisa que o jantar está pronto. Todos estão sentados à mesa, menos manhoso.

D.Zika, chama: Manhoso, vem jantar! Ele responde que estava sem fome.

Sua mãe vai até a porta do quarto e fala com firmeza e pausadamente: “Vai, jantar, agora!”

Manhoso percebeu algo naquela voz. Estava carregado de uma emoção que ele não sabia dizer ao certo, se era raiva, tristeza ou os dois.

Ao chegar à sala de jantar, viu sua meia colorida de sorte no encosto da cadeira de sua mãe. O coração de Manhoso quase parou. Todos sentaram, fizeram seus pratos e começaram a comer suas refeições. Manhoso, estava sem apetite, olhava de soslaio aquela meia colorida, que parecia ser enorme, naquele

momento. Parecia uma bandeira daqueles que as torcidas estendem nos estádios.

Foi aí, que Bolota, perguntou: Mamis e essa meia, em cima da mesa?

É verdade, completou Seo Astolpho, limpando seu grande bigode.

- Charlotte, afirmou: “Ora, essa é a meia da sorte desse garoto Manhoso”

Seo Candeia arrumou os óculos, dizendo:” É verdade!” Por que não está usando sua meia da sorte, Manhoso?” Inquiriu o avô.”

A voz não saiu. Foi o jantar mais demorado da sua vida. Para onde ele olhava só via aquela meia colorida. Começou a chorar. E, aos prantos, confessou a todes o que tinha feito. Seus irmãos ficaram chocados. Sua mãe explicou sobre a importância do que é ser ético nas relações. Seja com sua família, seja com os amigos. Manhoso pediu desculpas pelo seu comportamento inadequado. Todos o desculparam e o acolheram, Manhoso.

Envergonhado, Manhoso, foi pedir desculpas ao seu avô, Seo Candeia, que respondeu, sentado e olhando nos seus olhos: Meu netinho, você é muito novo, mas, saiba de uma coisa, tudo que se faz na sombra, em algum momento, vem à luz. Portanto, sempre devemos fazer a coisa certa.

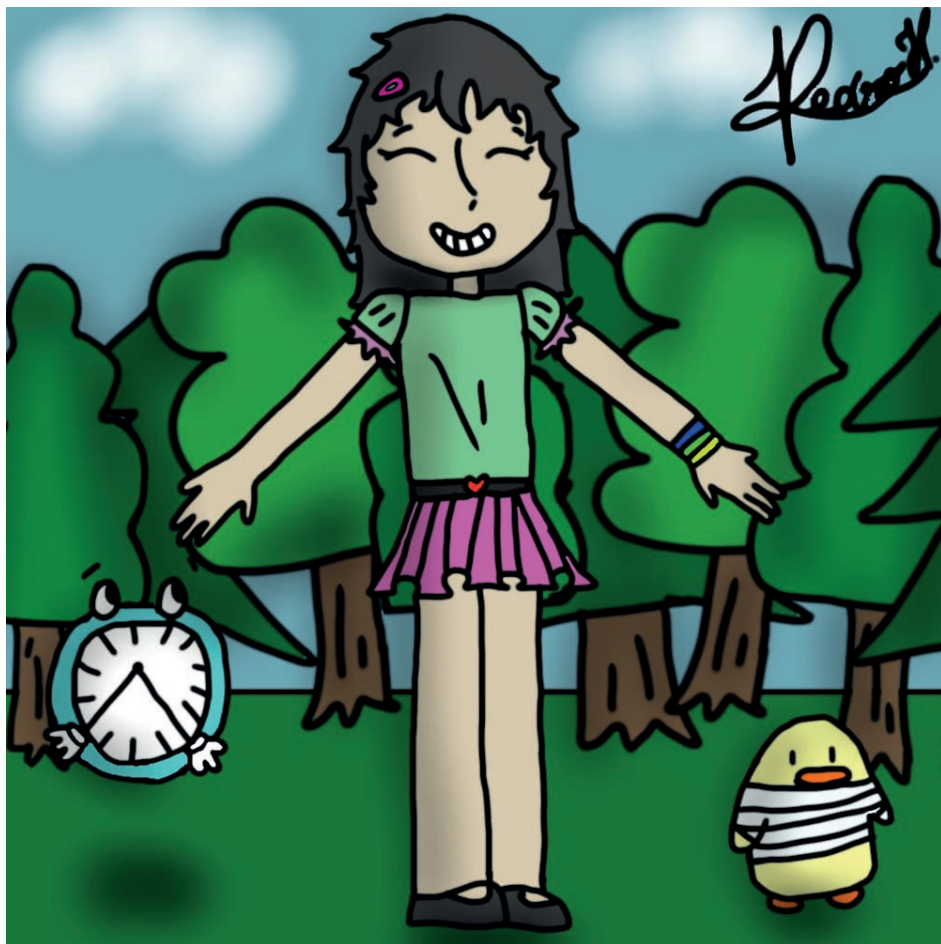
Manhoso e a mania de Gerson, o cão espertalhão – moral da história:

*A ética é fundamental para que as relações sejam harmoniosas. Considerar o outro, é compreender que somos o outro do outro. Não julgar as pessoas por algum erro que, porventura, cometam. No entanto, é sempre bom mostrar um caminho assertivo, sobretudo para as crianças. Não se deixar levar por conteúdos midiáticos, selecionar melhor os conteúdos para crianças, supervisionar as redes sociais, entre outras ações.*

## MANU EM UM PAÍS QUE É UMA MARAVILHA

*Manuelli da Silva Vitor (manuellisilva@id.uff.br)*

Manu, era uma menina surda que se aventurou a acompanhar os amigos pato de blusa listrada e relógio com ponteiro de luvas. Sem pensar duas vezes, Manu entrou em buraco na árvore que havia no meio da floresta. Esta era uma passagem para o mundo das cores. Lá os animais agiam como humanos, falavam e se comunicavam em libras.



- Uau! Neste mundo as pessoas são diferentes umas das outras e se complementam em suas diferenças! Pensou Manu.

Manu ficou tão surpresa com a forma com que os seres eram incluídos nos vários grupos, algo muito diferente de onde ela vive. Neste mundo, todos

possuíam livre acesso e preconceito com as pessoas com deficiência não tinha vez!

- Aqui me sinto confortável e feliz! Posso viver grandes aventuras com seus novos amigos e sem julgamentos. Mais uma vez Manu pensou e comunicou-se por sinais.

Elefanta, a rainha dos intérpretes aproximou-se de Manu iniciaram uma boa amizade.

- Manu, todos temos o mesmo valor e em nossa sociedade há uma dedicação para atender as diferentes necessidades de cada cidadão. – Falou a Elefanta à Manu, e acrescentou:

- Aqui não são as pessoas com deficiência que devem se adequar. Mas sim o mundo é que deve se adequar continuamente para que seja um lugar de inclusão.

Manu esticou-se e alongou os braços para pegar a borboleta de uma asa só. Esticou-se tanto que despertou do sono profundo. Manu pensou:

- Poxa, era apenas um sonho! Mas eu posso me empenhar para fazer a diferença e buscar a inclusão à realidade.

Manu em um país que é uma maravilha – moral da história:

*Sonhar pode nos fazer descobrir mundos incríveis e a vontade é a energia de que precisamos para buscar a realização dos sonhos.*

## O CASTELO DE PALAVRAS

*Lisa Alessandra Barros Lopes (lisalopes@id.uff.br)*

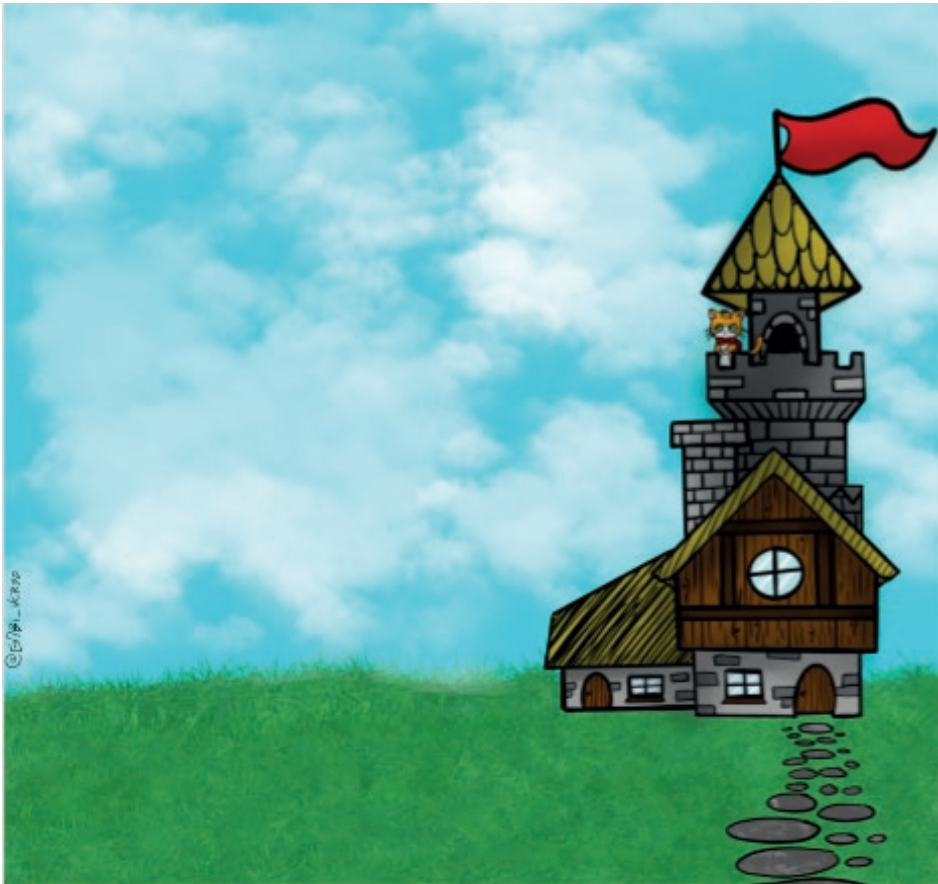
- Eu gosto de você! Disse o gatinho de pelos laranja para a sua mãe que estava na janela do seu quarto admirando o céu estrelado.

- Verdade? A mãe gata perguntou. Ela precisava ter certeza do que seu filho falava.

O gatinho ansioso concordou balançando a cabeça em positivo e então esperou que a mãe começasse a mesma história que já havia contado mil vezes.

- Meu gatinho, é importante que você só diga verdades nessa casa. A mãe começou a explicar: - Cada coisa que falamos nos torna parte dela. Da mesma forma, mentiras fragilizam o teto e isso pode fazer com que a casa venha a cair.

O gatinho ouviu atento os ensinamentos da mãe e dessa forma cresceu, falando só verdades e vendo sua casa crescer também. Não demorou para a casa se tornar um castelo.



Mas com o tempo o gatinho não quis mais falar de tudo com a sua mãe e começou a falar meias verdades. Assim, algumas rachaduras começaram aparecer pela casa.

- Tem algo que você está me escondendo. A mãe sinalizou um dia quando o gatinho chegou a casa.

Sem querer falar sobre o assunto, o gatinho negou. Porém sua mãe continuou insistindo, até que se tornou uma discussão.

- Eu te odeio! O gatinho gritou por fim, cheio de raiva, e saiu andando.

A mãe, em choque, não notou a enorme rachadura que se formou na casa e, quando tudo começou a cair, ela só teve tempo de sair dali sem seu filho.

Ela chamou pelo gatinho, assim como ele chamou por ela, mas o castelo era tão grande que, quando desabou, deixou uma distância grande demais entre os dois, então eles não puderam se ver ou ouvir.

Dias depois a mãe e o gatinho conseguiram se encontrar e o gatinho pediu desculpas dizendo que entendeu porque não podia mentir.

Eles conversaram e então começaram uma nova casinha baseada em conversa e respeito.

O castelo de palavras – moral da história:

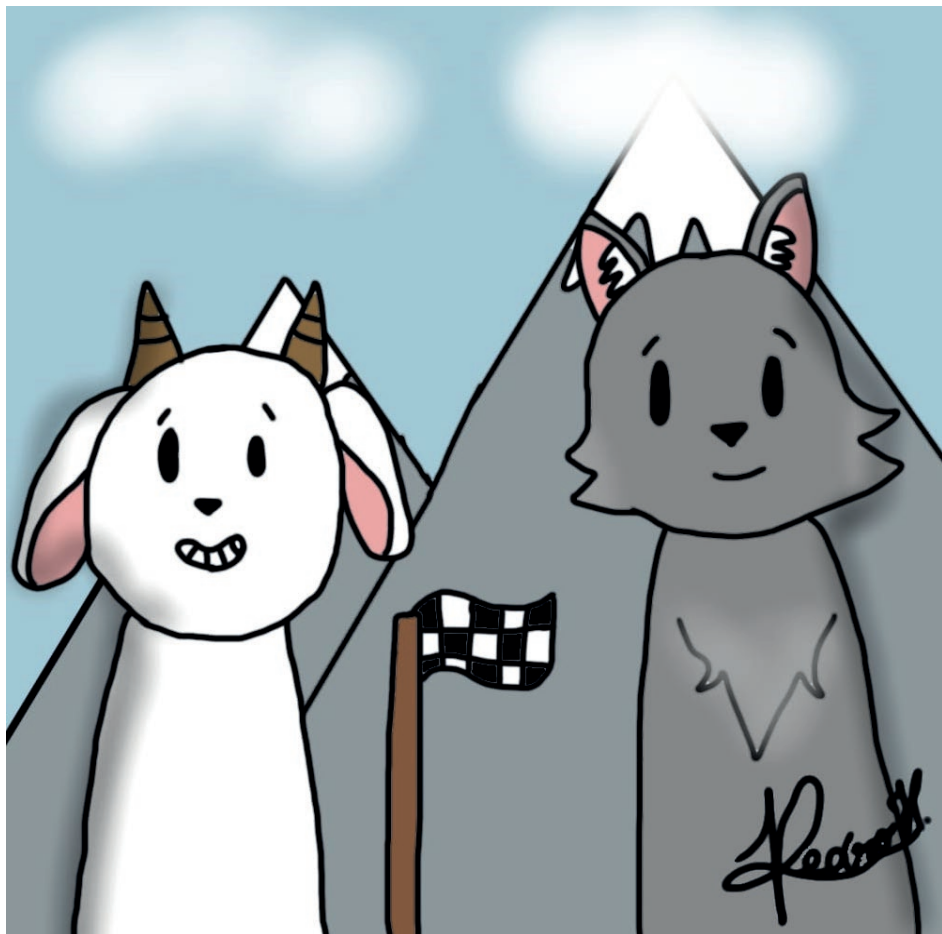
*A mentira destrói construções e afasta as pessoas, por isso devemos apenas falar verdades.*



## O BODE E O LOBO

*Pedro Quintanilha de Assis (quintanilhapedro@id.uff.br)*

Um dia nas montanhas da Europa havia um bode e um lobo. O dia estava nublado, ambos estavam entediados pois não tinham nada para fazer. Até que o bode avistou uma grande nuvem no topo da montanha. O bode era o melhor escalador de toda europa, convencido disso resolveu propor um desafio para o lobo.



Então, o bode perguntou:

— Hey lobo! Consegue ver aquela nuvem no topo da montanha?

O lobo respondeu:

— Sim, estou vendo, ela é bem grande.

O bode muito confiante disse:

— Te desafio a apostar uma corrida até o topo da montanha, o primeiro a chegar vence.

O lobo um pouco inseguro (pois sabia da habilidade do bode em escalar montanhas) respondeu:

— Olha não sei se sou muito bom nisso, mas eu aceito o desafio.

O bode ficou surpreso em ver que o lobo não agregou e tentou atingi-lo psicologicamente dizendo:

— Lobo, você sabe que não vai vencer, desiste logo, escalar não é muito sua “praia”, né? hahaha

O lobo encorajado respondeu:

— Jamais, desistir não é minha “praia” rrsrrs. Adoro receber desafios e quebrar os limites que colocam para mim.

Logo em seguida o bode e o lobo saíram em direção ao topo da montanha. O bode começou escalando na frente e o lobo bem atrás. Como o bode tinha certeza que seria o vencedor, resolveu parar para fazer um lanchinho no meio da corrida. O lobo muito cansado pensou em desistir, mas se lembrou de quando sua mãe falou: “Filho, nenhuma vitória é ganha sem esforço. Nunca desacredite de você”. Então o lobo respirou fundo e escalou mais rápido em direção ao topo da montanha. Quando o bode terminou o seu lanche, se deu conta de que ainda estava na corrida, mas quando olhou para o topo da montanha, viu que o lobo já estava lá.

Indignado o bode disse:

— Como você chegou antes de mim? Eu sou o melhor escalador de toda a Europa.

O lobo feliz pela sua vitória respondeu:

— Lobo, nunca desacredite de alguém, todos nós somos capazes de fazer o que quisermos. Você pode ser bom em escalar montanhas, mas eu também posso, talvez não tão rápido quanto você escala, mas do meu jeito eu consigo.

O bode reflexivo respondeu:

— Você tem razão, me desculpe por ter te desacreditado em você. Gostaria muito de aprender a correr rápido, você pode me ensinar?

O lobo feliz de ter feito com que o lobo reconhecesse o seu erro respondeu:

— Eu te perdoo bode. Vamos lá, te ensinarei a correr, mas não como eu corro, mas do melhor jeito que você pode correr.

O bode e o lobo – moral da história:

*É importante que não duvidemos da capacidade dos outros pois todos temos capacidade para fazer o que pretendemos. Portanto, acredite em você e saiba que é capaz de fazer o que quiser.*

## O ANIVERSÁRIO DA ESMERALDA

*Aline Fernandes belchior (alinefb@id.uff.br)*

*Ana Paula da Silva Lima (anapaulasl@id.uff.br)*

*Camila de Souza Coelho (camilacoelho@id.uff.br)*

*Letícia de Araújo Rodrigues (leticiaar@id.uff.br)*

*Lorena dos Santos Alencar de Souza (lorenasas@id.uff.br)*

*Suelem de Paula Raimundo (suelempr@id.uff.br)*

Era uma vez, numa vila do Rio de Janeiro, uma menina chamada Esmeralda. A jovem que era muito de desenhos animados e os seus personagens preferidos eram a Turma do Tuninho.

Em seu aniversário de sete anos ela foi a um parque de diversões temático localizado no litoral norte do estado de Santa Catarina com a sua família, Lá Esmeralda tirou muitas fotos com a Turma do Tuninho e cantaram parabéns pelo seu aniversário. Esta comemoração foi filmada e, desta forma, sempre que desejasse, Esmeralda podia relembrar este momento.



Um ano depois, próximo ao seu aniversário de oito anos, Esmeralda sentiu saudade daquela viagem e pensou:

- No dia do meu aniversário vou postar as fotos e a filmagem daquela viagem do ano passado nesta minha nova rede social. Como eu tenho rede social há dois meses, ninguém saberá que a comemoração é antiga e vão pensar que estou me deliciando nesta viagem!

Assim foi feito. Esmeralda fez as postagens na rede social, seus colegas curtiram e fizeram comentários.

No entanto, Esmeralda não imaginara que seus pais planejaram uma comemoração surpresa neste seu aniversário de oito anos. Seus pais escreveram o bilhete que foi entregue pela professora da classe na escola. O bilhete dizia assim:

- Crianças, será muito bom recebê-los na comemoração do aniversário de Esmeralda. Venham todos!

Nenhum colega de Esmeralda compareceu. Contudo, para a alegria de Esmeralda, seus pais a presentearam com os bonecos da Turma do Tuninho.

- Filha, temos um presente!

Esmeralda agradeceu expressando sua imensa alegria.

- Muito obrigada mamãe e papai.

Esmeralda estava contente por ganhar os bonecos, mas, por outro lado, estava decepcionada porque nenhum dos seus amigos compareceu à sua festa.

No dia seguinte a sua festa, Esmeralda foi à escola e seus colegas foram logo conversar com ela:

- Esmeralda, Esmeralda! Conte-nos como foi a sua viagem! Queremos saber de tudo e ver as fotos também!

Esmeralda surpresa perguntou:

- Do que estão falando? Viagem? Eu estou surpresa por perguntarem isso já que não foram à minha festa. Deixaram-me muito triste por não terem ido!

- Triste? Festa? Como assim?

Seus amigos perguntavam muito surpresos. Foi quando Julia falou:

- Você não estava no parque temático com a Turma do Tuninho? Embora seus pais tenham nos enviado o convite para a sua festa, pensamos que vocês tivessem mudado de ideia e ido viajar para comemorar seu aniversário. Por isso preferimos esperar por hoje para te dar os parabéns aqui na escola.

Esmeralda ficou envergonhada porque se deu conta do mal entendido gerado a partir da sua postagem nas redes sociais.

- Amigos, desculpem-me. Eu poste informações desatualizadas nas redes sociais porque queria chamar a atenção de vocês. Não farei mais isso nunca mais!

Desta forma eles concluíram que, na verdade, tratou-se de um mal entendido. Dias depois combinaram uma festa surpresa para querida Esmeralda.

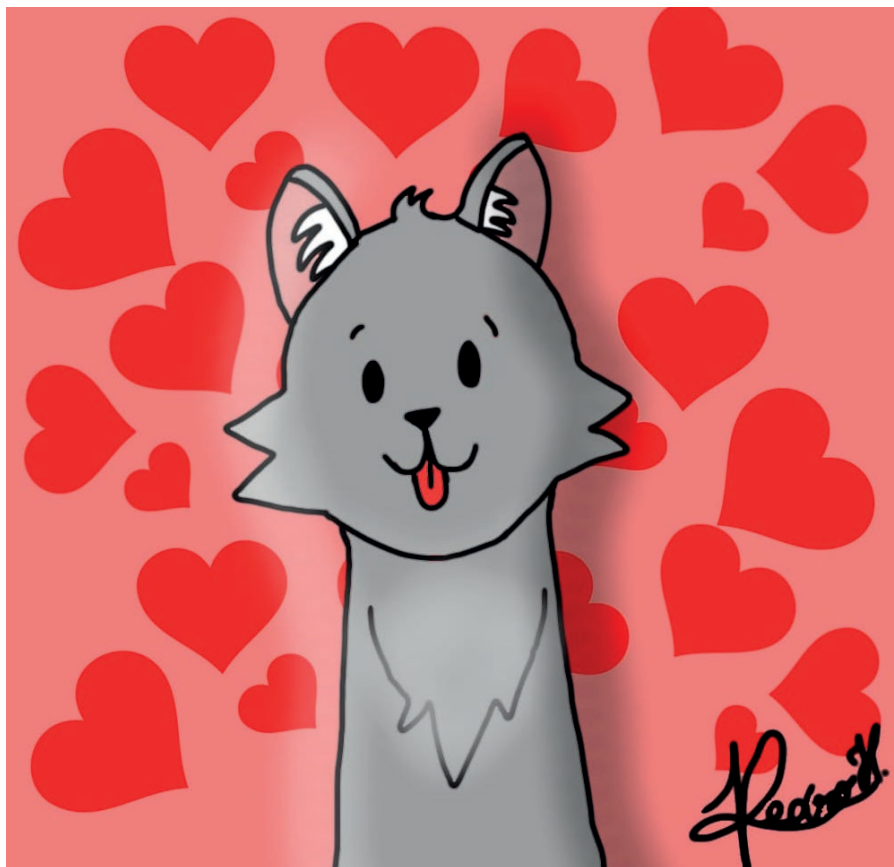
O aniversário de Esmeralda – moral da história:

*Não poste informações falsas nas redes sociais. Você pode ser o maior predicado.*

## O AFETO

*Melani Gonçalves de Araújo (melanigoncalves@id.uff.br)*

Era uma vez uma família de lobos que morava em uma grande e confortável casa. A família era composta pelo Papai Lobo, a Mamãe Loba, a Irmã Loba e o Lobinho caçula. O Lobinho amava sua família e adorava estar com ela, porém, seus pais e sua irmã mais velha estavam sempre muito ocupados sendo adultos e tinham muito pouco tempo para estar com ele.



Um dia após voltar da escola o Lobinho sentiu uma grande vontade de brincar. Decidiu então passar no escritório do Papai Lobo.

- Papai, papai vem brincar comigo?

O Papai Lobo respondeu enquanto mal levantava os olhos de seu importante documento de adulto.

- Estou trabalhando agora filhote, não tenho tempo para brincar, mas

tenho um presente para você.

O presente do papai era um coelho de controle remoto novinho! Mas o Lobinho estava triste, não era isso que ele queria, ele só queria brincar com o papai. Porém, ele ainda poderia brincar, só não poderia ser com o seu pai.

O Lobinho então saiu correndo para o escritório da Mamãe Loba.

- Mamãe, mamãe, vem brincar comigo por favor?

A Mamãe Loba respondeu sem nem tirar os olhos dos seus importantes arquivos de adulto no computador.

- Filhote desculpa! A mamãe está muito ocupada para brincar. Preciso trabalhar para comprar tudo do bom e do melhor para o meu filhotinho. Falando nisso mamãe comprou uma coisinha para você. Tá ali em cima da mesa.

O presente da mamãe era um videogame de última geração! Entretanto, o Lobinho estava muito infeliz, ele não queria um videogame, ele queria que a mamãe brincasse com ele. A mamãe vendo que ele ficou cabisbaixo mandou ele ir pedir à irmã que ficasse um pouco com ele. E ele foi saltitante pela casa, a irmã era sua última esperança! Chegou ao quarto dela em euforia e praticamente gritou a pergunta.

- Irmã, brinca comigo?

Sua irmã levantou os olhos de seus importantes livros de adulto e gentilmente falou.

- Irmãozinho me desculpa, eu não posso brincar com você agora, estou estudando. Talvez mais tarde.

O Lobinho começou a chorar. Por que ninguém queria brincar com ele? Com raiva respondeu:

- Você sempre diz isso e o “mais tarde” nunca chega! Ninguém aqui quer ficar comigo, nem você, nem o papai e nem a mamãe. Ninguém me ama.

- Irmão todo mundo ama você. Todos estamos dando o nosso melhor para dar a você todas as coisas necessárias para crescer e se tornar um adulto inteligente e trabalhador.

O Lobinho angustiado sussurrou:

- Mas eu não queria nada disso, a única coisa que eu quero é a única coisa que vocês nunca têm tempo de me dar.

O Lobinho saiu correndo de casa. Estava em prantos. Ninguém o amava. Finalmente entendeu. Sua família que ele amava tanto não o amava. Enquanto corria decidiu que ia encontrar alguém que brincasse com ele, alguém que o amasse.

Andou por algumas horas sem direção certa até que se deparou com uns lobos mais velhos. Eles estavam rindo e olhando muito para ele. Até que o lobo que parecia o líder perguntou:

- O que um filhotinho desse tamanho está fazendo nessa parte da cidade? Ingênuo como era o Lobinho logo confessou a verdade:

- Estou procurando alguém que brinque comigo, minha família não quis, então estou procurando fora de casa.

A gangue por sua vez, esperta como era aproveitou a ingenuidade do Lobinho para se dar bem com isso:

- Olha só nós podemos brincar com você, mas para isso você tem que fazer parte da nossa gangue e para entrar você tem que cumprir um desafio. Se você quiser nos siga.

E lá se foi o Lobinho atrás da gangue. Ele finalmente teria alguém para brincar com ele. Após uns momentos chegaram a uma casa que tinha uma deliciosa torta descansando na janela. E esse foi justamente o desafio. Roubar a torta. O Lobinho estava em pânico, não queria fazer isso, não estava certo. A gangue vendo que ele estava vacilando logo ameaçou:

- Se você não fizer, não vamos brincar com você, você vai ficar sozinho. Vai logo seu medroso.

O Lobinho deu um passo.... Dois..... Três, não aguentou e saiu correndo direto para casa. Ele nunca seria capaz de roubar ninguém e se aquela gangue fosse realmente sua amiga não o mandaria fazer algo tão terrível.

Chegando em casa foi direto para o quarto, desistiu de procurar por amor. Não era digno; se nem seus pais o amavam porque outros iriam? O Lobinho então triste foi deitar em sua cama.

Passados alguns dias a família do Lobinho notou algo estranho: O caçulinha nunca mais veio pedir a eles para brincar. Algo estava errado. Foram ao quarto do Lobinho e o encontraram amuado deitado na cama. A culpa foi instantânea. Era culpa deles se o filhotinho estava desse jeito. A irmã foi a que mais sentiu:

- É tudo nossa culpa. Ele só queria que passássemos mais tempo com ele. Não aguento ver meu irmãozinho desse jeito.

O Papai Lobo lamentava e a Mamã chorava dizendo:

Temos que mudar, não podemos mais continuar. Vamos separar um momento para ficar com ele.

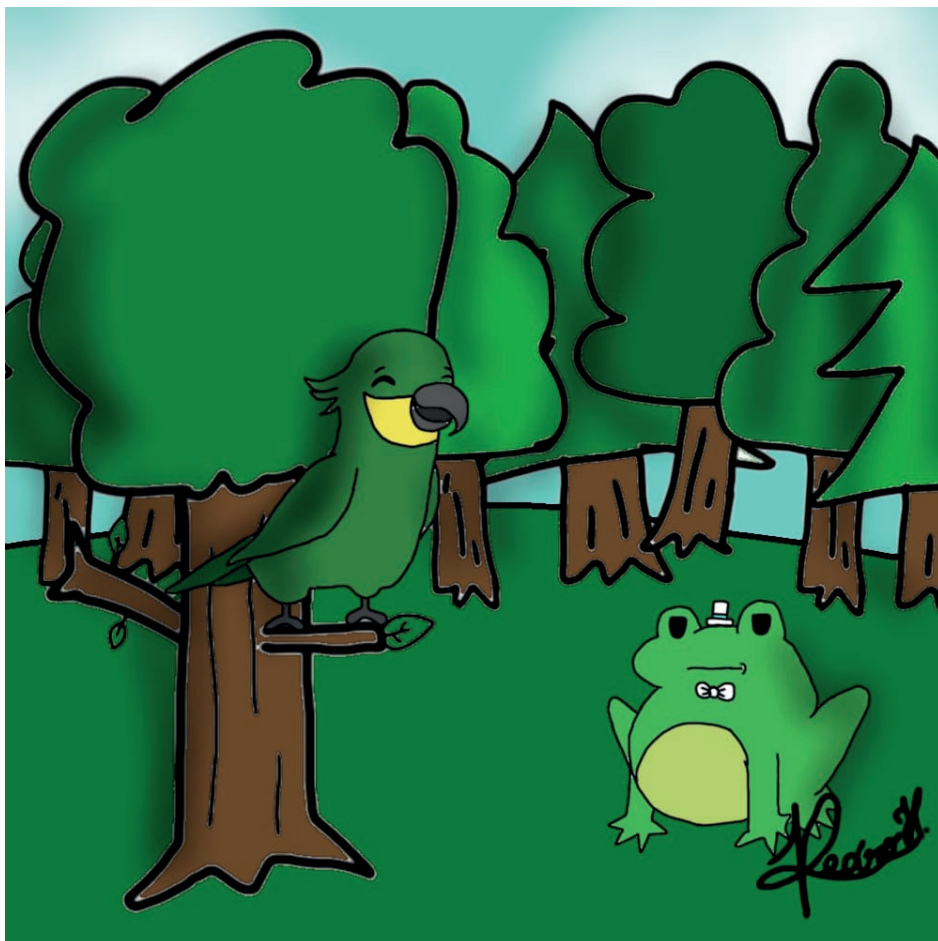
E assim foi. O Lobinho não podia acreditar nisso, sua família iria brincar com ele! Ele estava enganado, ele era amado sim! Não podia estar mais feliz. E sua família também não podia estar mais feliz do que nesse momento vendo o sorriso no rosto do caçulinha. Eles também tinham que admitir que brincar era bem mais legal do que trabalhar. Neste momento o coração de todos estava em paz após terem aprendido que sim, talvez o brincar seja uma das sínteses do amor.

O afeto – moral da história:

*Às vezes o que uma criança mais precisa não é nenhum bem material, mas sim afeto.*

## O PAPAGAIO E O SAPO

*Isabel Vitoria Barbosa da Silva (isabelvitoria@id.uff.br)*



Em uma certa floresta, vivia um sapo e um papagaio. O papagaio amava cantar! Passava o tempo todo cantarolando sem parar. O sapo, curioso com o entusiasmo do canto do papagaio, decidiu questioná-lo:

- Papagaio! Eu nunca vi alguém insistir tanto em cantar como você. E a sua voz é tão ruim! Por que você não desiste?

O papagaio, assustado com o questionamento do sapo, respondeu-lhe:

- Poxa, sapo! Eu gosto muito de cantar! E é praticando que se aprende.

O sapo, inconformado com a resposta serena do papagaio, respondeu:

- Tem coisas que não nasceram para nós e devemos desistir logo!

O papagaio, já descontente com o pessimismo do sapo, respondeu-lhe:



- Ah, sapo! Temos tanto a aprender...

Ao passar o tempo, o papagaio continuava a cantar, cantar, sem parar.

Até que, um certo dia, o papagaio cantou tão alto que atingiu todos os cantos da floresta. Os animais, admirados, se aproximaram da árvore do papagaio, para observá-lo cantar. O sapo, então, ao perceber os animais se aproximando, ficou surpreso e se aproximou também. E se deparou com o papagaio, cantando lindamente!

- Ohhh! Papagaio! O que você fez? a sua voz está tão boa!

O papagaio feliz e contente, respondeu:

- Ah, sapo! Eu só continuei cantarolando sem parar...

O papagaio e o sapo – moral da história:

*A prática e a persistência levam a perfeição.*

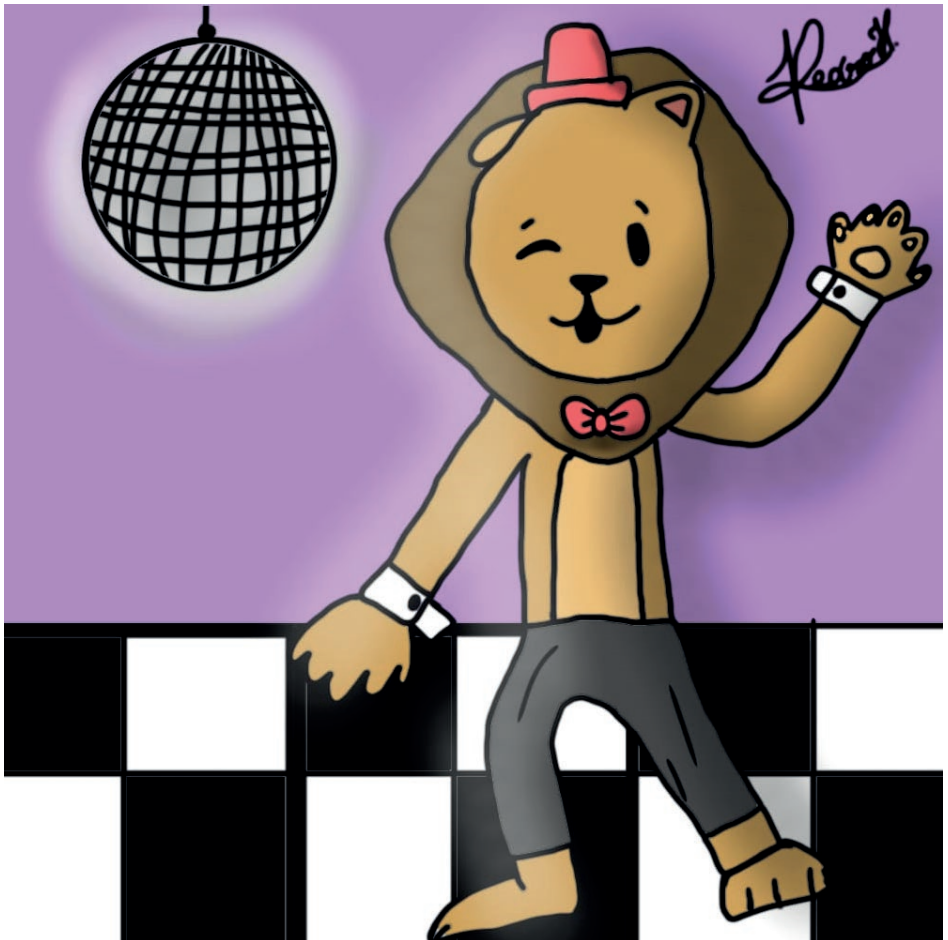
## O LEÃO DANÇARINO

*Ariel Clementino Silva (arielsilva@id.uff.br)*

Era uma vez um leão que dès de pequeno adorava dançar.

Mas seu pai sempre que o via dançando brigava com ele, dizendo não ser assim como os leões vivem.

Um belo dia, o leão dançarino ficou sabendo de uma festa que ia acontecer do outro lado da floresta.



Pediu para o pai pra ir, mas o pai riu dele e falou:

- Nós leões não nos misturamos, se você for todos vão correr assim que te vê.

O leão dançarino ficou triste, mas mesmo assim insistiu a pedir ao pai.

- Mas se não correrem e se me aceitarem, precisarei demonstrar meu talento e não viver me escondendo.

O pai então disse;

- Faremos assim então: vai e me conte a reação de todos quando te virem.

Então o leão dançarino se arrumou, colocou seu melhor traje e foi.

Com o sentimento de medo, ele foi chegando devagarinho, foi escutando as batidas e seu corpo já querendo entrar no ritmo que era muito envolvente.

Quando avistaram o leão todos correram para se esconder, mas ele falou;

- Não tenham medo amiguinhos, eu só vim pra dançar.

A zebra então foi se chegando e vendo que não tinha perigo, gritou para todos:

- Venham todos vê o leão dançarino, ele dança muito!

O leão dançarino – moral da história:

*Nunca deixe ninguém por limites nos seus sonhos.*

## O OGRO DO BOSQUE ENCANTADO

*Leticia Soares Souza Lopes (lesoareslopes@id.uff.br)*

*Maria Eduarda Venancio Santos (mvenancios@id.uff.br)*

*Phamella Andressa da Silva Oliveira (phamellasoliveira@id.uff.br)*

*Rafaela Cavalcante (rafacavalcante@id.uff.br)*

*Vitória Eduarda da Silva Santos (vitoriae@id.uff.br)*

Nos esconderijos de Pindamonhagaba, no interior da cidade de São Paulo, havia um bosque que os moradores acreditavam ser encantado. No vilarejo rondavam boatos que o lugar possuía áurea mística. Nesse bosque havia uma caverna habitava Steve. Ele era um ogro de aparência não muito agradável, mas de um coração lindo e puro. Por conta da sua aparência, Steve era totalmente rejeitado e excluído por todos os mágicos. Desta forma, Steve morava sozinho com seus livros e com sua amiga Elora, uma fadinha muito esperta.



- Elora, não sei como seriam meus dias se eu não tivesse uma amiga como você.

Steve a agradecia frequentemente e a fadinha o respondia:

- Steve, nossas diferenças físicas não dizem quem somos em nosso íntimo.

Diariamente os amigos caminhavam pelo bosque. Em uma das caminhadas matinais Steve se deparou com a fada Elora, que desesperada falou que os mágicos haviam adoecidos e estavam à beira da morte. Diante do desespero de Elora, Steve perguntou:

- Elora, qual foi a causa deste desastre? Temos chance de resolver?

Com a voz sufocada Elora respondeu:

- Steve, a água do rio encantado foi enfeitiçada por um mago invejoso e incomodado com a harmonia daquele bosque. Esse indivíduo inescrupuloso decretou que quem bebesse a água adoeceria e morreria.

Steve entendeu que, por falta de conhecimento, os mágicos beberam daquela água e foram envenenados. O ogro se preocupou com a situação do bosque e voltou para casa com a ideia de descobrir o feitiço e desfazê-lo.

Alguns dias depois, Steve recebeu a visita de Elora que estava muito preocupada com sua ausência nas caminhadas. A fada o encontrou com a aparência cansada e rodeado de livros. Foi quando Steve respondeu-lhe:

- Elora, depois de muito procurar, encontrei uma receita de uma poção capaz de restaurar a água do rio encantado e o antídoto para os doentes.

Eles comemoram e juntos foram até o chefe do bosque para dar a notícia. Mas, encontram relutância quando apresentaram a ideia para o chefe. O chefe não acreditou que Steve seria capaz de solucionar a situação. Contudo, diante da insistência de Steve e de Elora, o chefe resolveu dar um voto de confiança. Elora então disse:

- Steve, vamos juntos até as margens do rio encantado buscar uma amostra da água testarmos a poção.

Steve, Elora e o chefe assim o fazem. Para provar que funcionou Steve e Elora bebem a água e o chefe vê que eles se encontram bem e diz:

- Steve, peço que me perdoe por julgá-lo. Só tenho a te agradecer pelo bem quem nos fez.

O chefe o abraça decide convocar uma reunião com todos os habitantes do bosque a fim de comunicar que Steve havia encontrado a cura. Todos se impressionaram com a atitude de Steve, já que, por julgarem pela aparência, não esperavam tanta generosidade do ogro. Todos fizeram fila para pedir perdão por terem agido mal e o excluírem.

Steve, com seu bondoso coração os perdoou e assim passaram a viver viveram em harmonia até o fim dos seus dias.

O ogro do bosque encantado – moral da história:

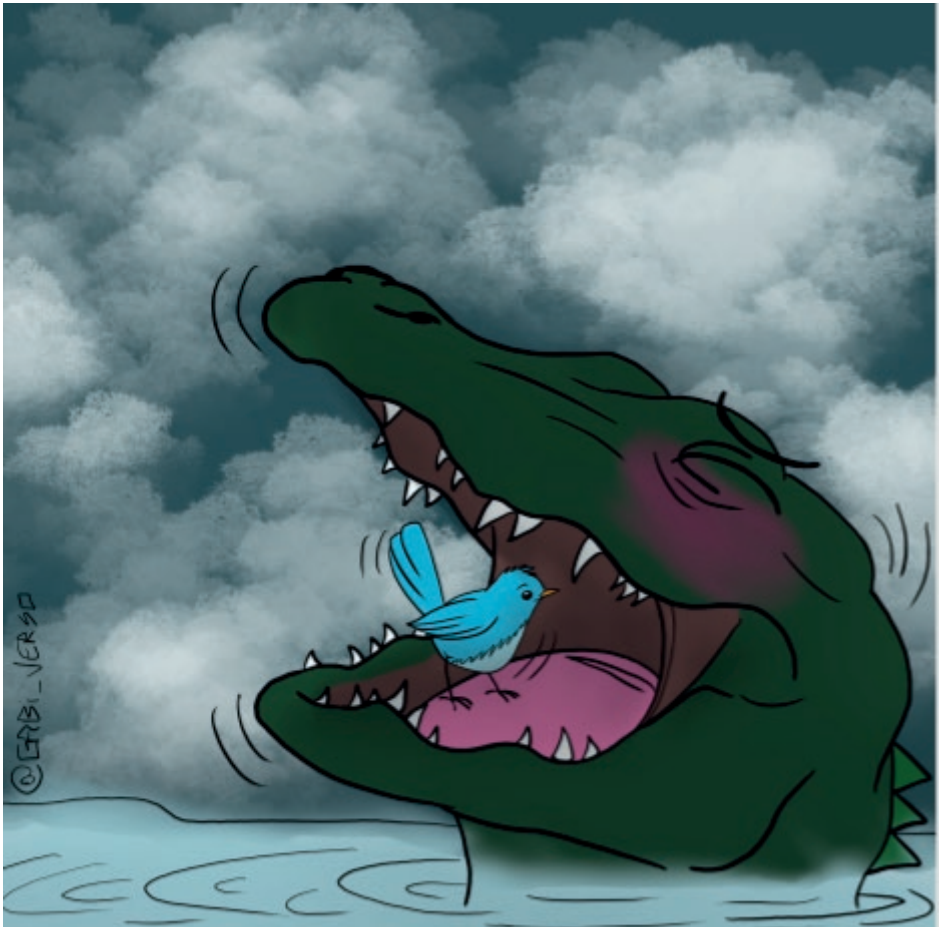
*Não devemos julgar pelas aparências e o perdão é questão de decisão.*

## O PÁSSARO-PALITO E O CROCODILO

*Ana Rayla Figueiredo Dias (anarayla@id.uff.br)*

Seu Crocodilo morava em um enorme lago. Ele era grande predador. Embora com suas habilidades, ele não tinha amigos. Só pensava em comer e se cuidar. Principalmente da sua saúde bucal.

Certa noite, ele sentiu uma dor muito forte em seus dentes que estavam cheios de bichinhos. Sem saber o que fazer, Seu Crocodilo chorou até o amanhecer.



Do outro lado do lago havia uma árvore na qual morava um pequeno pássaro. Era o pássaro-palito. Para se alimentar, ele precisava de sua mamãe. Até que um dia, a mamãe do pássaro-palito foi buscar comida e não voltou mais, deixando o pequeno cheio de fome.

Embora faminto, o pássaro-palito voou até o crocodilo que chorava incansavelmente e perguntou:

- Seu Crocodilo, por que choras?

O crocodilo, desconfiado, respondeu:

- Sinto meus dentes doerem muito!

Intrigado, o pássaro respondeu:

- Deixe-me ver. Abra bem a sua boca.

Seu Crocodilo que estava sentindo muita dor, não pestanejou, apenas mostrou sua bocarra para que o pássaro-palito pudesse ver.

Quando o pássaro-palito pousou na boca de Seu Crocodilo, percebeu que havia muitos restos de sua comida nos dentes de seu novo amigo e logo começou a alimentar-se.

Seu Crocodilo, por outro lado, foi sentindo suas dores pararem enquanto pássaro-palito retirava tudo de seus grandes dentes. Quando terminou, Seu Crocodilo o agradeceu e disse:

- Muito obrigada, você me ajudou. Já não sinto mais dor nos dentes.

O pássaro-palito respondeu:

- Você também me ajudou! Eu não me alimentava há dias.

A mãe do pássaro-palito não mais voltou e a ave entendeu que ela poderia ter alçado outros voos e buscou não pensar mais nisto para não se entristecer. E buscou alegrar-se por ter conquistado um grande amigo. Grande mesmo!

Por fim, Seu Crocodilo e o pequeno pássaro-palito ficaram amigos, um ajudando o outro. Nessa amizade de cooperação os dois amigos foram beneficiados.

O pássaro-palito e o crocodilo – moral da história:

*Ninguém vive sozinho e uma mão lava a outra.*

## O VELHO CASTOR

*Anddy Silva do Nascimento (anddy.angra@hotmail.com)*

Era uma vez um velho castor que morava em um vale no meio da floresta. Todos os dias o Senhor Castor acordava ao nascer do sol e se punha trabalhar na construção de sua represa próxima ao rio. O “problema” é que tal rio, mal passava de um veio d’água e isso gerava muitas críticas dos habitantes do vale.



- Esse castor, é maluco! Diziam alguns moradores do vale.
- Perdeu o juízo com a idade! Certos moradores falavam.
- Mal temos água para alimentar o vale! Só pode ser culpa da represa dele!

Outros moradores criticavam



Mas apesar das críticas, lá ia o Senhor Castor: fazendo chuva ou fazendo sol, ia sempre de um lado para o outro transportando madeira, pedras e colocando lama para construir a sua represa.

Sempre que questionado o Senhor Castor repetia a mesma frase:

- Só estou fazendo a minha parte...

A resposta do Senhor Castor contribuía para reforçar os comentários sobre a sua sanidade mental.

Um dia o tempo mudou, o céu amanheceu cinza, o vento soprou forte, algumas árvores foram derrubadas pela ventania e uma chuva com forte com trovoadas começou. Todos os animais se assustaram pois perceberam a chegada de uma grande tempestade e logo se abrigaram.

A chuva fez o rio transbordar e destruir várias árvores e plantas em sua margem. Toda a floresta foi gravemente afetada. Quando a tempestade passou, os animais da floresta começaram a sair dos seus abrigos para avaliar o estrago.

Por todos os cantos havia animais desabrigados, seja por conta da inundação, seja por conta das árvores caídas. O único lugar da floresta que não havia sido afetado pela enchente foi o vale, pois a represa do Senhor Castor havia retido boa parte do fluxo da água, impedindo que as casas dos seus vizinhos fossem alagadas.

Todos os animais, outrora hostis vieram em multidão agradecer ao Senhor Castor, que feliz somente repetia:

- Eu só fiz a minha parte.

O velho castor – moral da história:

*Às vezes, só fazer a nossa parte faz toda a diferença.*

## OS TESOUROS DE FELÍCIO E TOBIAS

*Asafh Ruben Pereira Rocha (arprocha@id.uff.br)*

Havia uma pequena cidade onde moravam dois amigos inseparáveis: um gato chamado Felício e um cão chamado Tobias. Eles passavam seus dias brincando pelas ruas, explorando os arredores e compartilhando histórias sobre suas aventuras.



Felício era um gato esperto e curioso, sempre ávido por conhecimento. Ele adorava se esconder em uma livraria local, mergulhando em páginas de histórias fascinantes. Enquanto isso, Tobias era um cão leal e brincalhão, que preferia passar seu tempo correndo atrás de bolinhas e perseguindo pássaros.

Um dia, ao voltar de uma de suas leituras, Felício encontrou Tobias descansando sob uma árvore. Felício, animado, pulou na frente do cão e disse:

- Tobias, eu acabei de ler a história mais incrível! Era sobre um reino distante onde os animais viviam em harmonia. Todos eles eram inteligentes,

corajosos e sábios.

Tobias olhou para Felício com um olhar confuso e perguntou:

- Mas, Felício, por que você gasta tanto tempo lendo? Eu prefiro brincar e aproveitar o ar livre. O que há de tão especial nos livros?

Felício, com um sorriso, respondeu: - Ah, meu amigo, os livros são como tesouros escondidos. Eles nos levam a mundos desconhecidos, cheios de sabedoria e imaginação. Através das páginas, podemos aprender lições valiosas e nos tornar mais sábios.

Tobias ainda não estava convencido. Ele nunca havia experimentado a magia da leitura. Felício, determinado a mostrar ao seu amigo a importância da leitura, teve uma ideia brilhante.

- Tobias, que tal fazermos uma aposta? Durante uma semana, você irá brincar o máximo que puder, e eu irei ler o máximo que puder. No final, veremos quem aprendeu mais.

Tobias, confiante em sua capacidade de brincar, aceitou o desafio. Durante toda a semana, ele correu, pulou e brincou sem parar. Enquanto isso, Felício mergulhou em uma pilha de livros, devorando histórias após histórias. No final da semana, Felício e Tobias se encontraram novamente. Tobias estava animado para contar a Felício sobre todas as suas aventuras. No entanto, ao ver a expressão séria do gato, ele sentiu um certo desconforto.

Felício olhou para Tobias com um olhar de admiração.

- Tobias, você se divertiu muito e teve experiências incríveis. Mas, através da leitura, descobri um mundo de conhecimento. Aprendi sobre coragem, amizade, perseverança e muito mais. As histórias me ensinaram lições valiosas que podem nos guiar pela vida.

Tobias, agora curioso e um pouco arrependido, perguntou:

- Felício, você poderia compartilhar algumas dessas lições comigo?

Felício sorriu e começou a compartilhar histórias e ensinamentos que havia aprendido. Tobias, ouvindo atentamente, percebeu que havia muito mais a aprender do que ele imaginava.

Desde aquele dia, Tobias e Felício se tornaram grandes defensores da leitura. Eles compartilharam suas experiências com outros animais da cidade, incentivando-os a explorar o mundo dos livros.

Os tesouros de Felício e Tobias – moral da história:

*A fábula de Felício e Tobias nos ensina que a leitura é um tesouro que todos nós devemos buscar. Por meio dos livros, ganhamos conhecimento, crescimento pessoal e uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor. Não importa se somos um gato curioso ou um cão brincalhão, a leitura sempre nos proporcionará um mundo de descobertas e sabedoria.*

## PIATÃ: FORTE E REALIZADOR

Janiara de Lima Medeiros ([jlmedeiros@id.uff.br](mailto:jlmedeiros@id.uff.br))

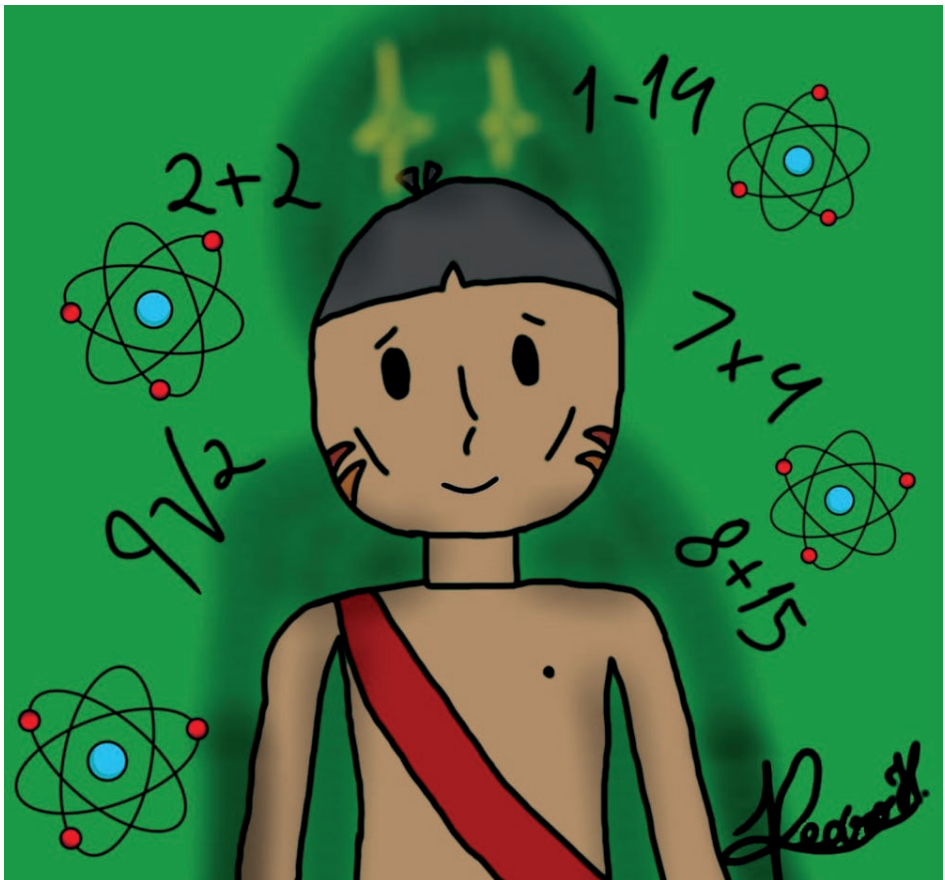
William de Goes Ribeiro ([wgribeiro@id.uff.br](mailto:wgribeiro@id.uff.br))

Yara era uma jovem de 18 anos nascida na Terra Indígena Guarani de Bracuí. A jovem, que gostava tanto de crianças, contava-lhes as histórias que ouvia da sua avó. Uma das histórias que as crianças gostavam de ouvir era a origem dos nomes.

- Yara, significa “aquela que mora nas águas”. E o seu nome? Você conhece o que significa?

E cada criança levantava suas mãozinhas, já em pulos e ofegantes!

Yara passava as tardes com elas contando-lhes da tradição, das lendas, das curiosidades, seus ritmos e instrumentos musicais, acontecimentos nas festas, explicava sobre a alimentação e a agricultura e tudo o mais que as crianças perguntavam e ela sabia.



Certa tarde, pouco antes de anoitecer, o jovem Cauê aproximou-se e perguntou se conhecia a origem e o significado de Janiara. Yara, não sabia confirmar se o nome era de origem tupi-guarani, mas lhe confirmou ser de língua indígena e significa “filha da lua”. Cauê questionou explicando que “lua”, em tupi-guarani, significa Jani. Falaram sobre a evolução das palavras e, portanto, haveria ainda muito o que conversarem para que chegassem à origem e aos significados de nomes inspirados nos dos povos originários do Brasil. Logo disse Cauê:

- Tenho sonho nesta terra de desvendar a origem das palavras do nosso povo e torná-las conhecidas. Mas com tantas palavras estrangeiras chegadas aqui... aff! - Respirou fundo e continuou: - Tenho sido cobrado a estudar idiomas de terras longínquas que passaram a ser obrigados nas escolas do Brasil. Esqueceram-se da nossa língua natal e os que assinam as leis não possibilitam preservar nossa identidade. Temos que sejamos esquecidos por nossas gerações.

Yara, que antes sorria descontraidamente, passou à respiração contida e respondeu pensativa:

- Cauê, brigar por nossa língua seria impossível já que para garantir continuar na nossa terra tem sido uma guerra de muitas batalhas.

Ouvindo a conversa, aproximou-se Ubiratã e começou a contar-lhes a história que excedia a extensão das águas do mar e da Lua no céu:

- Para vocês, jovens Yara e Cauê, gostaria de deixar a história de Piatã, homem forte! Nasceu no inverno em que a aldeia estava mais gelada que o frio de Urupema. Não chorava de frio, tão pouco quando sentia fome. Foi crescendo e não tinha muitos amigos na tribo.

Yara perguntou, espantada, já que todas naquela aldeia viviam historicamente em harmonia. Ubiratã respondeu:

- Piatã não queria correr e brincar com os outros. Meteu-se com algo que chamamos de matemática. Piatã gostava dos números e dos cálculos. E, muito mais do que eles, Piatã gostava de criar códigos e decifrar outros. Desta forma foi que seus pais aceitaram leva-lo à escola para estudar o mistério da álgebra e da aritmética, inclinando-se aos estudos da Física. No entanto, Piatã era ainda um jovem introspectivo e solitário.

Cauê não concordava que pudesse ter existido um indígena com tal comportamento. Por isso questionou quanto a veracidade ou seria uma criação de Ubiratã, que respondeu:

- Cauê, sendo lenda ou não, importa onde necessito concluir com a história de Piatã para que você reflita sobre como combater a batalha dos nomes nesta grande guerra cultural que aflige a nossa identidade.

Yara e Cauê silenciaram-se em atenção a história sobre Piatã que Ubiratã contava:

- Contrariando a opinião de todos da aldeia, dos seus professores e estudantes pares, Piatã, que era tão aparentemente frágil, fraco, inferior e sem

qualquer capacidade, tornou-se o melhor aluno de física da escola. Em seguida, o melhor na universidade. Em sua trajetória aconteceram inúmeras expressões de preconceito e violências de várias espécies. Ninguém que discordasse era corajoso o suficiente para defendê-lo. Portanto, garantir o primeiro lugar como aluno de física era a forma de manter-se em destaque, destacado, respeitado. Num certo ano, quando iniciada a era nuclear, estudantes de diversas universidades foram convocados para atuarem na Guerra Fria.

Atônitos Cauê e Yara perguntaram se Piatã teria ido, como soldado, lutar com armas de fogo. Ubiratã respondeu e prosseguiu:

- Piatã, bem como outros melhores estudantes com mais altos índices nas avaliações de física do país, foram à Guerra com a missão de desvendar como realizariam a quebra do núcleo de átomos de elementos que liberassem grande energia. Novamente estava ali Piatã: magro, aparentemente fraco, sem expressão de robustez e contrariando todas as expectativas de inteligência, diante da comparação com os outros estudantes que chegavam. Sendo ignorado pelos brancos, o índio Piatã seguiu com as pesquisas isoladamente. Teve seu trabalho alterado, sua mesa revirada, suas anotações queimadas. Embora com vontade de desistir, Piatã não via outro caminho que não fosse o de chegar ao final desta “missão”. Após noites em claro descobriu a energia a partir de ondas eletromagnéticas, chamando a atenção dos jovens que antes o desprezava. Em seguida, os jovens brancos passaram a perguntar Piatã quem já estava lhes dando aulas.

- Não é possível que um indígena tenha conquistado qualquer credibilidade nesta sociedade branca. – Cauê voltou a questionar, descreditando da história contada por Ubiratã, quem fez sinal para que ele se acalmasse e continuasse a ouvir.

Ubiratã continuou:

- Agora como líder, Piatã orientou às pesquisas e com seus colegas lideraram pesquisas com objetivo de transmissão da informação sonora sem a utilização de fios ou cabos, revolucionando os estudos básicos que desencadearam a tecnologia atual.

E continuou:

- Pergunta-se porque logo Piatã, um indígena, desprezado, isolado, excluído, desafiou-se em prol de algo tão revolucionário à civilização que poderia, futuramente, nos fragilizar? Ele foi movido pela crença de que contribuiria para a comunicação entre nossos povos. Acreditou. Insistiu. Cauê, você pode revolucionar. Ou não. O risco de conseguir é o mesmo para quem tentar ou ficar parado, só pensando no que poderia ter dado certo.

Piatã: forte e realizador – moral da história:

*Frequentemente as coisas inimagináveis são realizadas por pessoas que menos esperamos.*

## SAPO CACAU

Bruna Sarah Cardoso ([brunasarahcardoso@id.uff.br](mailto:brunasarahcardoso@id.uff.br))

Era uma vez a história do Sapo cacau, ele morava com a sua mãe e sua tia, e de segunda a sexta-feira ele iria estudar com ônibus da escola que passava em frente a sua casa.



E na segunda-feira sapo cacau brincou até mais tarde e acabou acordando fora do horário combinado com sua tia e dormiu no café da manhã e de repente...

BIBIIIIII (buzina do ônibus escolar)

O ônibus da escola estava buzinando na sua porta e ele pegou sua mochila correndo, sua mãe pegava a blusa, sua tia o tênis enquanto ele já colocava o short. E conseguiu chegar antes que o ônibus fosse embora.

Quando chegou na sala de aula e a professora começou a escrever no quadro, se ligou que já era a hora de pegar o caderno e o lápis para anotar os trabalhos.

Foi aí que percebeu que... Ele esqueceu seu estojo em casa e seu amigo coelho emprestou um lápis e uma borracha para escrever o que estava no quadro.

Ele agradeceu e deu um abraço no seu amigo coelho, logo ficou aliviado.

No recreio lembrou que esqueceu porque foi dormir tarde demais e atrasou de manhã para escola e não teve tempo de arrumar sua mochila...

Acabando a aula ele foi para casa de volta com o ônibus da escola, assim que chegou em casa traumatizado daquela correria e por ter esquecido seu material em casa já foi logo separar seu uniforme para o dia seguinte e arrumar o material escolar, trocar o caderno, colocar o estojo e foi aí que percebeu....

Sapo Cacau esqueceu de devolver o lápis e a borracha que seu amigo lhe emprestou! Meu deus!

Sapo Cacau preocupado, mal conseguiu dormir só de pensar que além de ter pego emprestado não devolveu.

- E se ele precisar usar? E se ele precisar fazer algum trabalho de casa? E se? E se? ...

Sapo Cacau chegou a chorar de tão ansioso e preocupado que ficou. E de tanto chorar caiu no sono e acabou dormindo cedo esqueceu até de brincar com seus amigos de noite.

No dia seguinte, acordou cedo, tomou café com sua tia e sua mãe com calma e todo seu material e uniforme estava organizados! Ele fez uma ótima organização para o dia seguinte e nem se atrasou para pegar o ônibus, chegou cedo e ficou esperando no ponto com a sua mãe.

E assim que chegou na sala de aula a primeira coisa que ele fez foi devolver o material que seu amigo coelho havia lhe emprestado e pedindo mil desculpas.

O coelho disse:

- Está tudo bem Sapo Cacau, eu nem reparei que estava sem o lápis e a borracha que te emprestei.

E assim que pegou de volta, para a surpresa de todos,

O Coelho esqueceu seu estojo em casa dessa vez, mas a sorte que tinha o lápis e a sua borracha para utilizar! Sapo cacau aconselhou a ele a se organizar para isso não se repetir e disse:

- Imagina se eu não tivesse com seu material de volta?! que bom que não entreguei ontem então, não é verdade?

O Coelho disse:

- Pura verdade meu amigo, no final das contas tudo deu certo, não precisava se desesperar e ainda aprendi uma lição com você, serei mais organizado para as próximas aulas.

E no final, tudo se resolveu!

Sapo Cacau – moral da história:

*Seja organizado preparando-se previamente para as suas atividades e busque sempre falar a verdade.*



## UMA GRANDE IMAGINAÇÃO E SUA SOLIDÃO

*Glauciane Ribeiro de Freiras (glaucianerf@id.uff.br)*

*Luiza Barbosa Sartine (luizabarbosa008@gmail.com)*

Era uma vez uma história sobre uma amizade entre um menino e seu coelho de pelúcia chamado Flocos de Neve.

- Flocos de Neve, você é meu grande amigo! Dizia o menino para seu brinquedo.



Renato um menino meigo, de olhar expressivo, sorriso fácil e que fazia festa por qualquer motivo.

- Hoje eu acertei todas as letrinhas do meu nome na escola! Vamos festejar! Comemorava a cada dia com seus feitos escolares.

No entanto, Renato era um menino que se sentia muito solitário porque seus pais passavam a maior parte do tempo viajando a trabalho. Porém, quando seus pais voltavam do trabalho para seu lar, usavam a imaginação para que o

pequeno filho de apenas 5 anos se distraísse nos outros dias solitários. Numa das vezes Renato falou para seus pais:

- Papai e mamãe, que bom que voltaram cedo. Hoje vou contar a história de como eu me perdi no caminho de volta pra casa e fui ajudado por borboletas gigantes para encontrar o caminho.

Sua mãe perguntou:

- Você estava sozinho, meu filho?

E Renato respondeu:

- Sim mamãe. A tia Clara estava numa missão espacial em busca de doces para o lanche da tarde.

E a mãe ria das respostas de Renato, lembrando de como era especial sua cunhada Clara, quem a ajudava a cuidar de Renato. Clara era uma pessoa de confiança que organizava o lar da família e cuidava do pequeno sobrinho. Para Renato a tia Clara, a mulher com super poderes, era quem sabia fazer o lanche da tarde virar uma festa com direito a balões coloridos, bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Nestas tardes havia até música e dança.

- Tia Clara, vamos dançar para afastar os vilões que dão trabalho para meus pais! Eles desaparecem quando há música e dança.

O pequeno Renato falava para Clara que seus pais estavam fora de casa combatendo inimigos das crianças e salvando o mundo de vilões chamados de Trovões e Relâmpagos.

Quando trovões e relâmpagos apareciam, Renato abraçava seu fiel amigo chamado Flocos de Neve. Na sua imaginação, o amigo Flocos de Neve tinha a aparência do seu papai, que era o homem mais forte do mundo capaz de colocar a música correta e de fazer a dança certa pra afugentar estes vilões.

Mas a grande vilã da vida do Renato era a temida e terrível solidão que ele sentia quando os pais saíam para trabalhar que parecia uma viagem de muitos dias. A solidão não tinha dia, nem hora para atacar!

Quem o socorria na sua imaginação era Flocos de Neve. Quando ele sentia saudades dos pais e chorava, Renato apertava bem forte o Flocos de Neve e imaginava seus pais amados pertinho dele.

- Papai e mamãe foram trabalhar, meu amigo. Vai demorar muito tempo para voltarem. Mas quando voltarem, eles serão meus e eu serei todo deles de novo!

Assim falava Renato para Flocos de Neve pois sabia que seus pais davam muito amor e carinho quando retornavam a casa.

Uma grande imaginação e sua solidão – moral da história:

*Para diminuir o sentimento de solidão é preciso dedicar todo o tempo  
para quem amamos.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução deste trabalho deu-se de forma interdisciplinar em que foram trabalhadas as práticas da leitura e da produção textual de diversos gêneros. Sua essência teve como premissa a busca pela formação leitora com a prática docente do pedagogo e seu desafio para formar leitores nos anos iniciais do ensino fundamental.

Além do aprendizado técnico da Língua Portuguesa em que foram considerados os conteúdos preestabelecidos nas ementas das disciplinas, as aulas – consideradas como encontros entre educadores cujo os quais estavam docente e discentes em trocas de experiências do cotidiano, numa relação não hierárquica quanto ao conhecimento intelectual – propiciaram momentos de reflexões e debates acerca das políticas públicas educacionais, pensamento crítico e formação humana essenciais aos educadores em formação inicial e continuada.

A práxis pedagógica revela reflexões acerca de culturas, linguagens, formação docente inicial e continuada e, pensando a educação emancipatória, a formação humana integral. As fábulas produzidas pelos graduandos podem ser lidas, trabalhadas e compartilhadas com educandos para que sejam dentro ou fora das salas de aula.

## POSFÁCIO

O verbo que representa ‘fazer uma fábula’ é ‘fabular’. E o que são as fábulas senão confabular com a imaginação e mais ainda, com a emoção. Dar asas à imaginação e traduzir sonhos, fantasias, emoções, medos, saudades, esperança... a fábula é a poesia sentida, é um jeito ingênuo e genuíno de transportar para a escrita aquilo que antes somente a alma sabia...

O livro que hora é entregue às mentes curiosas por novas invenções é o retrato de uma época em que as pessoas ainda sonham, imaginam, criam. Através de cada uma das 30 fábulas que agora você, leitor, teve acesso nesse pequeno livro lhe é dado a conhecer um pouco de estórias escondidas que enfim deram ‘a cara’ para a sua admiração, diversão e também reflexão. As fábulas que acabamos de ler revelam anseios, angústias, pesares e pensares e, ao mesmo tempo, mensagens de pessoas que ainda têm fé, esperança e convicção de que nem tudo está perdido. Ainda temos mulheres e homens que investem na imaginação e encontram formas sutis de deixarem suas marcas positivas na história da humanidade, a partir de seus lugares de fala, de suas experiências pessoais e coletivas.

Não precisa ser criança para enxergar coisinhas simples e transformá-las em grandiosas fábulas. Esse grupo de pedagogia materializou isso nesse livro. Uma viagem única, em que se juntaram diversas pequenas histórias que ‘turistaram’ pelas páginas que acabamos de ler e que, através de uma expedição desbravadora de consciências não somente revelaram o imenso carinho que graduandos são capazes de expressar, mas sobretudo, o potencial de alcançar o mundo e sua essência, de uma forma sagaz e ao mesmo tempo divertida. Souberam processar com fantasia a realidade na qual estamos todos irremediavelmente implicados. Transformar o mundo não pode ser apenas um sonho. Precisa ser uma realidade feita de pequenos feitos, que buscam convencer aos seres humanos de que ainda temos chance de fazer melhor, de juntar nossas vozes e juntos interpretar os grandes homens da nossa história, que tanto tentaram contribuir para que a moral das histórias fossem pautadas em lições, pequenas e fortes, que se constroem de forma leve, mas profunda e cheias de um requinte que somente as almas sensíveis são capazes de perceber...

Meus sinceros agradecimentos à Professora Janiara de Lima Medeiros, pela iniciativa pedagógica. Não basta ser professora. É preciso ser uma mestra e aprendiz ao mesmo tempo; ser docente é acreditar que as mentes dos discentes que ensina são férteis o suficiente para revelarem ensinamentos importantes,

feitos de uma forma lúdica e que mostram que aqui, enquanto vivos, temos muito a aprender e a ensinar e que isso é uma propriedade inata em cada um de nós.

Só posso parabenizar a todas e todos por essa obra inédita e que, certamente, terá um lugar especial na vida de seus leitores e em nossa literatura.

*Silvio Marcos Dias Santos*

Prof. Adjunto do Instituto Federal do Paraná - IFPR

## REFERÊNCIAS

- AVELEZA, Manuel. **As Fábulas de Esopo**. Rio de Janeiro: Thex, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular - BNCC**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no Diário Oficial da União, 21 de dezembro de 2017, Seção 1, p. 146.
- BRASIL. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - LDB**. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CORAZZI, D.; MELO, J. (Ed.). **Fábulas de La Fontaine**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo. Cortez, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. **O Rato e a Montanha**. Tradução de Thaisa Burani e Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Boitatá, 2019.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, v.2. **Os intelectuais: O princípio educativo: Jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 15-53.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: notas sobre o Estado e a política**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1984.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas de Narizinho**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1921.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

MEDEIROS, Janiara de Lima. A reforma Ensino Médio: **Estudo crítico da lei nº 13.415/2017**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida: do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória**. Mauriti-  
us: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da Educação Básica, Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **Letramentos Múltiplos: escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

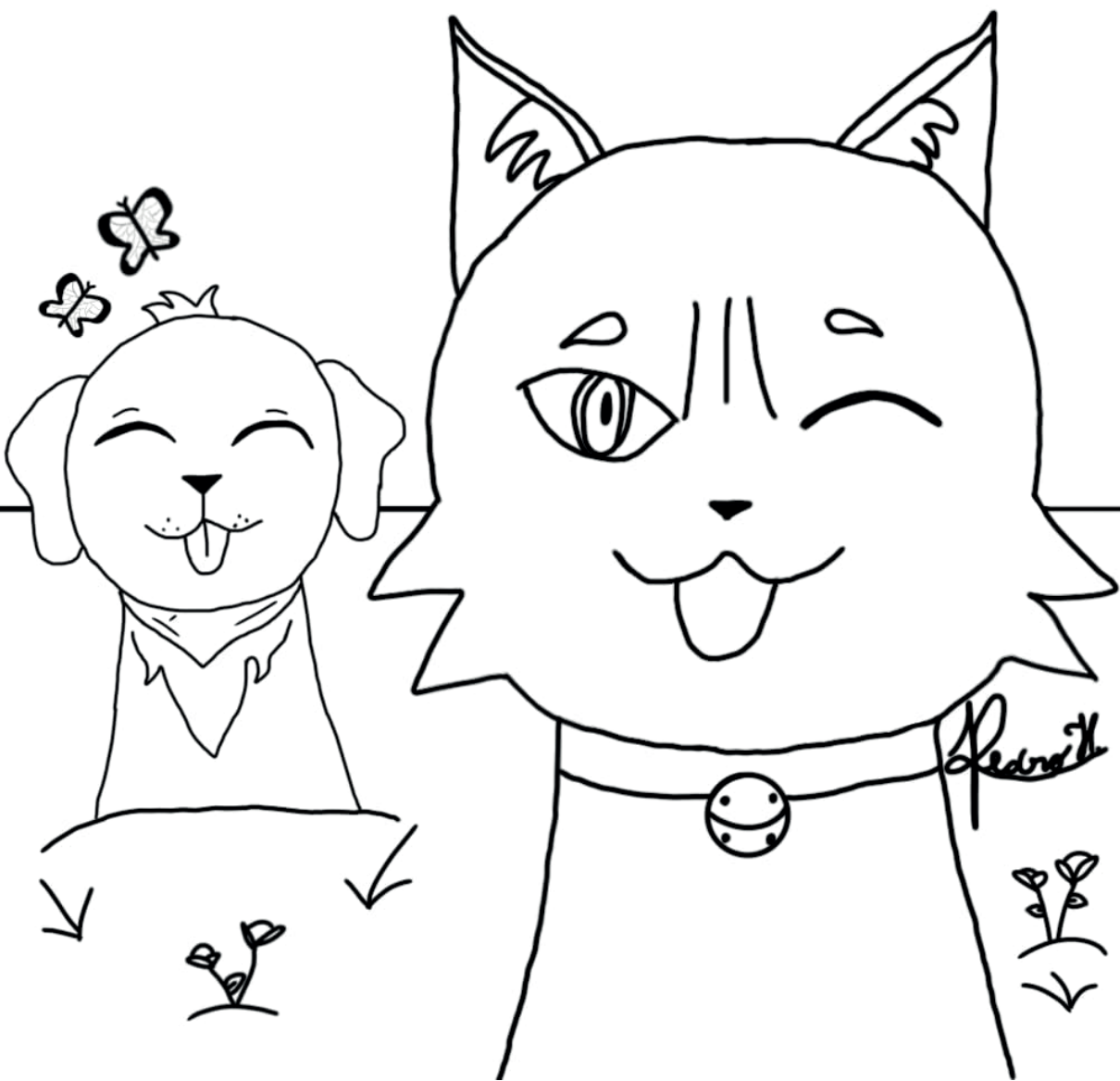
SOARES, Magda. **Por novos e múltiplos letramentos**. Revista na ponta do lápis, Olimpíada em língua portuguesa escrevendo o futuro, Tantas palavras, apropriação da escrita por alunos e professores, ano XII – número 27, julho de 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

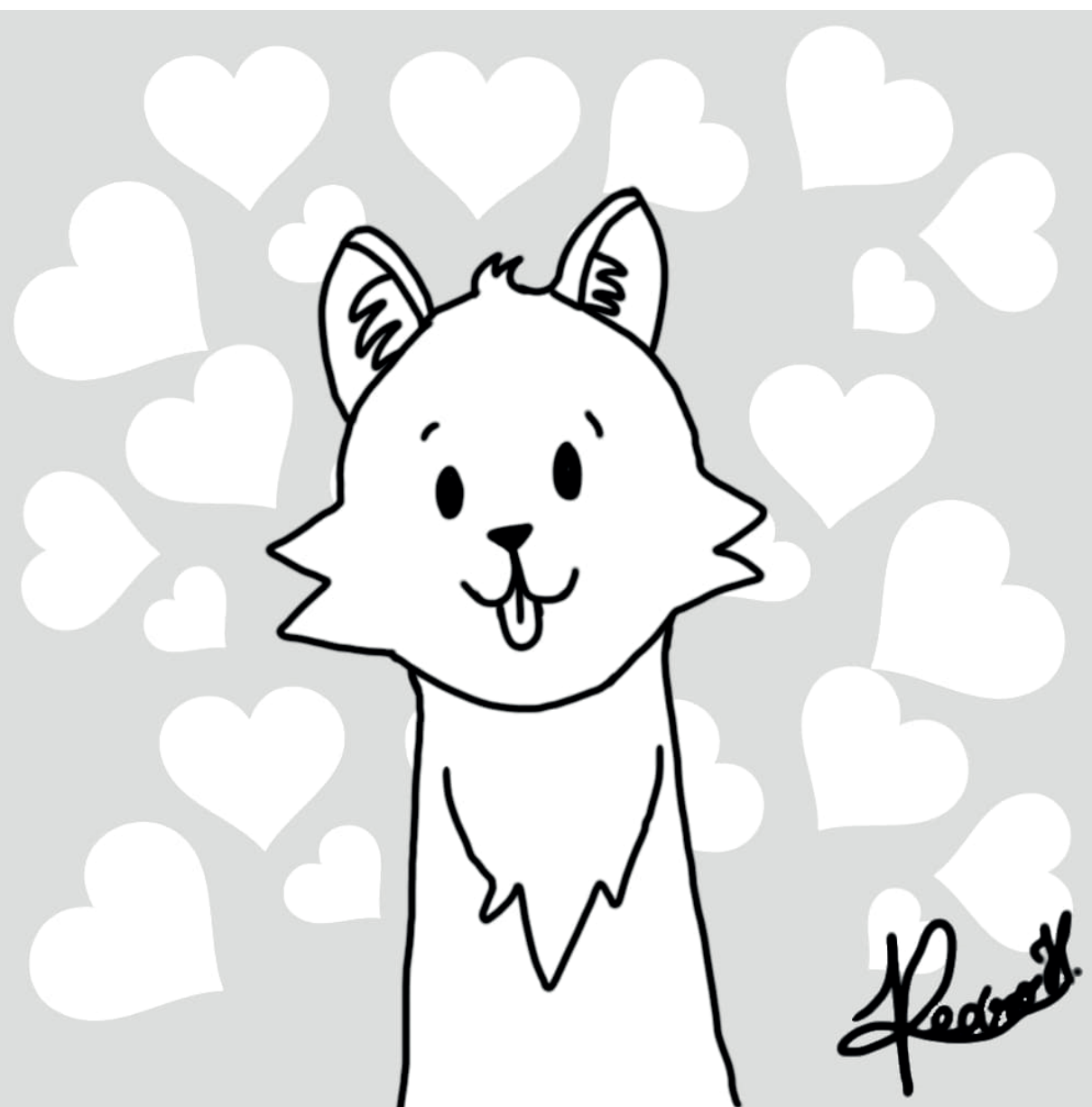
A top-down view of numerous colored pencils arranged in a circular pattern on a textured, light brown paper surface. The pencils are of various colors including purple, blue, green, yellow, red, orange, pink, brown, black, and grey. The tips of the pencils are pointed towards the center of the circle.

PARA  
COLORIR

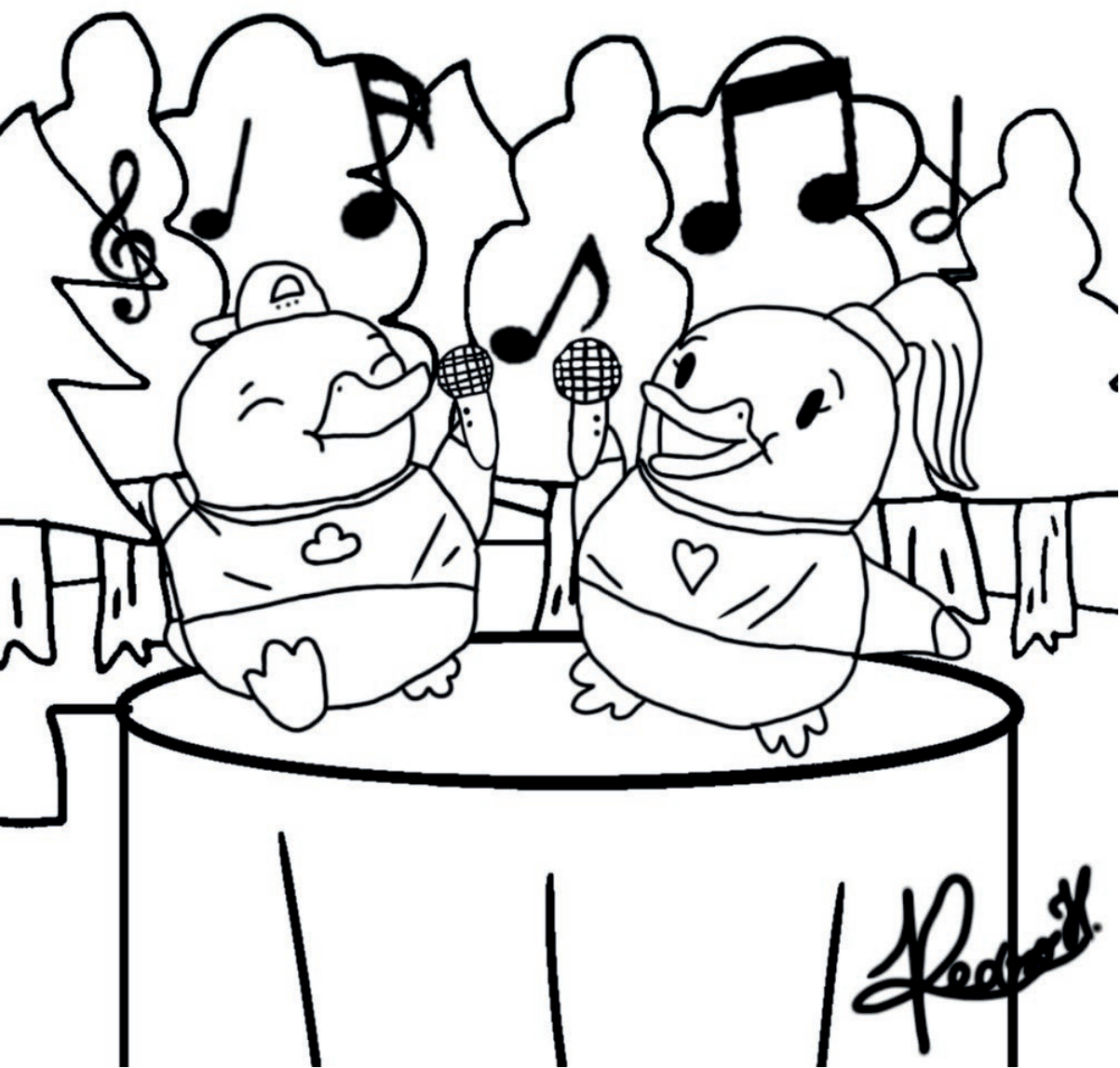


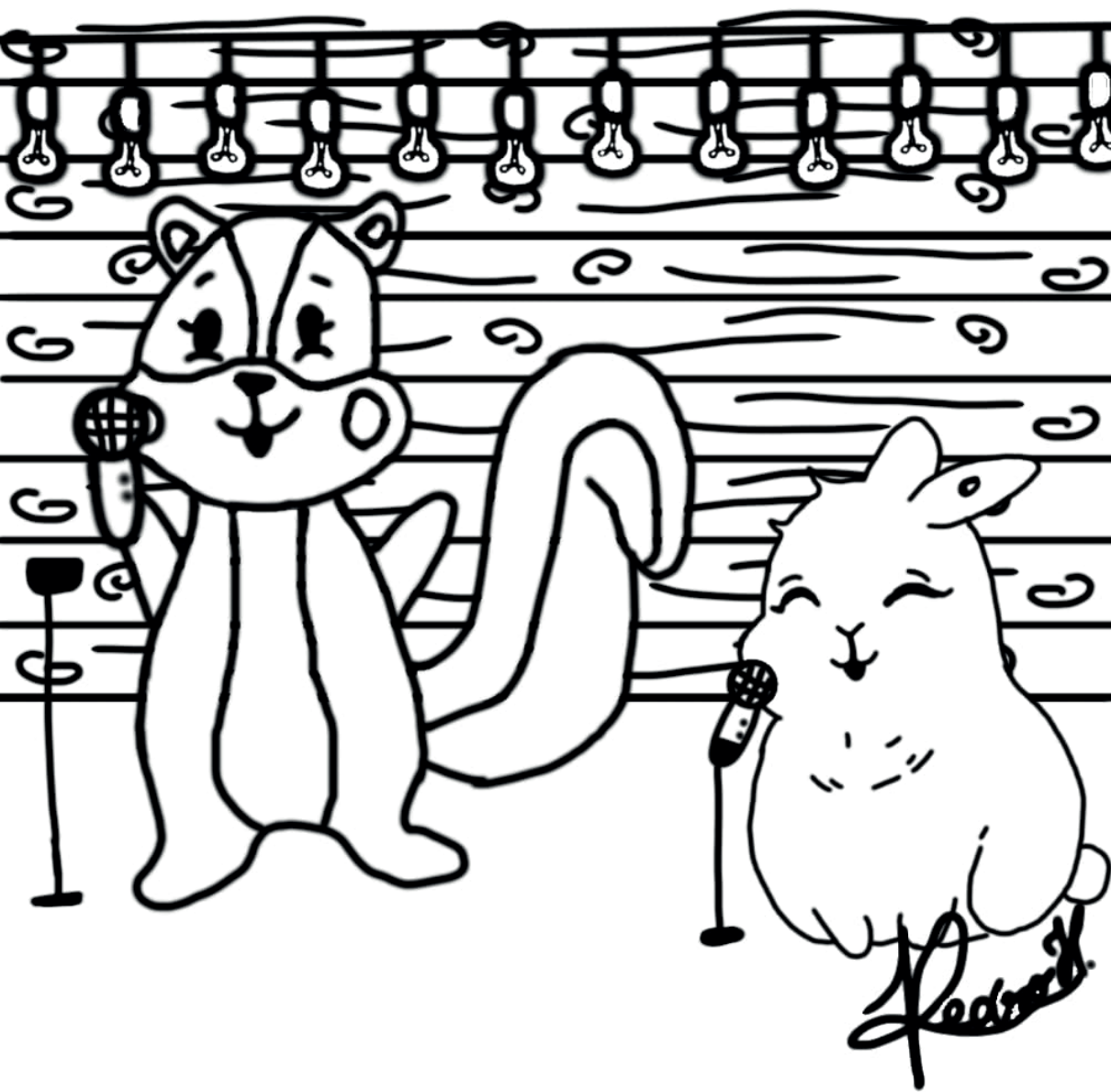


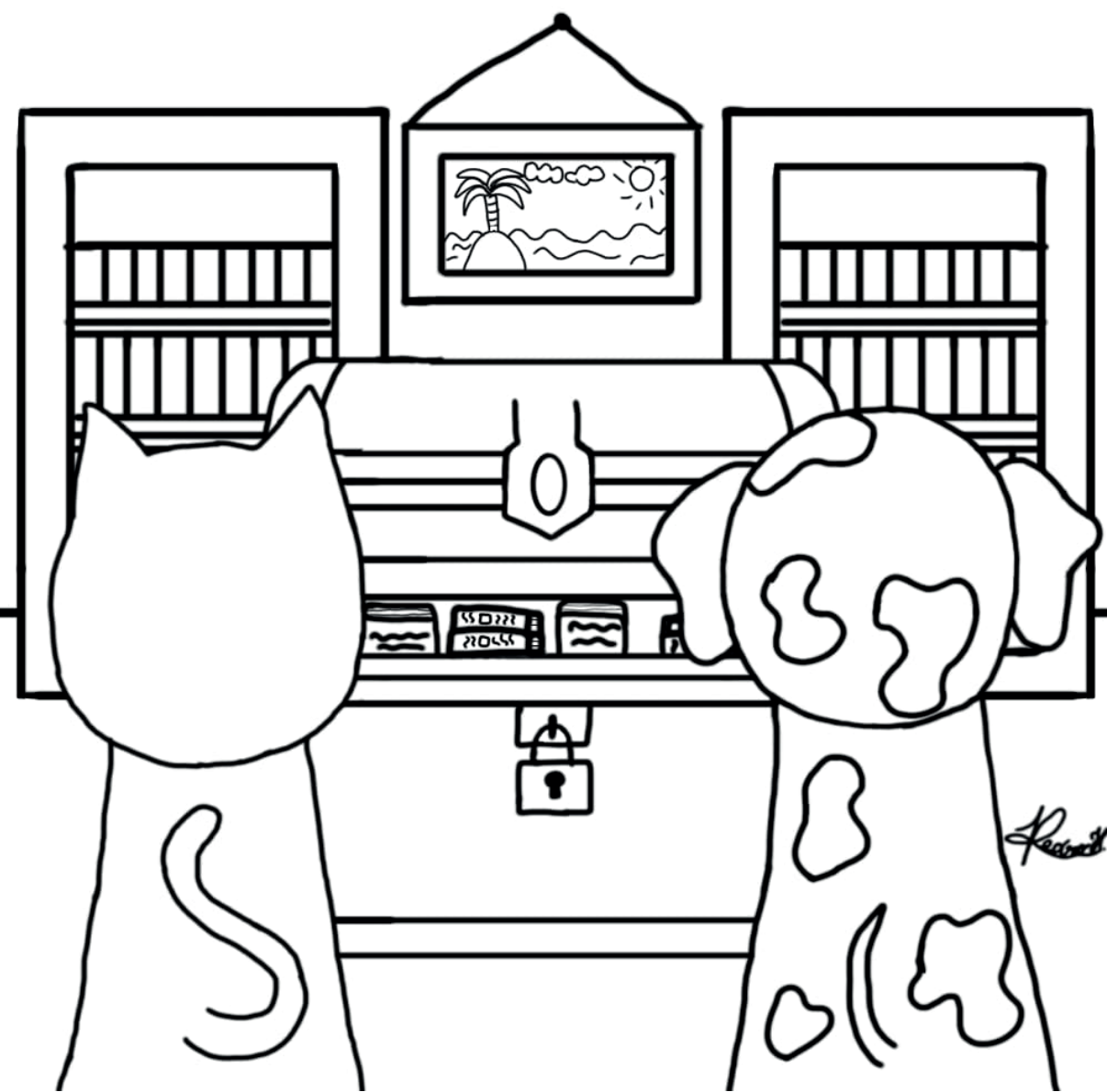






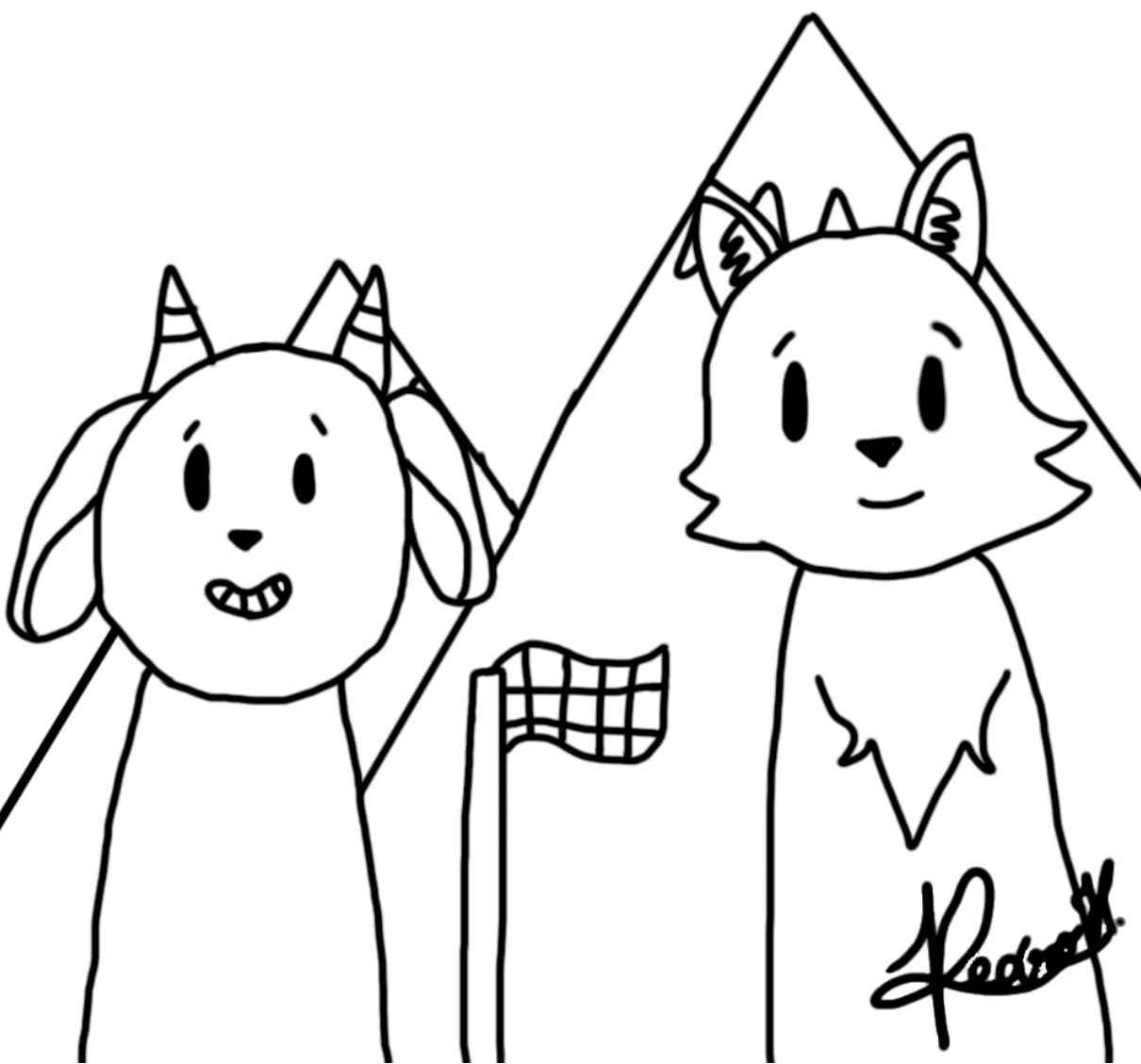








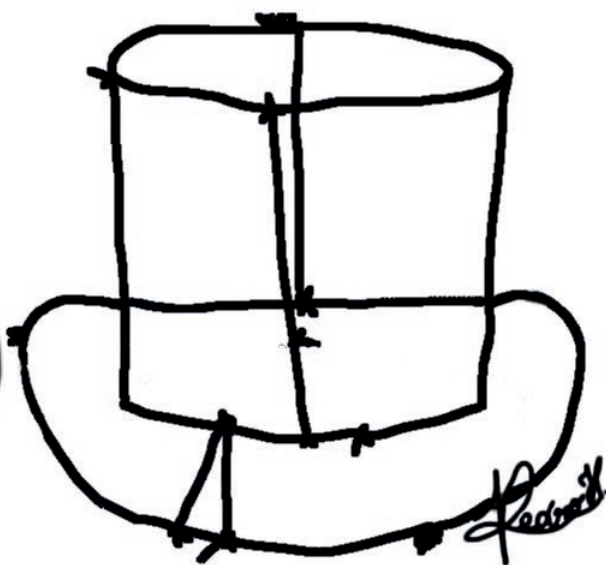
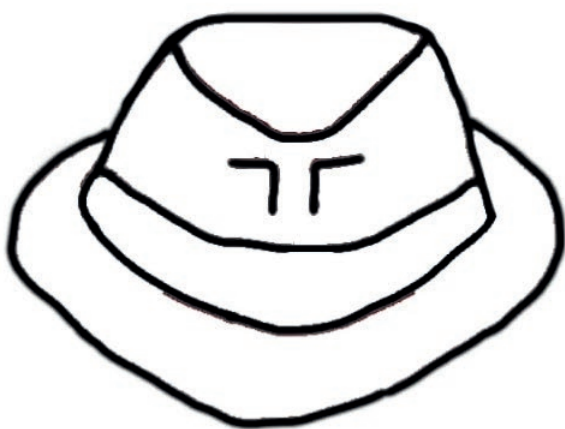
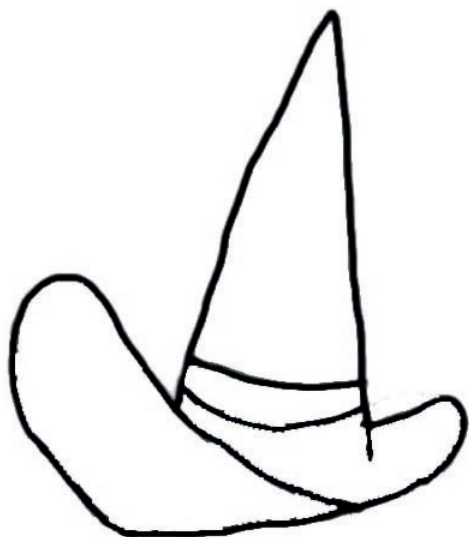


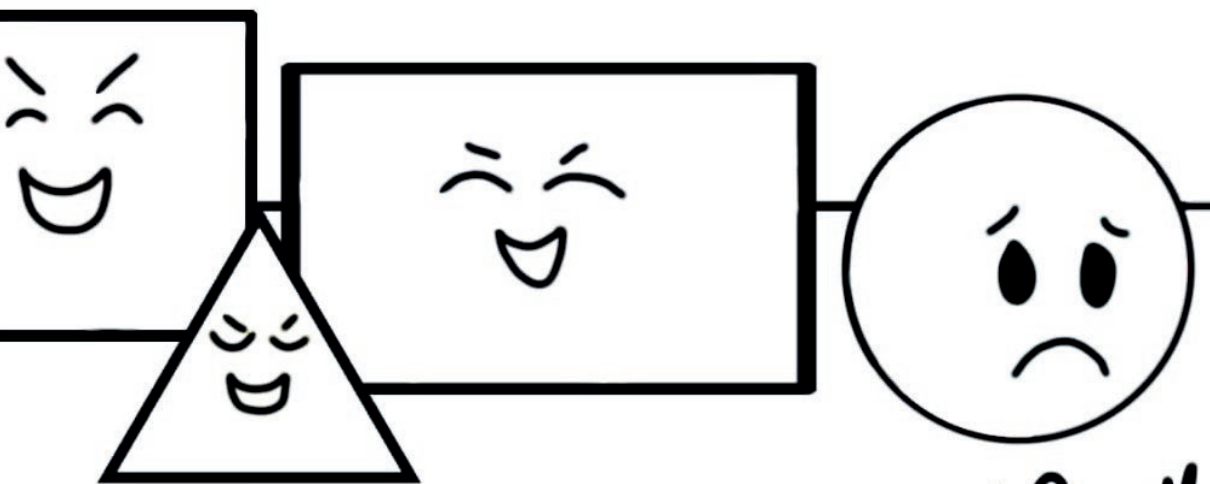




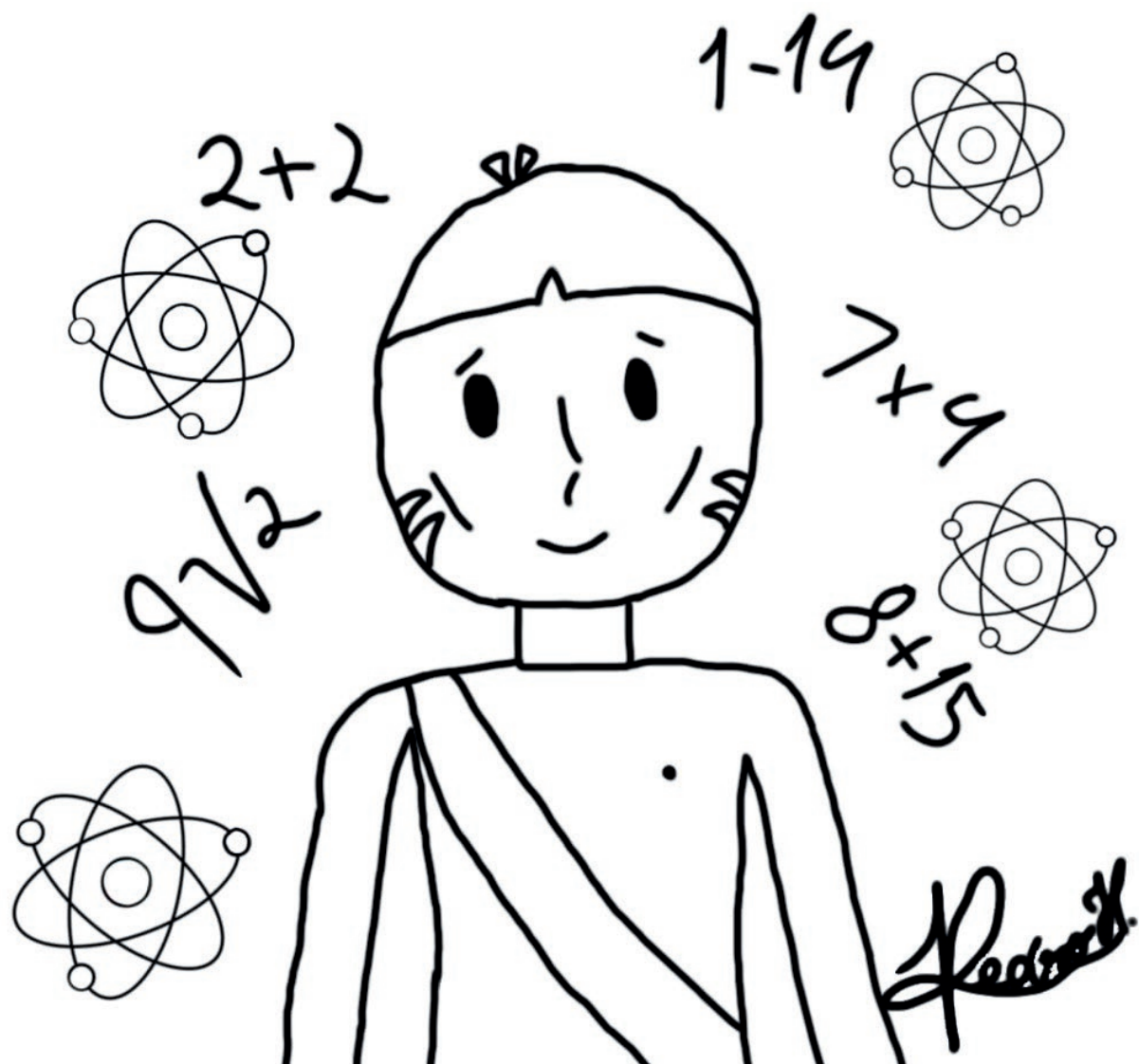






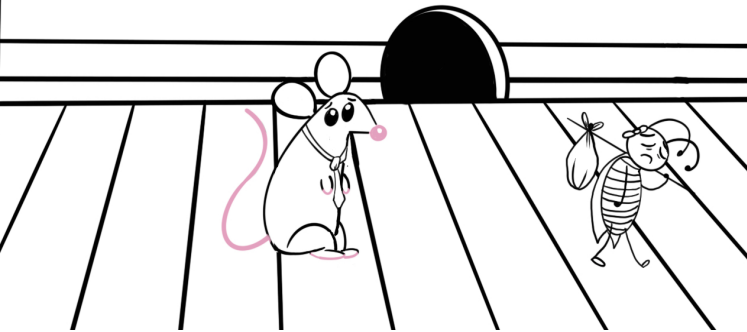
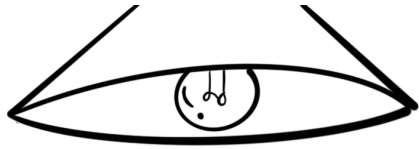
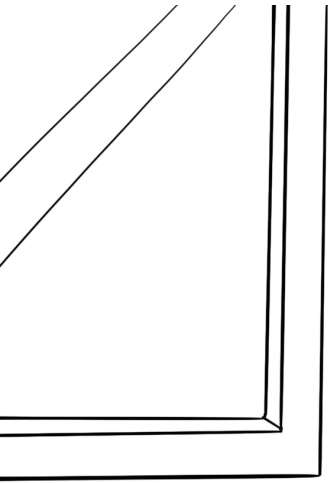


*Redmond*





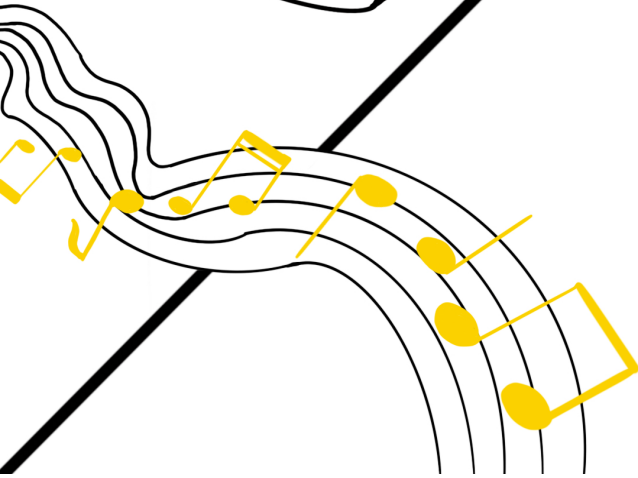








@Sofia.L.1080



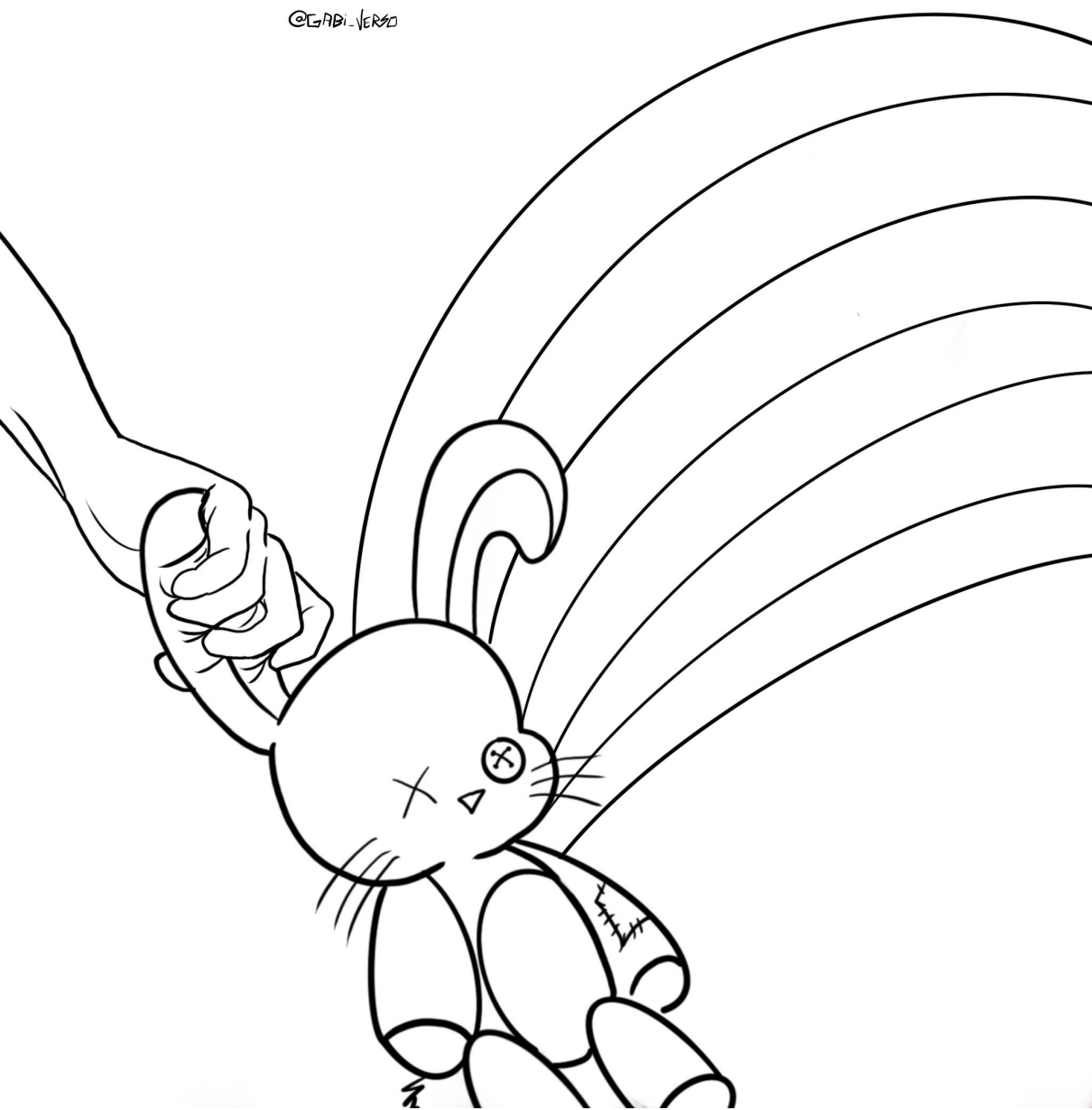
🔋 ⚡ 📶 📷 AUTO

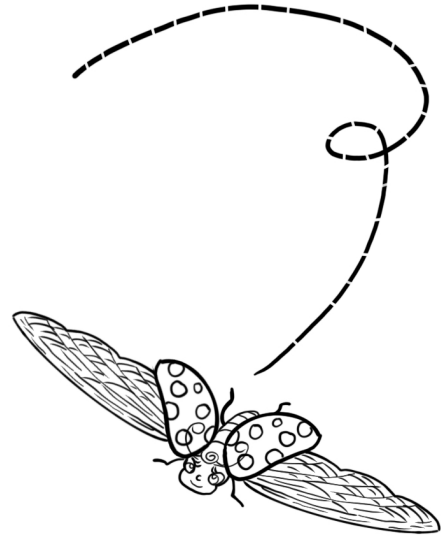
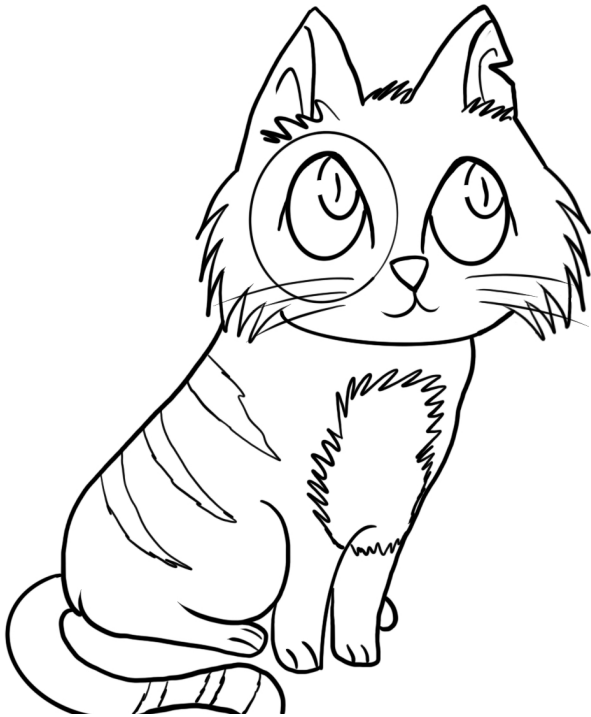
4K

● REC



©GABI-VERSO







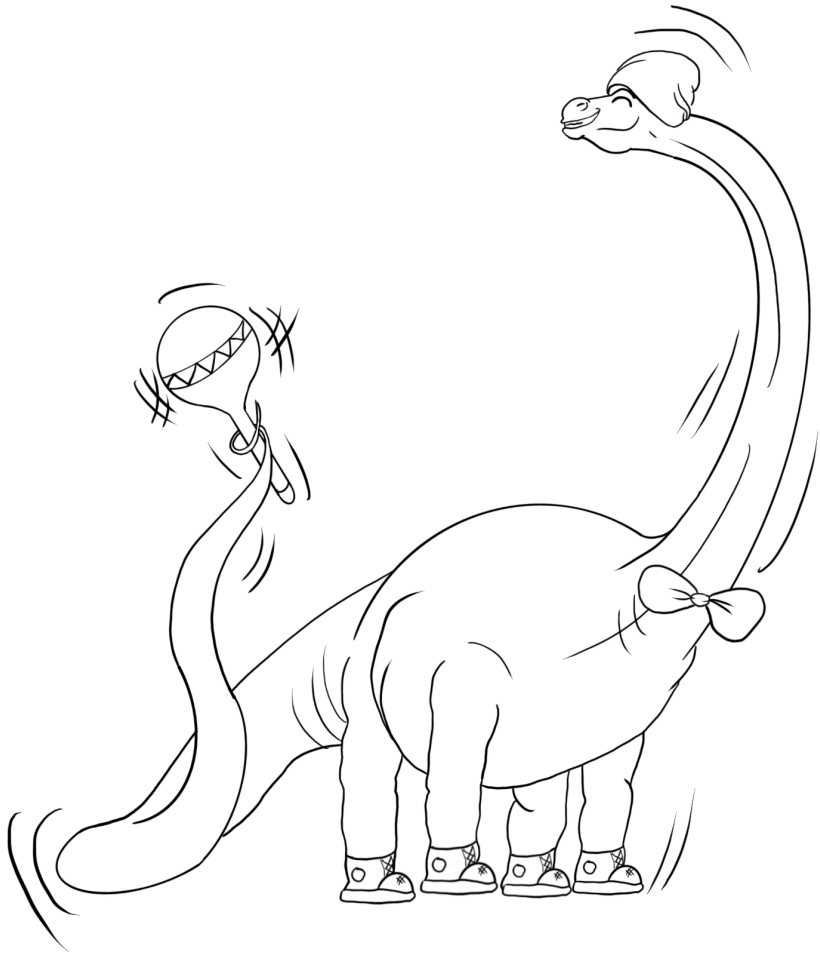
@ERBI\_VERSO



©CEFA. VEPAP







©GABI\_VERSO





EDITORA  
SCHREIBEN



Maria 

Manuela Moreira Pinheiro